

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA – PROMESTRE**

DIÊGO CRUZ ARGÔLO

**DESTRANCAR-TUDO:
A dinâmica circular dos banhos de folhas no Colégio Estadual Luiz Viana Filho**

Belo Horizonte

2024

DIÊGO CRUZ ARGÔLO

**DESTRANCAR-TUDO:
A dinâmica circular dos banhos de folhas no Colégio Estadual Luiz Viana Filho.**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência (PROMESTRE), Faculdade de Educação da Universidade de Minas Gerais (UFMG), como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação e Docência.

Linha de pesquisa: Educação, Ensino e Humanidades.

Orientadora: Prof. Dr.a. Conceição Clarete Xavier Travalha.

Co-orientador: Vinícius da Silva Lírio.

Belo Horizonte

2024

A693d Argôlo, Diêgo Cruz, 1986-
T Destrancar-tudo [manuscrito] : a dinâmica circular dos banhos de folhas no Colégio Estadual
Luiz Viana Filho / Diêgo Cruz Argôlo. -- Belo Horizonte, 2024.
181 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
[Inclui produto educacional no anexo A (f. 150-163)]. Orientadora:
Conceição Clarete Xavier Travalha.
Coorientador: Vinícius da Silva Lírio. Bibliografia: f.
145-149.
Anexos: f. 150-180.

1. Educação -- Teses. 2. Educação -- Relações raciais -- Teses. 3. Educação -- Relações
étnicas -- Teses. 4. Educação -- Aspectos religiosos -- Teses. 5. Cultura afro-
brasileira -- Estudo e ensino (Ensino médio) -- Teses. 6. Plantas medicinais -- África -- Estudo e ensino (Ensino médio) --
Teses. 7. Plantas medicinais -- África -- Rituais -- Estudo e ensino (Ensino médio) -- Teses. 8.
Plantas medicinais -- África -- Banhos -- Estudo e ensino (Ensino médio) -- Teses. 9.
Espiritualidade -- Aspectos educacionais -- Teses. 10. Cultos afro-
brasileiros -- Aspectos educacionais -- Teses. 11. Cultos afro-brasileiros -- Rituais -- Estudo e ensino (Ensino médio) --
Teses. 12. Cultos afro-brasileiros -- Banhos -- Estudo e ensino (Ensino médio) -- Teses. 13.
Estudantes -- Identidade racial -- Teses.

I. Título. II. Travalha, Conceição Clarete Xavier. III. Lírio, Vinícius da Silva, 1983-
IV. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.19342

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)
Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS FACULDADE DE
EDUCAÇÃO
PROMESTRE - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
DOCÊNCIA/MP

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DIÊGO CRUZ ARGÔLO

Realizou-se, no dia 20 de junho de 2024, às 09:00 horas, na sala de teleconferência da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 518ª defesa de dissertação, intitulada A dinâmica circular dos banhos de folhas no Colégio Estadual Luiz Viana Filho, apresentada por Diêgo Cruz Argôlo, número de registro 2022658609, graduado no curso de Ciências Biológicas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Conceição Clarete Xavier Travalha - Orientador (Universidade Federal de Minas Gerais), Prof(a). Vinicius da Silva Lirio (Universidade Federal de Minas Gerais), Prof(a). Natalino Neves da Silva (Universidade Federal de Minas Gerais), Prof(a). Laureci Ferreira da Silva (Universidade Federal da Bahia).

A Comissão considerou a dissertação:

- Aprovada.
 Reprovada.
 Aprovada com indicação de correções.

A Banca sugeriu e o candidato acatou a mudança do título da dissertação para:

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 20 de junho de 2024.

Prof(a). Conceição Clarete Xavier Travalha (Doutora)

Prof(a). Vinicius da Silva Lirio (Doutor)

Prof(a). Natalino Neves da Silva (Doutor)

Prof(a). Laureci Ferreira da Silva (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por **Vinicius da Silva Lirio, Professor do Magistério Superior**, em 11/07/2024, às 10:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Natalino Neves da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 11/07/2024, às 10:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Laureci Ferreira da Silva, Usuária Externa**, em 12/07/2024, às 12:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Conceição Clarete Xavier Travalha, Professora do Magistério Superior**, em 29/07/2024, às 16:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0,](#)

informando o código verificador 3292122 e o código CRC AB4A796B.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai, Bené (em memória),
que me proporcionou os melhores anos da minha vida, convivendo no Terreiro.
Sempre vou te amar.

Ao meu sobrinho, Netinho (em memória),
que me ensinou a ser uma pessoa melhor. Sua alegria era contagiante. Saudades, meu amor.

À minha Mãe, Maria, mulher íntegra e guerreira. É ela que me dá colo quando preciso.
Te amo.

À minha Mãe, Nany, que nunca largou a minha mão nas minhas jornadas.
Você é o meu alicerce. Te amo.

Aos meus queridos/as irmãos/ irmãs, Mariselma, Fábio e Márcio, por sempre acreditarem em
mim. Amo vocês.

A professora Marilene Sacramento Miranda, a minha inspiração nos estudos e na minha
profissão. Te amo.

A professora Laureci Ferreira da Silva, esse ser de luz que Deus e os Orixás colocaram em
minha vida. Te amo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a:

Deus, pela minha existência e pelas graças alcançadas,

Meus Nkisis e Nkisianis, por serem meus/minhas guias espirituais e me protegerem sempre.
Kiuá Tateto Burngunzo.

Banca examinadora, por aceitar o convite para participar da defesa desse trabalho,

Minha Pró Teka, por todo carinho e paciência comigo nas orientações. Axé.

Meu Professor Vinícius, por todo comprometimento, paciência e por acreditar em mim. Axé.

A minha mãe Maria e meu pai Bené (em memória) pela minha formação humana e íntegra.

A minha Mãe/irmã Nany, pelo apoio total na minha vida e por ser minha fortaleza quando o meu chão desmorona.

Aos/as irmão/irmãs Márcio, Selma e Fábio por lutarem pela minha vitória,

Aos meus irmãos e irmãs, pelo apoio e carinho,

Aos/as meus amigos, pelos momentos felizes e tristes que passamos juntos,

Aos meus irmãos de Santo, pelos momentos felizes na vivência no Terreiro,

A minha amiga Marilene Miranda, por ser minha inspiração e me incentivar a estudar sempre,

A minha Professora Laureci, por sempre acreditar no meu potencial e me oportunizar a alcançar voos cada vez mais altos,

A minha amiga Bruna, por estar comigo nas viagens e aulas do Mestrado. Obrigado.

A meu amigo Kauã Matheus, pelas belíssimas fotos,

Aos/às Meus/minhas sobrinhas que estão sempre do meu lado. Amo vocês.

Ao Meu amigo, irmão e compadre Mailson Paim, por me incentivar a nunca desistir dos meus sonhos e por estar presente em todas as horas, boas e ruins. Somos de Nzazi, irmão.

A minha família de Nazaré das Farinhas, irmã Vilma, Mãe Aline e Ariana, vocês são o verdadeiro significado de família.

Aos/as professores/as do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, pelo companheirismo e serem comprometidos em promover uma educação pública de qualidade;

Aos/as funcionários/as do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, pelo apoio e companheirismo nas ações promovidas no espaço escolar.

A Dona Edna, por abrir as portas de sua casa para os/as estudantes e nos inspirar em ser pessoas melhores. Muito obrigado.

A minha irmã de santo e benzedeira Anair, por nos livrar dos males do olho grosso e quebranto. Muito obrigado.

Aos Erveiros da Feira de São Joaquim, por tirarem um momento do seu curto tempo para trocar conhecimento,

A minha amiga Thalita Lírio, pelo incentivo e pela revisão do meu trabalho.

A dona Maria Ferreira da Silva, por gostar de mim e me acolher, desde o primeiro dia que me viu,

As minhas amigas, Amanda, Flor Paim, Gleide Martins e Priscila, por serem as minhas primeiras companhias no colégio Estadual Luiz Viana Filho. Aprendi muito com vocês. Saudades.

As professora Márcia de Oliveira Sales por acreditar sempre em mim,

Ao Grupo de estudos *GENTES*, em nome da Pró Laureci, por me acolher e me proporcionar partilhas de conhecimentos inimagináveis. Sem esse grupo, eu não estaria nessa etapa da minha vida acadêmica,

Grupo de Pesquisa e ação *Griô: Culturas populares, ancestralidades e educação*, em nome do Professor Pedro Abib, por me fazer acreditar em diferentes formas possíveis de conhecimentos,

Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência (PROMESTRE),

Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG),

Professores do Mestrado Profissional – PROMESTRE, que me acolheram com amor e carinho.

Aos/as professores/as do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, pelo companheirismo e serem comprometidos em promover uma educação pública de qualidade;

Aos/as funcionários/as do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, pelo apoio e companheirismo nas ações promovidas no espaço escolar.

Aos/as meus/minhas estudantes/aliados/as, por aceitarem ser os participantes da pesquisa e compartilharem seus saberes comigo. Amo vocês.

Ao Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, em nome de mãe Nany e todos/a os/as adeptos, pelo acolhimento e pelos gunzos (axés) que nos proporcionam.

“Mas um punhado de folhas sagradas,
Pra me curar, pra me afastar de todo o mal”.

Luedji Luna

RESUMO

Neste estudo, apresento uma discussão e reflexão sobre o processo de (auto)identificação étnico-racial de estudantes do 2º ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Luiz Viana Filho (CELVF), de Candeias-Bahia, através do estudo da cultura dos rituais de banhos de folhas sacrais e medicinais, à luz dos estudos decoloniais e do letramento racial crítico. Incluindo a imersão em diferentes espaços ancestrais – terreiro de candomblé, quintais de benzedadeiras, comerveiros de feiras livres e outros quintais ancestrais – o intuito era que os/as alunos/as e o professor-pesquisador discutissem e refletissem sobre o silenciamento e o cerceamento dessas manifestações culturais e acerca do racismo religioso, no ambiente escolar. Para tanto, a metodologia utilizada foi a autoetnográfica, uma vez que eu sou o pesquisador/pesquisado que objetiva compreender a si através da reflexão e do contexto sociocultural no qual estou imerso. Junto a isso, utilizo a cartografia, que permite que o investigador registre dinamicamente as etapas do seu percurso autoformativo e dos/as estudantes, enquanto ele está acontecendo. Os dados da pesquisa englobam registros audiovisuais e escritos, através dos diários de bordo dos/as participantes, durante as interações no que denominei de *Momentos Ancestrais*, que configuram, junto às *Sequências de Vence-Demandas*, o produto educacional desse estudo. A pedagogia de projeto foi utilizada como estratégia metodológica que possibilitou a confluência entre a cultura do uso de banhos de folhas sacrais e medicinais ao contexto sociocultural dos/as participantes e, logo, daquela comunidade. Com isso, os/as estudantes tiveram a oportunidade de identificar e refletir sobre os diversos racismos/Kizilas presentes no espaço escolar.

Palavras-chave: (auto)identificação étnico-racial; rituais; banhos de folhas sacrais e medicinais; racismo religioso; manifestações culturais.

ABSTRACT

In this study, I present a discussion and reflection on the process of ethnic-racial (self)identification of 2nd year high school students at the Luiz Viana Filho State College (CELVF), in Candeias-Bahia, through the study of the culture of sacral and medicinal leaf bath rituals, in the light of decolonial studies and critical racial literacy. Including immersion in different ancestral spaces – Terreiros de Candomblé, Benzedeiras backyards, herbalists from street markets and other ancestral backyards - the aim was for the students and the teacher-researcher to discuss and reflect on the silencing and curtailment of these cultural manifestations and on religious racism in the school environment. To this end, the methodology used was autoethnographic, since I am the researcher/researched who aims to understand myself through reflection and the socio-cultural context in which I am immersed. In addition, I use cartography, which allows the researcher to dynamically record the stages of his or her self-formative journey and that of the students, while it is happening. The research data includes audiovisual and written records, through the participants' logbooks, during the interactions in what I have called Ancestral Moments, which together with the *Vence-Demandas* Sequences make up the educational product of this study. Project pedagogy was used as a methodological strategy that made it possible to bring together the culture of using sacral and medicinal leaf baths with the socio-cultural context of the participants and, therefore, of that community. As a result, the students had the opportunity to identify and reflect on the various racisms/Kizilas present in the school environment.

Keywords: ethnic racial (self)identification; rituals; sacral and medicinal leaf baths; religious racism; cultural manifestations.

LISTA DE SIGLAS

BA – Bahia

CELFI – Colégio Estadual Luiz Viana Filho

EJA – Educação de Jovens e Adultos

GENTES – Grupo de Estudos Novas epistemologias, temáticas e Saberes

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PETROBRAS – Petróleo Brasileiro S/A

LRC – Letramento Racial Crítico

SEC – Secretaria de Educação do estado da Bahia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Localização do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi	29
Figura 2	Tateto Benedicto, no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi	31
Figura 3	Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi na época da inauguração	31
Figura 4	Mameto Maria do Amparo	33
Figura 5	Ritual de entrega das comidas sagradas aos Nkisis	34
Figura 6	Eu e meus/minha irmãos/irmã biológicos/a e espirituais	37
Figura 7	Reinauguração do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi	39
Figura 8	Remanescente de Mata Atlântica	44
Figura 9	Quintal do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi	46
Figura 10	Feira livre de São Joaquim	47
Figura 11	Mãe Nany no Bakise Tarameso	50
Figura 12	Mãe Nany manipulando os búzios	51
Figura 13	Prescrição do ritual para a professora L.F.	53
Figura 14	Prescrição de banhos através do jogo de búzios de Mãe Nany para a Professora L.F.	53
Figura 15	Ritual de Entrega do presente para Mameto Ndandalunda	55
Figura 16	Eu no processo ritualístico de iniciação no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi	64

Figura 17	Imagem das folhas que representam os/as aliados/as	77
Figura 18	Cartografia sobre o percurso da pesquisa	99
Figura 19	Eu com estudantes no Projeto didático no CELVF	101
Figura 20	Eu com estudantes no Projeto didático no CELVF	103
Figura 21	Aliado escrevendo sua autobiografia	106
Figura 22	Trilha de conhecimentos no quintal	110
Figura 23	Roda de Conversa no Quintal de Dona Edna	110
Figura 24	Demonstração das folhas para banhos e benzeduras	115
Figura 25	Demonstração das folhas para banhos e benzeduras	117
Figura 26	Senhor M.A. com os/as participantes da pesquisa.	121
Figura 27	Roda de conversa com o Senhor A.G.	124
Figura 28	Ritual da água da quartinha	129
Figura 29	Mesa do jogo de Búzios	130
Figura 30	Demonstração dos rituais de banhos de folhas	132
Figura 31	Ritual de sacudimento	133
Figura 32	Comida ancestral: Caruru	136
Figura 33	O que Alfazema achou da experiência com dona Edna	137

SUMÁRIO

ANCESTRALIDADE ABRINDO CAMINHOS	15
1 CONHECIMENTOS CONSTRUÍDOS NA COMUNIDADE DE TERREIRO.....	27
1.1 O Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi: espaço de re-criação, afeto e afecção.....	30
1.2 Sem Natureza não há Nkisi.....	40
1.3 Prescrições dos Banhos.....	47
2 A ANCESTRALIDADE: DEMANDAS SERÃO VENCIDAS.....	58
2.1 Eu, Filho de Benedito Macumbeiro.....	61
2.2 O espaço escolar e suas demandas.....	73
2.3 Quem são estes/as estudantes/aliados/as.....	70
2.3.1 Caracterização dos/as aliados/as.....	76
2.3.1.1 Espada de Ogum.....	77
2.3.1.2 São Gonçalinho.....	78
2.3.1.3 Capim-Santo.....	80
2.3.1.4 Alfazema.....	81
2.3.2.5 Alecrim.....	82
2.3.1.6 Camomila.....	84
2.3.1.7 Manjeriçã.....	85
2.3.1.8 Aroeira.....	86
3 ANCESTRALIDADE DOS BANHOS ABRINDO CAMINHOS E COMBATENDO KIZILAS NA COMUNIDADE DO CELVF.....	89
3.1 Primeiro Momento Ancestral: Convite e acolhida.....	94
3.2 Segundo Momento Ancestral: quem sou eu?.....	101
3.3 Terceiro Momento ancestral: Quintal da Mestra Edna.....	107
3.4 Quarto Momento Ancestral: Mestra Benzedeira Anair.....	113
3.5 Quinto Momento Ancestral: Feira de São Joaquim.....	120
3.6 Sexto Momento Ancestral: Vivência no terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi.....	125
4 O QUE ESTE ESTUDO NOS REVELOU: A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS POR MEIO DOS RITUAIS DE BANHOS DE FOLHAS CONTINUA.....	137
REFERÊNCIAS.....	148
ANEXOS.....	153

Katendê¹ entrega para Nzila² sete tipos de folhas sacrais que derrubam barreiras e abrem caminhos.

ANCESTRALIDADE ABRINDO CAMINHOS

*Nzila ukanguê
Nzila Ukanguê aê orerê
Nzila Ukanguê aê orerê
Pambu Nzila Kuja Kujanjô³*

*Nzila dono dos caminhos
Nzila dono dos caminhos aê orerê
Nzila dono dos caminhos aê orerê
Pambu Nzila só você pode abrir os caminhos*

Começo pedindo Nbandagira⁴ aos meus ancestrais para utilizar a força dos rituais de banhos de folhas sacrais e medicinais, principalmente ao guardião dos caminhos, Pambo Nzila, através do cântico entoado para começar o ritual festivo. Só ele pode abrir os caminhos.

Conta a história que o Nkisi⁵ Katendê deu a Nzila sete tipos de folhas sacrais. Essas folhas têm a energia de abrir os caminhos e criar possibilidades de criação. Temos que pensar em prosseguir a vida com a abertura de caminhos que Nzila possibilita para que tudo aconteça.

É pensando em abrir caminhos para possibilidades outras de construção de conhecimento, que apresento o tema do meu estudo: a circularidade dos banhos de folhas sacrais e medicinais, ligados aos rituais do Terreiro Onzo⁶ Matondo⁷ Tata⁸ Nzambi⁹, aos Quintais Ancestrais, às Benzeduras e aos Erveiros das feiras livres, com estudantes do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, em Candeias-Bahia. Esses processos ritualísticos com o uso de folhas podem contribuir para o contato e o conhecimento de uma ancestralidade cultural que atravessa gerações.

¹ Nkisi Katendê guardião das folhas e protetor das matas. É semelhante ao orixá Ossain para os iorubas.

² Nkisi Nzila, dono dos caminhos e encruzilhadas. É semelhante ao Orixá Exu para os iorubas.

³ Música na língua Bantu, cantada nos rituais em homenagem à Nzila no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi. Pambo Nzila, dono dos caminhos.

⁴ Na língua Bantu, Nbandagira significa pedido de licença.

⁵ Divindade da Cultura Bantu, é o mesmo que Orixá, na cultura Ioruba

⁶ Onzo significa Casa ou Terreiro, na língua Bantu.

⁷ Matondo significa viva, na língua Bantu.

⁸ Tata significa Pai, na língua Bantu.

⁹ Nzambi significa Deus na língua Bantu

Tudo começa no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, na cidade de São Sebastião do Passé-BA, área metropolitana de Salvador. Nesse espaço ancestral, nasci, me criei e, também, vivencio uma das principais manifestações culturais afro-religiosas, o ritual de banhos de folhas sacrais e medicinais.

Sou filho de mãe e pai candomblecistas¹⁰. Esses fatos contribuíram para o processo de construção da minha identidade pessoal e profissional. Cabe destacar que, nessa religião, aprendi a viver coletivamente e a partilhar saberes empíricos diversos, utilizando sempre a oralidade. Nesse sentido, a palavra tem que ser vivenciada e não só falada, pois a experiência confirma o poder da oralidade, como afirma Eneida Silva (2020, p.56), para quem “a oralidade tem uma importante relação com a memória. Não aquela cristalizada em registros escritos, mas uma memória viva, grafada no corpo [...]”.

Nesse contexto, o Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi é considerado, nesse estudo, como um campo de re-criação, no qual é proporcionado, aos seus adeptos, a partilha de conhecimentos na coletividade, através da oralidade, de geração em geração, possibilitando a criação e re-criação de rituais indispensáveis para a conservação do Terreiro. Também abordei, aqui, as dimensões desse campo de re-criação¹¹ no cotidiano desse espaço ancestral.

A primeira dimensão é o ritual da culinária ancestral do Terreiro; a segunda, a formação dos cargos e funções que meus irmãos/as e eu desempenhamos no Terreiro; a terceira é o ritual do pedido de licença aos Nkisis; o quarto é o processo formativo de Mãe Nany no Terreiro e a quinta é o reforço escolar.

Nesse campo de re-criação, com seis anos, fui iniciado no candomblé e, desta época em diante, percebi que práticas culturais do uso de banhos de folhas e outros rituais estavam sendo descaracterizadas pelas atitudes preconceituosas de boa parte das pessoas de minha terra natal. Na escola, não foi diferente.

Durante a minha vida de estudante da Educação Básica, tanto no ensino público como no privado, e, também, no Ensino Superior, sofri racismo religioso por ter me declarado candomblecista. Os rituais de vencer-demandas¹², que vivencio no Terreiro Onzo Matondo,

¹⁰ Pessoas que seguem a religião do candomblé, que também podem ser chamadas de “povo de santo” ou adeptos/as do candomblé.

¹¹ Dialogando com os estudos de Vinícius Lório (2014), utilizo o re- (com hífen) quando se fala em criar não existe possibilidade de criação igual, porém o prefixo “re” junto traz essa leitura de criação igual. Já com hífen, traz a ideia de construir o processo inauguralmente mais uma vez, sempre inédito.

¹² Vencer demandas é derrubar kizilas. É organizar o que está desorganizado. É completar o que está incompleto.

emanaram forças para que eu enfrentasse as kizilas¹³ na comunidade do meu bairro e, também, das instituições de ensino formal.

Essas práticas dos banhos de folhas, preparados com folhas maceradas ou fervidas, como aroeira, canela-de-velho, folha da costa, entre outras, fazem parte dos meus processos identitários e de (auto)identificações, entrelaçadas as de outros adeptos do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi. Estes rituais foram formados pelos africanos em contato com outras culturas, tais como as dos povos indígenas e europeus (Botelho, 2010).

Por outro lado, essa mistura de culturas no Brasil garantiu a manutenção dos costumes da fé cristã, estereotipando todas as manifestações culturais de origem africana, até os dias atuais. (Nogueira, 2020). Esse descaso em relação a essas manifestações culturais é visível e frequente nos discursos e nas atitudes em ambientes sociais distintos que eu frequento.

Considerando esse pensamento, o silenciamento dos rituais dos banhos de folha era vivenciado por mim, no meu local de trabalho, no Colégio Estadual Luiz Viana Filho (CELVF), desde 2013. Nesta unidade escolar, era visível que grande parte das práticas pedagógicas era desenvolvida sem considerar o contexto sociocultural dos atores que compõem a sala de aula, mesmo esta prática estando presente na cultura da cidade onde o colégio está localizado. Faço essa afirmação por meio de coleta e análise dos dados das rodas de conversa e dos diários de bordo dos/as participantes/aliados/as do estudo produzidos durante a pesquisa, principalmente nas vivências dos Momentos Ancestrais.¹⁴

É preciso, nesse caso, considerar o CELVF como um espaço multicultural, formado por pessoas de diferentes etnias, gêneros, idades, origens e condições socioeconômicas. Dessa forma, gestores, professores, estudantes e outros membros da comunidade escolar, foram convidados/as para re-conhecerem esta diversidade, dialogando “[...] com outros tempos e com múltiplos espaços em que nos humanizamos: a família, o trabalho, o lazer, os círculos de amizade, a história de vida de cada um” (Gomes, 2000, p.73).

Essa mesma autora acrescenta que, mais do que diversificar as atividades pedagógicas, é preciso discutir e implementar:

Uma educação voltada para a produção do conhecimento, assim como para a formação, posturas e valores que eduquem cidadãos para (e na) diversidade étnico-racial, significa a compreensão e a ampliação do direito à diferença como um dos pilares dos direitos sociais. Implica também a formação de

¹³ Kizilas: Reações negativas que atingem as pessoas. Um banho de folha, por exemplo, sem a devida

¹⁴ As oficinas vão ser chamadas nesse estudo como Momentos Ancestrais, por considerar partes de um ritual dos banhos de vence-demandas. Esses Momentos serão apresentados no terceiro ritual (capítulo) dessa dissertação.

subjetividades inconformistas diante das práticas racistas e com conhecimentos teórico-conceitual mais aprofundados sobre a África e as questões afro-brasileiros. (Gomes, 2013, p.21)

Nesse sentido, concordo com o pensamento de Relindes Dalva de Assis (2016, p. 2), pois ela afirma que o contexto da escola não estava em harmonia com a Lei Federal 10.639/2003:

[...] veio para alterar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei 9394/96) tornando obrigatório o estudo sobre a cultura e história afro-brasileira e africana nas instituições públicas e privadas de ensino e as diretrizes-curriculares Nacionais para a implantação da Lei, são políticas de ações afirmativas, frutos de anos de luta do Movimento Negro para que o estado brasileiro reconhecesse o racismo e traçasse estratégias para combatê-los.

Esta lei foi criada para que as escolas se envolvessem na batalha antirracista e, também, na proposta de reparação à população negra. Esse é um dos motivos que me provocou a realizar esta pesquisa, a fim de discutir e refletir sobre outros caminhos, ofertados por Nzila, para os processos pedagógicos no CELVF.

Em 10 de março de 2008, foi implementada a lei 11.645, que modificou a lei 10.639/03 e, além de manter obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira, também acrescentou a obrigatoriedade do ensino e história da cultura indígena. Esta lei também não era contemplada de forma crítica e integral no cotidiano do CELVF.

Neste estudo, a proposta é que os/as participantes envolvidos reflitam e discutam sobre a importância do uso de banhos de folhas sacrais e medicinais, como manjeriçã-roxo, alfazema, alfavaca-roxa, alecrim e babosa, entre outras, como parte das culturas afro-brasileiras e indígenas.

Cabe explicar que, nesta pesquisa, do ponto de vista do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, os banhos de folhas são usados para trazer o bem-estar das pessoas que os utilizam. Eles são indicados dependendo das necessidades particulares de cada um dos adeptos ou simpatizantes. Por exemplo, para limpeza espiritual são utilizadas diversas folhas para o preparo do banho, como a guiné e manjeriçã; já para tratar uma dor nos olhos, usa-se o banho com a erva-de-alho e folha de bambu.

Então, para dialogar com essas informações, o Babalorixá Diego de Oxossi (2018, p.97-98) explica que:

Os banhos fervidos são, de maneira geral, de vibração ativa. Eles movimentam, atraem, aceleram e esquentam nossos objetivos. Sua preparação é parecida

como um chá: as folhas e ingredientes são colocadas em água fervente por cerca de 5 a 10 minutos. Após esse tempo, desliga-se o fogo e deixam-se as folhas abafadas na água quente até que ela esfrie. Os banhos macerados, em termos gerais, são vibração passiva. Eles acalmam, harmonizam e reequilibram as energias dos nossos objetivos. Sua preparação é feita pela manipulação direta dos ingredientes, que devem ser triturados com as mãos ou com um pilão, misturados em água fresca ou então coados, utilizando como banho a água resultante dessa composição. Os banhos macerados podem, comumente, serem tomados da cabeça aos pés.

Esses conhecimentos partilhados no Terreiro Onzo Matondo sobre o uso das folhas em banhos sacrais e medicinais deve fazer parte, também, do cotidiano de grande parte dos/as estudantes, porque estes conhecimentos ancestrais se mantêm na sociedade brasileira através dos rituais e são passados de geração em geração, através da oralidade. Diante disso, é importante que o/a professor/a desenvolva práticas pedagógicas que valorizem as narrativas orais dos discentes, através da vivência individual, coletiva e familiar (Meihy; Holanda, 2017).

É a minha vivência e meus conhecimentos sobre os rituais de banhos de folhas sacrais e medicinais, ligados ao candomblé, que me motivaram a realizar este estudo com a turma da 2ª série do Ensino Médio, no CELVF, localizado em um bairro próximo ao centro da cidade de Candeias-BA. Esse grupo é composto por quarenta estudantes, na faixa etária de 16 a 22 anos, que estudam no turno matutino.

A maioria desses/as estudantes mora na periferia da cidade e se (auto)declaram negros (pretos ou pardos). Destes, 15 estudantes se (auto)declaram como católicos, 13 evangélicos e 12 não têm religião. Parte deles/as vivem em vulnerabilidade social e insegurança alimentar e são de famílias de baixo poder aquisitivo, com média ou pouca escolaridade.¹⁵

Porém, desses 40 estudantes, 37 participaram do primeiro *Momento Ancestral*, que visou mobilizá-los/as e, logo após, convidá-los/as para participarem do estudo. A adesão de aliados/as para participar foi grande, porém, quando informei que as atividades seriam no contra-turno das suas aulas, muitos/as deles/as não puderam continuar, pois desenvolviam outras atividades no turno vespertino.

Além dos/as estudantes, que chamei nesta pesquisa de aliados/as, também temos como participantes desse estudo os/as funcionários/as do CELVF, os/as adeptos do Terreiro Onzo Matondo, Dona Edna, responsável pelo quintal ancestral, os erveiros da Feira de São Joaquim e a benzedeira Anair.

¹⁵ Esses dados foram gerados, analisados e interpretados a partir das gravações de áudios e vídeos das rodas de conversa e dos relatos no diário de bordo dos participantes da pesquisa.

Desses 37 aliados/as, 08 aceitaram permanecer participando das vivências, integralmente. Em relação ao nome dos aliados/as, sugeri a eles/elas que escolhessem um nome fictício para serem chamados no estudo e que eles/as poderiam escolher nomes relacionados às vivências nos *Momentos Ancestrais*.

Dos 08 aliados/as, 04 são do gênero feminino e 04 do gênero masculino. Destes, 03 se autodeclararam católicos, 02 evangélicos e 03 não têm religião.

Então, eles/as preferiram serem chamado/as e identificados/as com o nome de uma folha, que mais tivessem características deles/as. Dessa forma, surgiram os codinomes: o Espada de Ogum, o São Gonçalinho, a Capim-Santo, a Alfazema, a Alecrim, o Camomila, a Manjerição e o Aroeira. A caracterização desses/as aliados/as é abordada no ritual/capítulo dois.

Desta maneira, cabe explicar que esta pesquisa se justifica pela necessidade de discutir e refletir sobre a cultura do uso de banhos sacrais e medicinais, utilizados em rituais do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi e em outros espaços e grupos ancestrais e como esta prática está presente na cidade de Candeias-BA, mesmo a temática não estando, ainda, inserida no currículo do CELVF. Além disso, no desenvolvimento dos Momentos Ancestrais, a maioria dos/as participantes da pesquisa utilizam esses banhos, considerando apenas o aspecto medicinal, silenciando o caráter ritualístico ligado ao Candomblé e outros espaços ancestrais.

Esta pesquisa é importante, também, por acreditar que o ensino de Biologia, através da etnobotânica¹⁶, pode contribuir para a inclusão da cultura dos rituais dos banhos de folhas, tornando-a, assim, presente na sala de aula, de modo que os conhecimentos de mundo dos/as estudantes dialoguem com o conhecimento escolar, o conhecimento científico, os saberes do Candomblé, das benzedeiras, dos erveiros e das/os cuidadoras/es dos Quintais ancestrais Nessa perspectiva, Conceição Travalha (2016, p. 60) ressalta que as “[...] práticas sociais e crenças religiosas sejam ouvidas e provoquem momentos reflexivos por um respeitoso diálogo relativo às diferenças, tão necessário nos dias que ocorrem”.

Outro aspecto que me motivou a realizar este estudo é que as manifestações culturais de matiz¹⁷ africanas e indígenas, principalmente os banhos de folhas sacrais e medicinais, eram

¹⁶ Campo da Etnobiologia que estuda a interação de diferentes grupos étnicos, principalmente os tradicionais, com os diversos recursos vegetais, a exemplo das plantas.

¹⁷ Segundo Vinícius da Silva Lírio (2014, p. 34), nos estudos culturais, o termo Matiz “[...] ganha a conotação justamente das múltiplas nuances no seio das culturas, entendendo, sobretudo, que estas não têm sua dinâmica desenvolvida em torno de um eixo central, “enraizado”, uma espécie de matriz. Mas que sua rede de articulações é sempre dinamizada por uma série de relações que é o que a torna complexa, multifacetada e em constante movimento”.

trabalhadas apenas nas seguintes ocasiões: em maio, na data da suposta “libertação dos escravos”; em agosto, na semana do folclore brasileiro; e em novembro, porque o dia 20 é o dia nacional de Zumbi dos Palmares e da Consciência Negra.

Era perceptível que as culturas do Candomblé e de outros grupos ancestrais (Benzedeiras, Erveiros e Quintais Ancestrais) eram abordadas nessas datas apenas com traços folclóricos, sem estudo sobre o seu significado para as culturas afro-brasileiras e indígenas, o qual é de luta e resistência, confirmando, ainda mais, estigmas presentes na sociedade brasileira.

Diante do exposto, surgiu a seguinte questão investigativa: como as manifestações culturais de matiz africana, em especial o uso de banho de folhas sacrais e medicinais utilizados nos rituais do candomblé e em outros grupos e espaços ancestrais, podem contribuir para o processo de (auto)identificações étnico-raciais de estudantes do Ensino Médio, do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, situado no município de Candeias - BA?

Tendo em conta a realidade CELVF, no que diz respeito ao silenciamento das manifestações culturais de matiz africana, e à questão investigativa, foi estabelecido como objetivo da pesquisa analisar como essas manifestações supracitadas podem contribuir para os processos de (auto)identificações dos/as estudantes do Ensino Médio, na instituição escolar na qual atuou e que compõe o universo dessa pesquisa.

Para refletir sobre essa questão, trago a visão de Stuart Hall (2020) e Tomaz Tadeu da Silva (2000) sobre as identidades porque para esses autores, elas não podem ser naturalizadas, elas não nascem com a pessoa, elas são produzidas, deslocadas, (re)significadas e desconstruídas a partir de um contexto sociocultural. Por isso, só o respeito e a tolerância não bastam para o estudo dessas identidades. Segundo esses autores, a naturalização das questões multiculturais, a exemplo da identidade, amplia mais ainda a hegemonia de algumas em detrimento de outras.

Nessa perspectiva das relações de (auto)identificações étnico-raciais, trago a discussão e reflexão sobre a implementação, nas práticas pedagógicas do CELVF, de uma Educação Popular Negra¹⁸, o que segundo o professor Natalino Neves da Silva (2020, p. 2), consiste

[...] em uma maneira de apreender e interpretar os saberes gerados que buscam reconhecer e valorizar determinada produção sociopolítica e cultural afrodiáspórica. Consequentemente, as práticas sociais que historicamente vêm

¹⁸ Para Natalino da Silva (2020, p. 2), a palavra negro/a “relaciona-se, dessa forma, ao reconhecimento do protagonismo principalmente desse sujeito político, individual e coletivo”.

sendo promovidas por parte da população negra ganham centralidade enquanto foco de estudo e análise.

Então, para alcançar o objetivo geral deste estudo, nessa perspectiva de protagonismo das práticas sociais e ritualísticas de diversos grupos sociais da cultura afro-brasileira e indígena, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar os conhecimentos que os participantes da pesquisa possuem sobre o uso de banhos de folhas de plantas (sacrais e medicinais) utilizadas pelas religiões de matiz africana, Benzedeiras, Erveiros, cuidadoras de Quintais ancestrais, dentre outros;
- Dialogar os conhecimentos de mundo dos/as estudantes, científico e o escolar com os da cultura das religiões de matizes africanas e outros grupos já mencionados;
- Analisar por que ocorre o cerceamento e o silenciamento quando se trata das manifestações de matiz africana e indígena no CELVF;
- Verificar como ocorrem os episódios de racismo religioso nessa unidade escolar.

Considerando a questão investigativa e os objetivos geral e específicos desta pesquisa, este estudo foi desenvolvido à luz da abordagem autoetnográfica (Laureci Ferreira da Silva, 2017), porque considero o mais adequado para a sua realização, uma vez que o professor é pesquisador e, ao mesmo tempo, um participante da pesquisa porque quando o professor-pesquisador voltar o seu olhar para a sua subjetividade, entenderá não só o contexto sociocultural do local pesquisado, como, também, as subjetividades dos/as outros/as participantes da pesquisa.

É importante explicar que a autoetnografia faz parte da abordagem etnográfica, que além de descrever, desenvolve:

[...] análises e interpretações dos seus próprios processos criativos e de ensino-aprendizagem, como professor/a, e aqueles formativos, considerando as múltiplas vozes que os atravessam, o que implica aqui, também, um retorno à escuta do outro. Esse movimento analítico e interpretativo é basilar para que tal abordagem se constitua autoetnográfica. (Lírio, 2020, p. 65)

Diante das variadas alternativas metodológicas da abordagem qualitativa, optei por utilizar um método oriundo da antropologia, a etnografia (André, 2012), visto que esse caráter etnográfico é importante para a descrição das práticas culturais dos participantes da pesquisa

pelo olhar minucioso do investigador. A etnografia escolar, outra vertente da etnografia, segundo essa mesma autora, permite que o pesquisador:

[...] chegue bem perto da escola para tentar entender como operam no seu dia a dia os mecanismos de dominação e de resistência, de opressão e de contestação ao mesmo tempo, em que são veiculados e reelaborados conhecimentos, atitudes, valores, crenças, modos de ver e de sentir a realidade e o mundo. (André, 2012, p. 41)

Para tanto, utilizei a força dos banhos de folhas para quebrar as Kizilas, através do desenvolvimento dos procedimentos que foram utilizados durante a elaboração e o desenvolvimento do projeto intitulado Manifestações culturais afro-religiosas: uma ação decolonial com estudantes e professores/as do ensino médio à luz do letramento racial crítico, com 40 (quarenta) estudantes do CELVF. O desenvolvimento desse projeto foi à luz do Letramento Racial Crítico (LRC). (Ferreira, 2015; Pereira; Lacerda, 2019).

O LRC foi escolhido para ancorar este projeto e todo desenvolvimento do estudo, porque visa analisar e entender como são formadas as relações de poder e de dominação e como elas interferem na modificação das identidades de raça e a partir disso, como essas identidades, as quais são forjadas, atuam na sociedade. (Pereira; Lacerda, 2019)

Os/as autores/as citados acima acrescentam, ainda, que vivenciando o LRC, "os indivíduos têm a capacidade de refletir e atuar no sentido de transformação do "status quo"¹⁹, questionando as desigualdades naturalizadas pelo discurso hegemônico na busca de uma sociedade mais justa e igualitária" (Ferreira, 2015, p. 95).

O importante é que os/as discentes envolvidos/as neste processo tenham a oportunidade de reconhecer e ressignificar os conhecimentos sobre as culturas de matiz africana e indígenas, em especial com suas experiências com os banhos sacrais e medicinais nos diversos grupos sociais ancestrais.

Nesse campo permeado por possibilidades de (re)conhecer e (re)significar saberes, é preciso haver a escuta nas relações em sala de aula para estarmos mais abertos e sensíveis a todos os sentimentos que nos atravessam e que nos movem. De acordo com Vinicius da Silva Lírio (2020, p. 54), nesse caso, é importante

estar disposto a essa qualidade - como característica constituinte mesmo - daquele/a que busca se embrenhar no universo da sala de aula, naquele jogo com e por entre seus sujeitos, integrando(-se), cavando pistas, tateando o/no

¹⁹ Status quo: Latinismo que significa estado das coisas.

chão daquele campo de subjetividades e potencialidades, para então, dialogicamente, intervir, propor, articular(-se) e (re)inventar(-se).

Dado o exposto, além das metodologias já citadas, utilizei, também nesse estudo, a cartografia como procedimento metodológico. Porque, além da escuta, é possível registrar dinamicamente as etapas no percurso formativo dos/as estudantes, no momento que os fatos estão acontecendo, gerando um conjunto de reflexões e pontos de vista (Lírio, 2020).

Este tipo de pesquisa, para Lírio (2020), é chamada de cartografias poéticas, o que o mesmo conceitua como:

Mapeamentos de processos criativos que são desenvolvidos enquanto estes ocorrem, em movimento, dinâmica e interações diversas, reconhecendo fluxos, rupturas e nós - como entrelaçamento de vetores, suas articulações, de um lado, e a gente, sujeitos de tais universos, de outro - a partir de provocações (auto)etnográficas [...]. (Lírio, 2020, p. 59)

Tendo em vista os aspectos apresentados e a questão investigativa, para alcançar os objetivos geral e específicos desse estudo, utilizei os seguintes instrumentos:

- a) Diário de bordo, utilizado pelos participantes da pesquisa, tanto pelo professor quanto pelos/as aliados/as para anotar suas observações de fatos, fenômenos sociais, acontecimentos, reações verificadas, comentários, experiências pessoais e suas reflexões (Magalhães, 2018);
- b) Realização de pesquisas bibliográficas;
- c) Atividade de campo, debates, discussões, produções de autobiografias, rodas de conversa com e pelos/as participantes da pesquisa que integrará o desenvolvimento da pesquisa e os Momentos Ancestrais;
- d) Elaboração e desenvolvimento de um projeto (Santos e Leal, 2018) intitulado Manifestações afro-religiosas: uma ação decolonial com estudantes e professores/as do Ensino Médio à Luz do letramento racial crítico, no segundo semestre do ano letivo de 2022, com estudantes do segundo ano Matutino, do Ensino Médio do Colégio Estadual Luiz Viana Filho de Candeias-Ba, onde o pesquisador atua como Vice-diretor, como parte da metodologia desta pesquisa;
- f) Sistematização do estudo, no formato de dissertação.

Durante o processo de desenvolvimento das oficinas, que, nesse estudo, chamo de *Momentos Ancestrais*, que compõem as *Sequências de Vence-Demandas*²⁰, o recurso educacional da pesquisa, os/as participantes tiveram a oportunidade de partilhar conhecimentos

²⁰ Anexo A: Sequências de Vence-Demandas.

com os mestres e mestras da cultura popular afro-brasileira e indígena, através das vivências com eles/as, em diferentes espaços, os quais tenho chamado de ancestrais.

Os dados da pesquisa englobam registros audiovisuais de, aproximadamente, 40 (quarenta) horas, feitos durante as interações dos/as aliados/as e os outros participantes da pesquisa. Foram, também, produzidos relatos escritos, como autobiografias, descrições e (auto)reflexões, durante as partilhas de conhecimentos nos *Momentos Ancestrais*. Esses dados foram gerados em encontros semanais, entre o espaço do CELVF e os espaços ancestrais.

Esse recurso educacional do estudo, nominado de *Sequências de Vence-demandas*, está dividido em seis *Momentos Ancestrais*. Desse modo, com o uso da cartografia, os/as estudantes e eu registramos os fatos que aconteceram nos momentos das vivências com a benzedeira, cuidadora dos quintais ancestrais, com erveiros de uma feira livre e com adeptos do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi.

No primeiro ritual²¹, *os conhecimentos construídos na comunidade de Terreiro*, na primeira parte, apresento a minha vivência no candomblé e um breve histórico do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, sua relação na comunidade e os processos ritualísticos dos banhos de folhas que são específicos de cada Terreiro. Na segunda, trago um breve histórico da importância dos elementos da natureza como fonte ancestral e para a manutenção dos processos ritualísticos do candomblé. E na terceira abordo minhas vivências com os processos de criação dos banhos sacrais e medicinais prescritos pelo jogo de búzios.

No segundo Ritual, *Ancestralidade: demandas serão vencidas*, na primeira parte, apresento o começo das minhas demandas no que tange ao racismo religioso no decorrer da minha vida escolar, acadêmica e no meu local de trabalho no CELVF. Na segunda, abordo o contexto histórico-social-cultural do CELVF, onde foi realizado o estudo. Na terceira, caracterizo os/as aliados/as que constituem a turma do 2º ano do Ensino Médio que compõem o universo da pesquisa juntamente com o professor-pesquisador/pesquisado. Aqui trago quem são estes/as estudantes, as suas experiências, seu contexto histórico-social-cultural e o seu conhecimento de mundo.

No Terceiro Ritual, abordo os projetos desenvolvidos no CELVF, antes, durante e depois da minha vivência com o letramento racial, nas formações continuadas que o CELVF oferecia para os/as professores e nos grupos de estudo. Essas experiências me incentivaram a planejar e desenvolver o recurso educacional do estudo, nominado de *Sequências de Vence-*

²¹ Aqui nesse estudo, a palavra capítulo é substituída por ritual.

demandas, que está dividido em seis Momentos Ancestrais, são elas: 1 – Convite e acolhida; 2 – Quem sou eu?; 3 – Quintal da Mestra Edna; 4 – Mestra e Benzedeira Anair; 5 – Feira de São Joaquim; 6 – Vivência no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi.

1 CONHECIMENTOS CONSTRUÍDOS NA COMUNIDADE DE TERREIRO

Em uma panela de barro, coloque água limpa, três tipos de folhas que trazem prosperidade, um pouco de mel e deixe a mistura ferver. Depois, deixe o banho esfriar e jogue no seu corpo do pescoço para baixo, entoando a música do Nkisi Lamburungunzo²² o rei da caça e da fartura. A prosperidade reinará.

Começo pedindo licença aos meus ancestrais para iniciar a minha fala sobre a tradição africana, afro-brasileira e indígena na contribuição para a formação cultural do Brasil, no que diz respeito à valorização e a preservação dos recursos naturais. Foi nesse cenário que o candomblé surgiu, tendo como princípio basilar a utilização de vegetais ou partes deles para uso nos rituais religiosos. Por isso, a manutenção das religiões de matizes africanas está intimamente ligada à natureza.

Além dessa ligação com a natureza, as plantas são muito importantes para os/as candomblecistas, principalmente as folhas. Pois, eles/as consideram que essas são as partes mais utilizadas nos rituais religiosos afro-brasileiros e indígenas. Os adeptos do candomblé têm uma visão ampla e mística das folhas, tendo elas como as partes mais importantes da planta. Isso porque, conforme Botelho (2010), a folha é parte fundamental nas realizações dos rituais e serve como ligação entre homem-divindade-natureza.

Nessa linha de pensamento, Conceição (2008, p.7) acrescenta ainda que

As folhas são as partes dos vegetais mais utilizadas nos rituais religiosos. É importante notar que mesmo cascas e raízes são chamadas de folhas, quando são relatados itens vegetais manipulados no culto afro. O nome folhas é utilizado para indicação de plantas e vegetais de maneira geral.

Conforme o meu conhecimento empírico, posso afirmar que as folhas são usadas nos Terreiros de candomblé para fins terapêuticos e ritualísticos. Cabe explicar que as orientações de seu uso são realizadas oralmente pelas pessoas mais velhas no candomblé, quando estão ensinando, aos iniciantes dessa religião, como usar corretamente as ervas, ocorrendo da seguinte maneira: a prescrição dessas folhas para os banhos é indicada, principalmente, pela Mameto²³ ou Tateto²⁴ de Nkisi, através do jogo de búzios.

Para explicar melhor esse ritual, trago o relato de Mãe Nany, a partir de suas experiências como Mameto Nkisi do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi:

²² Nkisi Burungunzo divindade provedora do alimento. Nkisi caçador que leva o alimento para a mesa de todos/as. É semelhante ao orixá Oxossi para os Yorubás.

²³ Mameto significa mãe de santo, na Língua Banto.

²⁴ Tateto significa pai de Santo, na Língua Banto.

A cada vez, meu filho, que os búzios são jogados na mesa, dependendo da posição que eles caírem, têm um significado e uma orientação dos ancestrais em relação às folhas, que serão utilizadas em determinado tipo de banho. Então, eu passo, falando mesmo, a mensagem à pessoa que está lá, comigo, que poderá escrever essa mensagem no papel ou só guardar na memória. Eu prefiro que escreva, para não perder nada, porque, às vezes, eu posso não mais lembrar. A gente gasta muita energia, porque tenho que ler as caídas dos búzios e me concentrar em ouvir a mensagem dos ancestrais. Mas, é um cansaço bom.²⁵

É importante ressaltar que, após a orientação dos ancestrais, graças ao jogo de búzios, peço licença e agradeço a Tateto Lamburungunzo, porque é mediante a energia de suas folhas da prosperidade e pelo pão de cada dia em nossas mesas, e por ele ser o Nkisi regente da comunidade de Terreiro do qual faço parte, Onzo Matondo Tata Nzambi.

Nessa comunidade nasci, cresci e aprendi a viver coletivamente, construindo conhecimentos e partilhando saberes diversos, por meio da pedagogia da tradição. Rosa Margarida de Carvalho (2011) entende essa pedagogia como partilha de geração a geração, através da oralidade, de valores, fatos, lendas, usos, mitos, costumes, que se atualizam e se transformam numa dinâmica de interação e fortalecimento, como herança cultural.

É importante acrescentar que, neste processo de ensinar e aprender na tradição,

A aprendizagem é um processo cultural que envolve muito mais que a dimensão intelectual do indivíduo; aprende-se o que toca o coração, o corpo, o espírito, o raciocínio. Dessa maneira, o ato de aprender é um processo não linear, complexo, multifacetado, dinâmico, inacabável e único para cada ser que a vivencia. (Carvalho, 2011, p. 39)

A afirmação de Rosa Maria Carvalho, me permite trazer as histórias de vida das pessoas que contribuíram para a formação de minhas identidades no Terreiro, visto que os conhecimentos são passados de geração a geração, através da experiência que acontece entre/com os adeptos do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi.

Neste Terreiro, situado à rua João Gregório Mesquita, n.º 137, Bairro dos Humildes, situado na zona urbana do município de São Sebastião do Passé, região metropolitana de Salvador — Bahia, sempre vivencio rituais diversos, principalmente, com o uso de banhos de folhas. Como podemos observar na foto a seguir

²⁵ O registro desse relato foi por meio de gravação em áudio dentro do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi. No dia 02 de fevereiro de 2023.

Figura 1 – Localização do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi.



Foto: Lucas França (2023)

Vale destacar que essa noção de Terreiro não é só no sentido de espaço físico/geográfico, mas, também, no campo de re-criação que transborda a dimensão física. Esse ambiente ancestral é formado por um conjunto de pessoas que interagem entre si, partilhando conhecimento, através da oralidade, de geração em geração, possibilitando a criação e recriação de atividades ritualísticas fundamentais para a manutenção e a preservação do Terreiro.

O Terreiro se configura em um campo de re-criação para uma das manifestações culturais afro-religiosas mais importantes no candomblé, os banhos de folhas. Vários tipos de banhos surgem nesse território, para diferentes pessoas, algo que ultrapassa os limites do espaço do candomblé e se envereda por outros lugares, através dos processos ritualísticos. Quanto a isso, Luiz Rufino (2019, p.103) explica que Terreiro é “[...] um espaço não exclusivamente fixo às dimensões físicas/geográficas dos cultos de matrizes africanas. Terreiro é o mundo reinventado a partir do que realizamos nele”.

Dessa forma, pessoas do entorno do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi utilizam os banhos de folhas, respeitando o ritual, mesmo não sendo adeptas ao candomblé. Nesse sentido, o Terreiro extravasou o seu espaço físico, territorializando-se nas casas nas quais os rituais dos banhos acontecem.

Para dialogar com essa reflexão trago o relato de dona D.J., vizinha do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, que utiliza os banhos de folhas no seu dia a dia, mas não participa dos rituais no Terreiro:

Meu filho, sempre quando estou sentido alguma coisa, principalmente corpo quebrado, eu já sei que pode ser olhado ou que vem doença para cima de mim. Aí, você sabe o que eu faço? Pego três folhas, Guiné, água de alevante e Quioiô e macero, como se eu tivesse lavando roupa, na água limpa. Depois, pego essas folhas e coloco no matinho, no fundo, daqui de casa. Essas coisas não podem ser jogada no lixo não. Quando o banho tá pronto, joga do pescoço aos pés e repito por três dias. Tomo esses banhos sempre de noite, porque ele é muito quente. O importante nessa história é que fico bem. Você acredita que aumenta até minha fome? Nesse dia como mais. Aprendi a fazer esses banhos com uma rezadeira que vinha me rezar, eu sei que essas coisas para fazer o banho é para fazer certinho. Ela mandou eu rezar, antes de tomar o banho, uma ave-maria três vezes e chamar, também, pelos Orixás.²⁶

Após esse relato de dona D.J. sobre o ritual do banho de folhas que ocorrem no Terreiro físico/geográfico, apresento o histórico do Onzo Matondo Tata Nzambi: sua localização, estrutura, o contexto no qual está inserido, a minha história de vida e a de outras pessoas com as quais convivo, em grupo, nesse ambiente.

1.1 O Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi: espaço de re-criação de afeto e afecção

Na minha caminhada, agradeço, novamente, a Nzambi e a Tateto Lamburungunzo pela alegria de vivenciar, no Terreiro, a melhor fase da minha vida. O Onzo Matondo Tata Nzambi, o qual considero um local sagrado e acolhedor, onde, através das vivências coletivas, aprendi na prática o sentido de alteridade, o qual é reconhecer e respeitar o/a outro/a em seus aspectos diferenciais como parte de um coletivo e saber a importância de estar com o/a outro/a. A construção de conhecimentos nesse espaço tem sempre a participação de cada um/a dos/as seus/suas adeptos/as.

Nesse sentido, o Onzo Matondo Tata Nzambi, como já foi mencionado, é um espaço de criação e re-criação de práticas ritualísticas que mantém, em funcionalidade, esse campo de re-criação e suas dimensões. Dessa forma, a seguir, apresentarei essas dimensões que me proporcionaram ser atravessado por experiências de formação humana, profissional e espiritual.

²⁶ O registro desse relato foi por meio de gravação em áudio na casa de dona D.J. que fica na mesma rua do Terreiro Onzo Matondo no dia 02 de abril de 2023.

A minha história no Terreiro está entrelaçada com outras histórias e experiências basilares para a minha existência e para a formação do Onzo Matondo Tata Nzambi. Dessa forma, começarei, com muito orgulho, descrevendo a biografia do fundador desse Onzo, o Tatateto de Nkisi Benedicto, meu Pai, mais conhecido como Pai Bené.

Figura 2 – Tateto Benedicto, no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi



Fonte: arquivo do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, 1989.

A fotografia acima mostra Pai Bené, meu Pai biológico e espiritual, em um processo ritualístico para a inauguração do Onzo Matondo Tata Nzambi, na cidade de São Sebastião do Passé-BA, em 11 de maio de 1989, Terreiro regido pelo Tateto Lamburungunzo.

Figura 3 – Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi na época da inauguração.



Fonte: Arquivo do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi (1989)

O Tateto Benedicto José de Argolo, painho, como era carinhosamente chamado por mim, nasceu em Candeias-BA, em 11 de maio de 1931. Filho mais velho de minha avó Joana e meu avô Antônio, Pai Bené teve a responsabilidade, por ser o primogênito, em ajudar os seus pais a criar os seus irmãos e irmãs mais novos/as. Ao completar sete anos, painho perdeu a sua mãe Joana e, com 10 anos, o seu pai Antônio também faleceu. Esses fatores fizeram com que painho virasse, definitivamente, o provedor da casa, trabalhando, desde cedo, para alimentar as suas três irmãs e seu irmão.

Foi nesse contexto, naquela idade, depois que o seu pai faleceu, que Pai Bené foi iniciado no candomblé. Já com 17 anos, em 11 de maio de 1948, no bairro da Areia, em Candeias-BA, Pai Bené abriu o seu Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, que funcionou naquela cidade até o ano de 1965.

Nesse ano, o Terreiro foi para o bairro de São Caetano, em Salvador-BA. Já em 1974, Pai Bené escolheu a cidade de São Sebastião do Passé para a sua morada e implantação definitiva do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, onde funciona até os dias atuais. Aqui, Pai Bené rompeu barreiras para professar a sua fé e defender a sua religião.

Vale destacar que foi no bairro de São Caetano, em Salvador-BA, que meu Pai conheceu e se casou com minha Mãe, que também é Mameto²⁷ de Nkisi, Maria do Amparo de Tateto Mutakalambo²⁸. Filha de Lindaura Cruz e Antônio Damásio, Mãe Maria, como é carinhosamente chamada pelos seus filhos, é natural do município de Maragogipe-Bahia.

Ela foi iniciada no candomblé em 03 de maio de 1960. Completou todas as suas etapas para se tornar Mameto de Nkisi, mas optou por abdicar de abrir um Terreiro para ajudar e ser o braço direito de Pai Bené, na administração do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi. Segundo Mãe Maria, ficaria inviável cuidar e zelar de dois Terreiros na mesma família. Painho, com um brilho nos olhos, falava que Mainha era a mulher da vida dele e que a ancestralidade a colocou em sua vida para ser sua eterna companhia.

²⁷ Mameto significa Mãe, na língua Bantu.

²⁸ Nkisi Mutakalambo semelhante a Lamburungunzo, na tradição Bantu. Essa divindade representa a fartura, pois leva a comida para a mesa através da caça.

Figura 04 – Mameto Maria do Amparo



Fonte: Autor (2023)

Dona Maria é conhecida pelos filhos do Onzo Matondo como uma mulher acolhedora que transborda conhecimentos. Além de colaborar com a organização de todas as atividades do Terreiro, ela, também, é responsável pela culinária ancestral, a qual tratarei como a *primeira dimensão do campo de re-criação*.

A cozinha é uma das partes mais importantes no candomblé, pois segundo o Tateto de Nkisi e professor Tássio Ferreira (2021), é nesse local que se integraliza conversas entre mais velhos e mais novos, porque é nesse momento que toda a comunidade se reúne para refeições coletivas. Recordo-me que as pessoas mais novas que chegavam ao Terreiro aprendiam os rituais, principalmente, as rezas, para o preparo das comidas dos Nkisis e para alimentar as pessoas que frequentavam o Terreiro.

Foi nesse espaço que aprendi a cozinhar, tanto comidas ofertadas aos Nkisis, quanto para as pessoas que frequentavam o Terreiro. Lembro-me que, quando terminavam os rituais, todas os/as adeptos/as tinham que se alimentar. Ninguém saía desse espaço ancestral com fome.

Em virtude do que foi mencionado sobre os preparos das comidas para os Nkisis, trago para a conversa a fala de Mãe Maria em relação ao processo ritualístico de limpeza de corpo, antes de iniciar o preparo das iguarias sagradas:

Um dia antes de preparar a comida dos meus Nkisis, eu e as outras filhas de santo que me ajuda na cozinha, a gente faz um banho de folha de descarrego para tirar tudo de ruim que vem da rua, esse banho é fervido. Para preparar as comidas, acordo cedo e tomo esse banho de folhas. Primeiro tomo o banho de água limpa com sabão da costa ou de coco e depois tomo o banho de folhas de descarrego. Não me enxugo, visto a minha camisa, meu pano de cabeça e minha saia de candomblé com o corpo todo molhado. Aí, depois do banho, a gente começa o preparo das comidas, seguindo a orientação do jogo de búzios. Nada no candomblé acontece sem a permissão do jogo de búzios. Quando as comidas estão prontas, a gente coloca elas nos pratos de barro, deixa esfriar e sempre rezando e cantando. Quando vai ficando de tarde, cada filho de santo pega um determinado prato que é de cada Nkisi, segue para o barracão e dar três voltas no local reverenciando os Nkisis. Depois disso, essas comidas são arriadas em um quarto onde ficam os assentamentos dos Nkisis. Mas, às vezes, algumas comidas fica no meio do barracão. Nunca pode colocar os pratos de comida sem ter folhas no chão ou um pano branco, isso é muito importante. Depois todos os filhos deitam ao redor das comidas e rezam para os Nkisis.²⁹

Após o relato de Mãe Maria sobre o ritual para o preparo das comidas sagradas, apresento a seguir uma figura do ritual da entrega dessas comidas, em homenagem ao aniversário do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, em 11 de maio de 2023.

Figura 5 - Ritual de entrega das comidas sagradas aos Nkisis



Fonte: Arquivo do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi (2023)

A fotografia acima mostra uma parte do ritual para entrega de comidas aos Nkisis, em homenagem ao aniversário do Terreiro Onzo Matondo. Nessa imagem, todos/as os/as filhos e

²⁹ O registro do relato de Mãe Maria foi realizado por áudio, na cozinha do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, no dia 02 de fevereiro de 2022.

filhas de santo, inclusive eu, nos ajoelhamos, ou deitamos em círculo, para entoarmos cânticos e rezas aos Nkisis.

Nesse momento, todos que estavam voltados para esse ritual aproveitaram para fazer pedidos e agradecer as graças alcançadas. Nesse ritual, consegui sentir a integralização da minha mente, do meu corpo e do meu espírito. Percebi a força e a presença da ancestralidade naquele ambiente, que me fez chorar de emoção.

Mãe Nany, para confirmar se os Nkisis aceitaram ou não as oferendas, pegou uma lubaça³⁰ e cortou em quatro partes, molhou com um pouco de amazi³¹ e jogou em um prato. Esse vegetal caiu com as quatro partes abertas, simbolizando uma flor. Isso significa que os Nkisis aceitaram as oferendas e os pedidos ofertados pelos adeptos do Terreiro.

Depois que Mãe Nany jogou a lubaça, o seu Nkisi, Tateto Lambaranguange³², incorporou³³ nela e, para confirmar que aceitou tudo que fizeram para homenagear os Nkisis. Os/As presentes, naquele momento, foram agraciados/as com um abraço bem apertado de Tateto Lambaranguange. Além do agradecimento, esse abraço também retira todas as kizilas³⁴ do corpo, da mente e do espírito.

Atualmente, no Terreiro, as comidas sagradas são preparadas pela Mameto Kifumbeira, no dia a dia com Mãe Maria. Como ela está em idade avançada, não consegue manipular, com muita segurança, os utensílios na cozinha, mas sempre orienta as pessoas que manipulam os alimentos sagrados no Onzo Matondo Tata Nzambi.

Seguindo orientação de Tateto Lamburungunzo, foi que meu pai Bené e minha Mãe Maria se mudaram para o município de São Sebastião do Passé – Bahia, há 58 quilômetros de Salvador-BA. Nessa época, meu Pai começou a construir a nova sede do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi.

Nessa cidade, até o final da década de 1970, minhas duas irmãs (Mariselma Argolo e Jorgiane Argolo) e meus dois irmãos (Fábio Argolo e Márcio Argolo) nasceram. Dentre eles, destaco a minha irmã Jorgiane Argolo (Mãe Nany), que terá uma parte importante na história

³⁰ Na Língua Bantu, lubaça significa Cebola. Um vegetal usado no candomblé de Angola como o principal tempero para o preparo da comida dos Nkisis e das Nkisianes, mas, nesse caso, ela é usada para confirmar se algum ritual foi aceito ou não.

³¹ Amazi palavra de Língua Banto que significa água.

³² É o Nkisi da riqueza (prosperidade) e da fartura. É o dono da terra que produz, o seu local é a floresta. A agricultura e a pecuária são o seu domínio. Ele é equivalente ao Orixá Oxossi do candomblé de Ketu.

³³ Utilizamos no Onzo Matondo Tata Nzambi a palavra incorporar, quando o Nkisi integra-se ao corpo do adepto.

³⁴ Reações negativas que atingem as pessoas. Um banho de folha, por exemplo, sem a devida orientação do jogo de búzios, pode causar desconforto e processos alérgicos.

da Terreiro. Em 1986, quando minha Mãe já estava com seus filhos praticamente criados, Nzambi abriu caminhos para que eu viesse ao mundo. Nascia, nesse momento, o caçula de pai Bené e Mãe Maria.

Nesse contexto, dois anos depois do meu nascimento, em 1988, o Terreiro Onzo Matondo foi reinaugurado na cidade de São Sebastião do Passé-BA, com uma festa em homenagem a Tateto Lamburungunzo, o Nkisi regente. Meu Pai, para não se distanciar dos processos ritualísticos do Terreiro, levou toda a sua família para morar nesse espaço ancestral. Meus irmãos/irmãs e eu tivemos o privilégio de conviver dentro desse espaço, que nos proporcionou construir conhecimentos que foram basilares para a minha formação espiritual, humana e profissional.

E foi nesse ambiente que Pai Bené iniciou os seus quatro filhos/as no candomblé, para que, no futuro, eles/as pudessem dar continuidade às tradições afro-religiosas do Terreiro. Meus irmãos e eu somos Tatas³⁵ do Terreiro. Cada um desenvolve uma função específica no dia a dia do Onzo Matondo Tata Nzambi. Porém, de meus irmãos e minhas irmãs, a única que não é iniciada, ainda, é Mariselma. Mesmo ela já sendo indicada para ocupar o cargo de Makota³⁶ no Terreiro Onzo Matondo.

A seguir, apresentarei a segunda *dimensão do campo re-invenção*: A formação dos cargos e funções que meus irmãos e minhas irmãs e eu desenvolvemos no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi.

Conforme as funções desempenhadas no candomblé, o meu irmão mais velho Fábio é Tata Kivonda, responsável por levar a comida para a mesa de todos/as do Terreiro, pois realiza o ritual de imolação³⁷ dos animais sacralizados. Já meu irmão, Márcio, é Tata Kambondo, responsável pelos toques dos atabaques³⁸. Ele ritmiza as danças dos Nkisis e das Nkisianis. Eu sou Tata Xikarangoma, sacerdote responsável por cantar as músicas sacrais nas cerimônias. Vale lembrar que é na vivência coletiva que construímos conhecimentos e desenvolvemos

³⁵ Tatas são os mesmos que Ogans para os yorubás. Um cargo no Candomblé que representa diversas funções masculinas. Estes sacerdotes são escolhidos pela divindade ancestral Nkisi ou Nkisianis, que não entram em transe, ficam conscientes, mas, ainda assim, são orientados intuitivamente pelos/as Nkisis e Nkisianis.

³⁶ Makota é um cargo feminino no candomblé que representa diversas funções. A makota não entra em transe, fica consciente, mas semelhante aos Tatas, são orientados intuitivamente pelos Nkisis e Nkisianis.

³⁷ Morte em sacrifício a um Nkisi ou Nkisiane. O tata Kivonda entoava cânticos, rezas e utiliza, também, a energia das folhas para acalmar o animal e livrá-lo da tensão negativa que pode contaminar a carne. Segundo Sidnei Nogueira (2020, p.104) “ao contrário da carne dos animais que se come diariamente, a carne fruto da imolação dos animais sagrados é repleta de tradição, e o ritual de ‘oferta’ de animais às divindades africanas é repleto de respeito a vida e de um movimento conjunto e contínuo de valorização da comunidade.”

³⁸ Instrumento musical de percussão africana.

habilidades para desempenharmos as nossas funções no Terreiro. A seguir apresento a fotografia das pessoas que compõem esse grupo, da esquerda para direita, encontramos meus irmãos, Fábio e Márcio, minha irmã, Mãe Nany, e eu.

Figura 6 – Eu e meus/minha irmãos/ irmã biológicos/a e espirituais



Fonte: Arquivo do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi (2017)

É importante lembrar que, em qualquer atividade que realizamos no Terreiro, temos que pedir licença aos Nkisis. Esse pedido de licença é a *terceira dimensão do campo re-criação*, por exemplo, ao amanhecer, rezas e cânticos são entoados para saudar o rei Muilo³⁹ e, sempre às quintas-feiras, por ser dia em homenagem ao Tateto Lamburungunzo, tomamos banho de folhas cheirosas, para a nossa vida prosperar. Nas refeições, também, cantamos músicas para agradecer o alimento em nossa mesa e, depois, todas as pessoas que estão em processos ritualísticos, sentam-se à mesa para se alimentarem e compartilharem conversas muito prazerosas e educativas.

Essas conversas também são educativas porque “têm um vínculo fortemente comunitário e social; o sentido da vida encontra-se na vivência coletiva, na vida em relação. Todos aprendem com todos; cada um contribui com o que sabe” (Carvalho, 2011, p.41).

Nessa linha de pensamento, de acordo com Lírio (2020), construímos a nossa subjetividade a partir da convivência com outras subjetividades que estão presentes no coletivo, que ele costuma chamar de bando. No contexto dessas ideias, esse autor traz, a valorização do

³⁹ Palavra em Bantu que significa pai Sol. Ele representa a força vital, sem a sua presença seria impossível a manutenção da vida na terra. Por isso que pedimos licença e o saudamos ao amanhecer.

agrupamento, do pensar em conjunto, da partilha de ideias e conhecimentos, que dialogam muito com as práticas ritualísticas do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi.

E foi nesse ambiente de vivências e construção de conhecimentos, que Pai Bené, pensando em manter o Terreiro vivo, depois que ele não tivesse mais aqui, em matéria, desenvolveu um processo de formação com seus quatro filhos, principalmente, com a sua filha, que conhecemos carinhosamente como Mãe Nany, proporcionando a convivência com pessoas de diferentes identidades e personalidades.

Dessa forma, meus irmãos e eu conseguimos construir e partilhar saberes, através do contato com a coletividade no Terreiro, pois, como afirma Rufino (2021, p.17), “somos seres de experiências. Tudo o que se passa na vida nos atravessa, nos altera e faz com que cada um de nós sejamos únicos, mas habitados por muitos - e nessa multidão singular tecemos uma rede infinita de aprendizagens.”

Nesse contexto, falarei sobre Mãe Nany, uma das mulheres que influenciou a minha formação pessoal, intelectual e espiritual. Ela é a segunda filha de Mãe Maria e Pai Bené, nasceu em 23 de abril de 1975, em São Sebastião do Passé - Bahia. Desde que ela era criança, o meu pai, através dos jogos de búzios, afirmava que ela seria sua herdeira no culto aos Nkisis, para deixar viva a sua trajetória. Esse processo formativo de Mãe Nany considero a *quarta dimensão do campo re-criação*.

Foi, então, que, com 16 anos, em 1992, Mãe Nany foi iniciada pelo seu pai Bené, assumindo o cargo de Muzenza⁴⁰, que é semelhante a Yaô na nação Ketu. Pessoas iniciadas que incorporam os Nkisis. Então, na tradição do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, essa iniciada teve que completar algumas etapas, durante sete anos, para se tornar Mameto.

Para falar dessa história de Mãe Nany, trago o relato de uma das filhas de santo mais velhas do Terreiro, a Mameto V.S.:

Mãe Nany passou por todo aprendizado da cultura do candomblé de Angola. Na obrigação de sete anos de Mãe Nany, nosso pai Bené a indicou para ser a sua herdeira espiritual, com o aval do meu pai Burungunzo. Em 2014, nosso pai nos deixou e os búzios confirmaram Mãe Nany como herdeira do Onzo de Burungunzo. E quando ela completou trinta anos de iniciada, não poderia ser diferente, continuou com o legado do seu pai. Mãe Nany é uma pessoa

⁴⁰ Muzenza é semelhante ao Yaô na nação ketu. Pessoas iniciadas que incorporam e é o estágio inicial para, depois de sete anos, tornar-se Mameto ou Tateto.

*maravilhosa, mulher guerreira, realista, que ama e é amada. Mulher potente e que a espiritualidade está presente em sua vida.*⁴¹

O relato acima, da Mameto V.S., traz um dos momentos mais difíceis para a minha família: a morte de meu Pai Bené, em 14 de abril de 2014. Ficamos todos/as tristes, mas tínhamos que seguir lutando contra a dor da perda. Por isso nos concentramos no andamento do processo de sucessão e demos início a uma nova fase na administração do Terreiro.

Dessa forma, antes do processo de sucessão, foi preciso realizar uma cerimônia póstuma, no ano de 2014, que chamamos de mukondo, para homenagear a trajetória de nosso Pai Bené em vida e para também encaminhar a sua alma para um bom lugar. Esse ritual, durou sete dias com rezas e cânticos. No último dia, reuniram-se duas Mametos e um Tateto de Nkisi, que, através do jogo de búzios, confirmaram Mãe Nany como a herdeira espiritual de Pai Bené. Sendo a primeira na linha de sucessão.

Depois do ritual de mukondo, as atividades religiosas no Terreiro Onzo Matondo, por regra, ficariam suspensas, durante um ano, em respeito à alma de nosso Pai Bené. Porém, o jogo de búzios informou que a reabertura do Terreiro iria demorar mais, porque o local tinha que passar por uma reforma para ser reinaugurado.

Dessa forma, seguimos as orientações dos nossos ancestrais e, em 05 de outubro de 2019, Mãe Nany reinaugurou o Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, com uma grande festa em homenagem a Tateto Lamburungunzo, alegrando o coração de todos/todas os/as filhos/as de santo e de toda a comunidade, que estavam ansiosos/as para esse dia. Abaixo apresento uma fotografia do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, na reinauguração, em 2019.

Figura 7 – Reinauguração do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi



Fonte: Arquivo do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi (2019)

⁴¹ O registro desse relato foi feito por meio de gravação de áudio, em 01 de maio de 2023, no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, com a Mameto D.V. enquanto estávamos esperando começar um processo ritualístico no terreiro.

Na minha vivência nesse Terreiro, preciso destacar que, com 10 anos, comecei a realizar o meu sonho de ser professor. Montei, nessa época, um reforço escolar com a ajuda de Mãe Nany, que ainda era Muzenza, para que os/as adeptos/as do Terreiro, do qual faço parte, deixassem os/as seus/as filhos/as estudando, enquanto participavam dos processos ritualísticos. O reforço escolar ligando os ensinamentos formais e não-formais é o que considero como a *quinta dimensão do campo de re-criação*.

Não eram só conteúdos escolares, mas construíamos conhecimentos a partir da vivência dos rituais do candomblé. A dança e as cantigas dos Nkisis eram formas que eu achava para acalmar os ânimos das crianças. Brincávamos de pega-pega, ciranda, de procurar, no quintal do Terreiro, folhas relacionadas a cada Nkisi e Nkisianis. E, assim, conseguia colocar em diálogo o ensino formal, da escola, com o não-formal, da comunidade de Terreiro.

Lembro-me de Pai Bené dizendo amar a profissão de professor e sonhava que, um dia, um dos seus cinco filhos/as iria seguir a profissão. Foi nesse momento que meu sonho se fortificou dentro de mim. O reforço escolar, com o passar do tempo, agregou não só pessoas relacionadas ao Terreiro, mas, também, toda a comunidade do bairro.

No próximo item, trago a importância dos elementos da natureza na manutenção dos rituais nos Terreiros de candomblé, principalmente para o Onzo Matondo Tata Nzambi, que está localizado, como já foi mencionado, em uma área urbana no município de São Sebastião do Passé - Bahia. Por isso foi indispensável manter um quintal com algumas árvores para o contato com a natureza

1.2. Sem natureza não há Nkisi

Para começar a falar da importância da natureza na manutenção das religiões afro-brasileiras, a exemplo do candomblé, peço Nbandagira ao Nkisi Katendê, guardião dos poderes das folhas, o qual é o responsável em distribuí-las para todos/as os/as outros/as Nkisis/Nkisianis. Para nós, candomblecistas, ao adentrarmos o espaço das matas, muitos cânticos e rezas são entoados/as para que o Nkisi Katendê libere o nosso trânsito nas matas e a devida manipulação responsável e sustentável dos seus componentes.

Esse ritual para à entrada na natureza, a partir das minhas experiências em acompanhar o Tata Kisaba⁴² M.M na mata para colher as folhas, não se restringe ao Tateto Katendê, mas, também, a toda nossa ancestralidade que vive nas matas e compõe as forças da natureza, como afirma Rufino (2019, p 104):

A mata é moradia de mestres, curadores, guerreiros, caçadores, amazonas e ninfos. No chão de folhas que se perde de vista, guardam-se segredos e histórias, cada uma inscritas nas mais diferentes espécies. Na mata vivem espíritos encarnados em sucupiras, jatobás, mangueiras, cipós e gameleiras. Nos olhos d'água repousam jovens moças. Na beirada do rio vadear meninos levados. Nas campinas e nos sertões surgem homens valentes, de brado forte, encantadores de bicho, conhecedores do som da terra, e cavalgam nos ventos, tângem boiadas e lançam infortúnios.

O pensamento desse autor dialoga com o que vivencio nos cultos e rituais no Onzo Matondo Tata Nzambi, pois, nesse território de nação Angola, além de sentirmos a força da natureza através da presença dos Nkisis, deuses africanos, outras entidades brasileiras, a exemplo de pretos velhos, ciganos/as, boiadeiros e caboclos, também estão presentes, emanando Gunzo⁴³, através dos rituais.

Vale evidenciar que o candomblé, no Brasil, principalmente o de Angola, na sua formação, contou com a influência de outras etnias, a exemplo dos povos indígenas e dos europeus. No Onzo Matondo, cultuamos essas outras entidades também, mas prevalece o culto aos Nkisis. Essa mistura de culturas, que serviu como base para a formação do candomblé, deixa um diversificado saber prático sobre os vegetais, principalmente, para o uso de folhas, com o poder de transmitirem a energia da natureza.

A seguir, apresento um relato de Mãe Nany no qual ela fala sobre a importância das folhas nos rituais de candomblé e sua associação com a natureza:

Meu filho, folha é natureza e natureza é folha. Todos os rituais que a gente faz aqui no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi precisa de folhas. Quer ver uma coisa: as folhas estão presentes desde a iniciação de uma pessoa até nos rituais fúnebres, depois de sua morte. As folhas, ervas ou folhas, como você queira chamar, é a própria natureza. Uma única folha consegue reunir as forças vitais que chamamos, também, de Gunzo. Eu sempre falo com os meus filhos e filhas de santo, sem folhas não há natureza, principalmente não existirá Nkisi.⁴⁴

⁴² No Candomblé de Banto-Angola ele é o sacerdote encarregado das folhas sagradas, semelhante ao Babalossaim do Candomblé Keto.

⁴³ Na língua Bantu significa força vital, semelhante a palavra axé para os yorubás.

⁴⁴ Em 13 de abril de 2023, foi feito esse registro mediante uma conversa com Mãe Nany no quarto onde ela joga os búzios. Através desse diálogo, ela relatou sobre a importância das plantas para o candomblé.

Considerando o relato de Mãe Nany é que trago a expressão na língua Yoruba, *Kò sí ewé, kò sí òrìsà*, que significa “sem folha não há Orixá/Nkisi”, representando a ligação da natureza com as divindades do candomblé, pois não existe Orixá/Nkisi sem a força vital que emana dos elementos da natureza.

Nessa mesma linha de pensamento, Diego de Oxossi (2018) confirma a importância da ligação dos orixás/Nkisis com a força da natureza:

A religiosidade africana, há muitos anos estabelecida no Brasil sob diversas formas de expressão, tem por base o culto aos orixás-forças da natureza que concentram e representam em si tudo o que compõem o Universo. Cada Orixá tem seu campo de atuação, seus elementos característicos, sua forma de representação e as maneiras corretas de serem louvados e oferendados, ou melhor dizendo, presenteados. (Diego de Oxossi, 2018, p.33)

Existe, também, uma relação íntima dos elementos da natureza, o fogo, a água, o ar e a terra, com os Nkisis além dos vegetais, sendo essencial para a distribuição da força vital pelos diferentes locais da natureza. Cada elemento tem sua importância, pois representa as características diversas de um Nkisi.

Para Mãe Nany, os elementos da natureza têm a forma dos Nkisis, ou melhor, são os/as próprios/as Nkisis/Nkisianis:

Quando você me pergunta qual a relação dos Nkisis com a natureza, eu penso logo que eles são os próprios elementos da natureza. Olhe só: o Nkisi regente do nosso Terreiro, Tateto Burungunzo, ele representa a terra, através das forças das matas, da prosperidade e da fartura. A Nkisi Ndandalunda ela é representada pela água, esse elemento além de ser sua morada representa também a fertilidade, em relação ao parto mesmo, ao nascimento de um bebezinho. Sem água e sem Ndandalunda⁴⁵, não existe perpetuação e manutenção de tudo o que é vivo na terra [...] O Nkisi Kitembo⁴⁶ é o próprio ar, ele é muito forte mesmo. Você já viu uma ventania? Nada fica no mesmo lugar. Kitembo é a renovação. Já quando eu falo em fogo penso em Mameto Bamburucema⁴⁷ e Tateto Nzazi⁴⁸, são divindades que guardam dentro deles/as a chama do fogo. Na história dos Nkisis, Nzazi mantinha o segredo de guardar o elemento fogo, porém sua esposa Bamburucema, curiosa, descobriu seu segredo e passou a dividir com Nzazi a guarda desse elemento da natureza.⁴⁹

⁴⁵ Deusa de origem Bantu, rainha das águas doces, dona de rios, lagos e cachoeiras, equivalente a orixá Oxum.

⁴⁶ É o Nkisi reverenciado como o Rei do Candomblé de Angola. Kitembo é o próprio crescimento, a sua ferramenta é simbolizada por uma escada e uma lança que apontam para cima.

⁴⁷ É uma Nkisianis dos ventos, raios, tempestades e fertilidade, equivalente a orixá Iansã.

⁴⁸ Nkisi dos trovões e relâmpagos e a representação do equilíbrio do cosmo, equivalente ao orixá Xangô.

⁴⁹ O registro desse relato foi por meio de gravação em áudio no barracão do Terreiro Onzo Matondo no dia 02 de fevereiro de 2023.

Além da associação dos elementos com Nkisis, relatado por Mãe Nany, Calvo e Monteiro (2020) afirmam que o elemento água representa a força da mulher e, ao mesmo tempo, a fecundidade representada pela força dos rios e das chuvas que alimentam o solo. O fogo representa a força masculina, com o poder de transformação, da reinvenção, do calor e da luz. A terra, elemento que representa a feminilidade e a fertilidade, produzindo os frutos da natureza. E, por fim, o elemento ar, que representa o espírito da perpetuação da vida.

Na minha vivência no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, nos momentos de trocas de saberes, quando nos reunimos, há sempre uma conversa sobre a importância dos elementos da natureza na manutenção dos rituais do nosso Onzo. As folhas, por exemplo, reúnem a força da água, do ar, da terra e do fogo. Por isso, não podemos realizar nenhum tipo de ritual no Terreiro sem folhas.

Porém, para que a energia desses elementos seja ativada nas folhas, o Tata Kisaba M.M. explica que é importante reverenciar, mediante cânticos e rezas, o dono delas, Tateto Katendê.

Não é de qualquer jeito que se entra nas matas para pegar folha. Primeiro pedimos licença ao Nkisi Katendê, acendemos uma vela e deixamos lá um pedaço de fumo. Depois tiro alguns galhos das árvores e trago para o Terreiro, só o que vamos utilizar nos rituais. Há uns anos, não tinha dificuldade de achar as folhas que mãe Nani me pedia através dos Búzios, mas hoje estou tendo essa dificuldade. Tem dias que não acho as folhas na mata e vou para o quintal do Terreiro e a feira livre daqui da cidade de São Sebastião. Agora eu posso te dizer que a energia da folha não se perde, porque, mesmo que seja coletada fora das matas⁵⁰, que conhecemos como floresta, nós tatas podemos ativar a sua energia com cânticos e rezas.⁵¹

O relato do Tata Kisaba M.M dialoga com os estudos de Oliveira e Oliveira (2019), quando informam que as plantas sagradas são coletadas, manejadas e podadas nas matas ou no quintal do Terreiro pelos Tatas Kisabas porque esses sacerdotes detêm o conhecimento passados de geração em geração, através da oralidade, que compartilham para os iniciados do Terreiro. Sendo assim, cada planta está ligada a um Nkisi ou a uma Nkisiani, determinando diferentes rituais para coletas e orientações rigorosas, com os horários e momentos apropriados para a manipulação das folhas.

No ritual de entrega das comidas sagradas aos Nkisis, no aniversário do Terreiro Onzo Matondo Tata Nambi, em 11 de maio de 2023, já retratado na figura 05, precisávamos colher algumas plantas para os processos ritualísticos a serem realizados. Os ancestrais, através do

⁵⁰ Matas é o mesmo que floresta na para os adeptos do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi

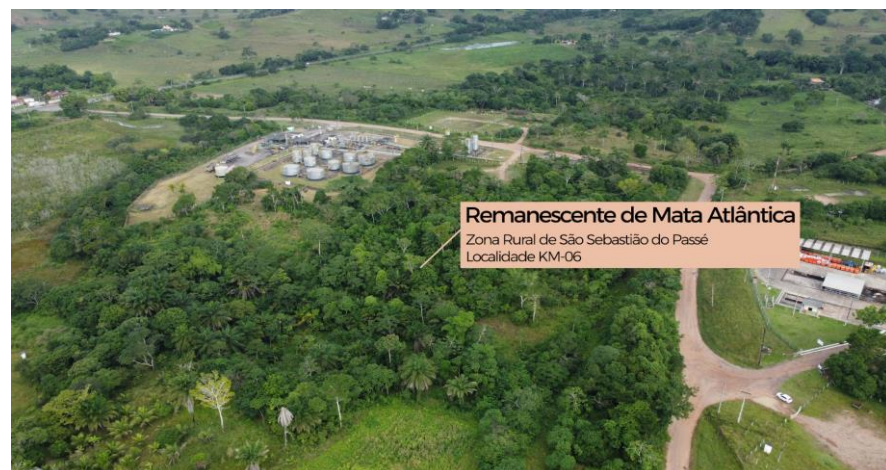
⁵¹ Esse relato é do Tata Kisaba M.M

jogo de búzios, pediram para que uma parte das folhas fosse colhida em uma mata mais próxima e outra parte no quintal do Terreiro, seguindo todas as orientações já mencionadas pelo Tata Kisaba.

Porém, com o desmatamento acentuado no remanescente de mata atlântica⁵² na região rural, conhecida como quilômetro seis, próxima à rodovia BR 110, na cidade de São Sebastião do Passé-Bahia, o Tata Kisaba M.M. e eu não encontramos todas as folhas solicitadas e recorremos então ao quintal do nosso Onzo para complementarmos as folhas solicitadas pelos ancestrais.

A figura a seguir mostra o remanescente de mata atlântica, há seis quilômetros do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, no qual o Tata M.M. faz a colheita de algumas folhas, que ele ainda consegue encontrar nesse pedaço não desmatado de Mata Atlântica.

Figura 8 – Remanescente de Mata Atlântica.



Fonte: Lucas França (2023)

Analisando o relato de meu irmão de santo, Tata de Nkisi M.M. e minha vivência no candomblé, percebo que os Terreiros, antigamente, localizavam-se em áreas rurais, próximos a cachoeiras, a matas e espaços com a flora repleta de diversos tipos de folhas. Porém, com o crescimento das cidades e a diminuição da área verde, em decorrência do desmatamento, os Terreiros tiveram que migrar para a cidade e se distanciar da área verde. Nesse novo cenário, muitos dos costumes tiveram que ser ressignificados para que a cultura do Terreiro sobrevivesse na área urbana.

⁵² Segundo bioma mais ameaçado do planeta. Floresta tropical que abriga uma das maiores biodiversidades do mundo. Hoje está sendo a cada dia mais degradada.

Uma das alternativas que Mãe Nany, responsável pelo Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, localizado na zona urbana da cidade, à rua João Gregório Mesquita, n.º 137, Bairro dos Humildes, próximo à Rodovia Federal, BR 110, principalmente ao reformar este Terreiro, foi preservar um quintal com a vegetação interna, para manter o elo dos rituais, os quais são desenvolvidos nesse território ancestral com a força da natureza e, também, para minimizar os efeitos da urbanização. Porque para nós, candomblecistas, a vida se reforça através da natureza

Figura 9 – Quintal do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi



Fonte: Lucas França (2023)

Como já foi mencionado pelo Tata Kisaba M.M., uma alternativa para adquirir ervas para os rituais no Onzo Matondo, além do quintal e do remanescente de mata atlântica, é através da feira livre de São Joaquim⁵³, localizado em Salvador-BA. Nesse espaço comercial, encontramos lojas especializadas em vendas de produtos para realização de rituais de candomblé, principalmente, com diversos tipos de ervas.

Isso vai ao encontro do que aponta Diego de Oxossi (2018, p. 55) ao dizer que,

Há também que se considerar a dificuldade dos dias atuais em encontrarmos espaços de mata para o plantio e colheitas de ervas, ao passo que muitas delas podem ser facilmente adquiridas em feiras livres pela cidade ou erveiros especializados, o que em nada invalida o poder realizador – o axé – das folhas.

⁵³ É a maior feira livre de Salvador, Bahia, Ela não é só para os soteropolitanos, mas também para o recôncavo baiano. Localizada na Cidade Baixa, entre a Baía de Todos os Santos e a Avenida Oscar Pontes, no bairro do Comércio.

Figura 10 – Feira livre de São Joaquim



Fonte: Kauã Matheus, 2023.

É importante explicar que para realizar a coleta dessas folhas na mata, no quintal do Terreiro e, também, na Feira de São Joaquim é preciso que a indicação, o modo de uso e os tipos de folhas venham através dos jogos de búzios. Vamos conhecer, logo abaixo, como acontece a prescrição dos banhos de folhas através do jogo de búzios, por Mãe Nany, no Bakisi Tarameso⁵⁴ do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi. Essa prescrição dos banhos, Onzo Matondo, pode ser, também, através das entidades indígenas e sertanejas, chamadas de caboclos⁵⁵, que incorporam nas Mametos e Tatetos de Nkisi do Terreiro.

1.3 Prescrição dos Banhos de Folhas

Quando falo sobre banhos de folhas, lembro de quando os/as adeptos/as saíam do Bakisi Tarameso ou de uma consulta com os Caboclos e se dirigiam diretamente para tomar um amaci⁵⁶, que conhecemos no Onzo Matondo como banhos de folhas. As pessoas que utilizavam esses banhos não se enxugavam e saíam com pedaços de folhas nos cabelos e no corpo. No decorrer da minha vivência no Terreiro, consegui observar que o banho de uma pessoa, não era o mesmo de que outras utilizavam. Esse processo ritualístico acontecia comigo também, pois, frequentemente, tomava banhos de folhas para melhorar a minha saúde.

⁵⁴ Em bantu significa quarto da visão, onde está presente oráculo do jogo dos Búzios.

⁵⁵ São espíritos indígenas ou mestiços com negros e brancos, que incorporam nos adeptos dos Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, distribuindo energia da natureza para as pessoas alcançarem, a ascensão espiritual. Eles são os ancestrais do Brasil. Essas entidades são classificadas de caboclos de pena, caboclos de couro ou boiadeiros. São mensageiros dos Nkisis, semelhante ao Nkisi Nzila.

⁵⁶ Na Língua Bantu, amaci é conhecido como banhos de folhas.

Nessa época, quando eu tinha uns cinco anos, sentia muita dor de garganta e, em tempos de crise, não levantava da cama. Pai Bené, preocupado com a minha situação, foi no jogo de búzios e indicou três folhas relacionadas ao Nkisi Kavungo⁵⁷ para o preparo de um banho. A indicação de uso foi para três dias, pela manhã. Depois do terceiro dia fiquei melhor da dor de garganta. Nessa mesma época, o Caboclo chamado Andarai⁵⁸, o qual era muito raro aparecer entre nós, incorporou em Pai Bené para falar sobre as minhas constantes crises de garganta e, também, prescreveu um banho com três folhas, para eu tomar durante três dias.

Pai Bené, dentro do Bakisi Tarameso, informou a todos que o banho, endereçado a mim, naquele momento, com aquelas combinações de folhas e para determinado Nkisi, não serviria para outras pessoas. Pai Bené sempre deixava claro que é um risco tomar banhos de folhas sem prescrição do jogo de búzios.

Nesse contexto, o Tateto de Nkisi G.S, 26 anos de iniciado e filho do Onzo Matondo Tata Nzambi, relatou sua experiência com as orientações, através do jogo de búzios, de Pai Bené:

Eu tive acesso ao meu primeiro banho de folha através do meu saudoso zelador, Tateto de Nkisi Benedicto José de Argolo. Ele foi ao jogo de búzios para mim, onde eu procurei saber como andava a minha vida, pois passei por alguns perrengues e estava muito triste. Foi quando Pai Bené jogou os búzios e comprovou que minha autoestima estava baixa e prescreveu três tipos de folhas, macassa, erva-doce e alecrim, para tomar o banho por sete dias pela manhã, com o sol ainda frio. Chegando em casa, procurei as ervas né, achei em casa mesmo e fiz o banho. Depois desses banhos me senti outra pessoa, minha mente abriu para a vida e comecei a trabalhar melhor, a estudar melhor e sorrir mais. Depois de alguns dias, Pai Bené me informou que o macassa é uma folha fria específica do meu Nkisi Lemba, assim como a erva-doce e o alecrim. Essas folhas, segundo ele, são maravilhosas para banhos de amassi e revigora nossas energias. Eu dou graças a Nzambi e ao meu Nkisi por encontrar na minha caminhada meu Pai Bené (...). Essa experiência foi perfeita, tanto é que estou na família Onzo Matondo até hoje e recomendo às pessoas ouvirem o que os ancestrais têm a dizer no jogo de búzios.⁵⁹

Esse relato de Tateto G.S. e a minha experiência com os banhos, na infância, comprovam que no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, esses banhos de folhas usados em diferentes pessoas, para diversos fins, não são feitos aleatoriamente, seguem indicações passadas oralmente de duas formas: jogo de búzios (antes por Pai Bené e hoje por Mãe Nany)

⁵⁷Divindade da Nação Angola que é o dono do elemento terra e o que traz a saúde para a terra.

⁵⁸ É uma entidade caboclo que é considerado um pajé, curandeiro, para os indígenas.

⁵⁹ O registro desse relato foi por meio de gravação em áudio na cozinha do Terreiro Onzo Matondo, no dia 20 de março de 2023.

e pelas entidades chamadas de Caboclos, que incorporavam em pai Bené e, atualmente, em Mãe Nany.

Como já mencionei na introdução deste estudo, é muito importante trazer para a discussão o conceito de banhos de folhas sacrais e medicinais no ponto de vista do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi. Os sacrais são todos os banhos que combatem os desequilíbrios espirituais de uma pessoa, ocasionados pelas energias negativas propagadas em ambientes sociais diversos que o indivíduo vive.

Os banhos medicinais são relacionados à melhoria ou a cura das doenças e instabilidades do corpo físico. Entretanto, no Onzo Matondo não existe a dualidade de sacral e medicinal, os dois tipos de banhos, se complementam, estabilizando a alma e o corpo, através da ativação do poder de cada planta.

Depois da definição dos banhos, na visão do Onzo Matondo, peço Nbandagira a Nzila, por ser o Nkisi responsável por abrir os caminhos para que os Tatetos e Mametos de Nkisi possam se comunicar com os ancestrais, por Nzila, pelo jogo de búzios. Esse Nkisi é responsável por manter a comunicação entre os humanos (dimensão humana) e as divindades afro-brasileiras (dimensão espiritual). Nzila traz as informações de outros Nkisis através das caídas dos búzios na mesa. Cada caída representa um significado, variando de pessoa para pessoa que está sendo consultada⁶⁰.

É sobre essa dinâmica dos jogos de búzios que peço permissão, novamente, à Nzila, para conhecermos mais sobre esse oráculo ancestral, chamado de Ifá, pelo povo Yuruba. No Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, a sacerdotisa com a permissão de manipular o jogo de búzios é Mãe Nany, pois, como já foi dito, é a sucessora de Pai Bené.

Lembrando que, através do processo de formação que vivenciamos no Terreiro, sempre foi informado que o jogo de búzios só pode ser manipulado por um/a único sacerdote ou única sacerdotisa responsável pelo Onzo. Pai Bené, em uma de suas orientações, informou que adeptos/as do Terreiro poderiam ser prejudicados/as física ou psicologicamente, devido à força que emanava de dois jogos de búzios no mesmo Terreiro. Dessa forma, todas as orientações dos ancestrais são seguidas e respeitadas.

⁶⁰ No Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, onde a Mãe Nany joga os búzios, chamamos de quarto de consulta. Já na Língua Bantu, chamamos de Bakisi Tameso.

Após a morte de Pai Bené, em 2014, depois de todos os processos ritualísticos mencionados anteriormente, o manejo dos búzios ficou para Mãe Nany. Nesse contexto trago uma foto dela no Bakisi Tarameso, na função do jogo de búzios.

Figura 11 – Mãe Nany no Bakise Tarameso.



Foto: Autor (2023)

No momento em que fiz essa fotografia, Mãe Nany relatou informações importantes sobre o jogo de búzios, das quais algumas podem ser reveladas e outras não. Segundo Mãe Nany, para iniciar a abertura do jogo de Búzios:

Primeiro pedimos licença a Nzila e depois a todos dos Nkisis e a todas as Nkisianis. O certo seria fazer uma oração do jogo de búzios, que não pode ser revelada nesse momento, e começar. Em alguns casos, a gente não tem condições de fazer essa oração, porque tem pessoas que têm que ser atendidas com urgência, então a gente só faz saudar os Nkisis e começar o jogo. O jogo possui 16 búzios e ele vai alafiando⁶¹ devido às jogadas e também ao que a pessoa quer saber ou até o que ela não, quer saber também. Eu estou dando risada, porque tem gente que vem só querendo saber o que elas querem ouvir, porém, nem sempre é assim. Aqui saem coisas que você nem imagina. Vamos continuar. Então, os búzios vão caindo e transmitindo as mensagens. Sobre os Nkisis, cada búzio representa um Nkisi e dependo do que a pessoa quer para que os Nkisis digam o que tá pedindo. Não precisa que a pessoa fale nada, os búzios dizem e o Nkisi fala. É importante eu falar, também, que as mensagens chegam pra mim através das caídas de cada búzios e sua posição, e, também, pelas mensagens no meu ouvido e na minha mente dos Nkisis.⁶²

⁶¹Para Mãe Nany, alafiar significa confirmar. O jogo de búzios confirma a informação.

⁶²Em 13 de abril de 2023, foi feito esse registro mediante uma conversa com Mãe Nany no quarto onde ela joga os búzios, no bakisi taramesu.

Então, nesse momento de conversa com Mãe Nany pude entender que cada búzio indicava um Nkisi. Para nós do Terreiro Onzo Matondo, cada búzio pode representar os caminhos de cada pessoa. Porém, para fazer a leitura das caídas dos jogos e sentir a presença e a mensagem dos Nkisis, a Mameto ou o Tateto de Nkisi tem que vivenciar as trocas de saberes, através da oralidade, dentro do seu determinado Terreiro, pois não existe uma cartilha, um livro ou nada escrito que possibilite o desenvolvimento da sensibilidade mediúnica do jogo de búzio. Nesse sentido, Mãe Nany acrescenta:

No jogo de búzios, a pessoa não precisa ler livros. A pessoa tem que ter vidência. Não, é qualquer pessoa que pode pegar um jogo de búzios e jogar, só por ler um livro. Repito, a pessoa tem que ter vidência para conseguir enxergar o que está acontecendo na vida da outra pessoa que está sendo consultada. Isso aí é uma responsabilidade muito grande. É a vida da pessoa. A gente tá ali, olhando, vendo todos os problemas que estão acontecendo na vida da pessoa. [...] Vou dar um exemplo para você entender que precisamos de experiência de vida no Terreiro e não, somente, de livro. Olhe bem, se o jogo cair favorecido para a pessoa, ele vai alafiar aberto. Ele vai alafiar fechado, quando os caminhos da pessoa estão fechados, ou seja, com problemas. Aí a gente tem que futucar, mexer e ir além, para ver o que os Nkisis informam sobre aquela situação e o que está acontecendo de errado. Depois disso, os Nkisis me orientam para eu poder cuidar da pessoa, para ficar tudo bem.⁶³

Após esse relato de Mãe Nany, trago a imagem dela realizando o ritual de caída dos búzios, no Bakisi Tarameso.

Figura 12 – Mãe Nany manipulando os búzios



Foto: Autor (2023)

⁶³Em 13 de abril de 2023, foi feito esse registro mediante uma conversa com Mãe Nany no quarto onde ela joga os búzios. Através desse diálogo, ela relatou sobre a importância das plantas para o candomblé.

Na mesa do jogo, encontramos as contas/colares de cada Nkisi, pedras coletadas de rios e cachoeiras, um copo com água, moedas antigas, uma bola de cristal e uma vela acesa. Todos esses elementos, segundo Mãe Nany, aumentam a comunicação dela com os Nkisis, principalmente, porque existem elementos que nos conectam à força da natureza.

Depois da partilha de conhecimentos que Mãe Nany nos proporcionou, em relação ao ritual do jogo de búzios, nas tradições do Onzo Matondo Tata Nzambi, sigo apresentando as prescrições dos banhos sacrais e medicinais, através do jogo de búzios, para mim e para outros/as adepto/as do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, orientado por Mãe Nany.

Começo com o relato da Professora L.F., uma recém-adepta do Terreiro, sobre sua primeira experiência com os jogos de búzios:

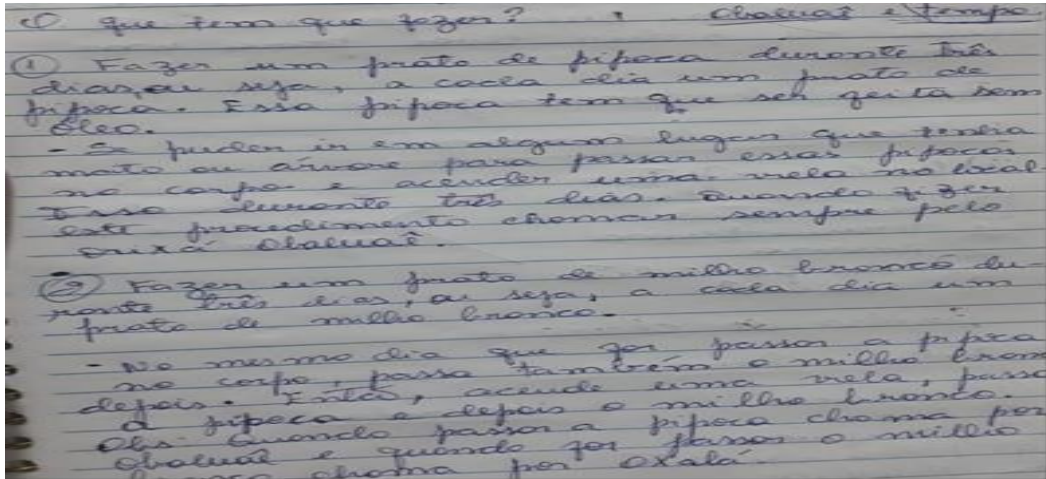
E tudo começou assim: Diego, percebendo que eu estava muito mal, pediu para Mãe Nany jogar os búzios para mim e para meus filhos, sem a nossa presença física ainda, só com os nossos nomes, data de nascimento e endereço. Ela prescreveu um ritual que eu tinha que realizar, como colocar um prato de pipoca feita na areia em um pé de árvore e depois passar essa pipoca no corpo todo. Aqui, começam os cuidados da espiritualidade de meu filho e de minha filha e a minha. Hoje, somos os três adeptos ao candomblé do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi e, também, temos acompanhamento, porque pedimos orientações para Mãe Nany, que, com toda a sua generosidade e amor no coração, nos orienta. Não tem dia e nem hora que pedimos socorro, ela sempre nos atende. Ao seguirmos todas as orientações, logo começamos a sentir os resultados e isso renovava nossa fé e, cada vez mais, fomos adentrando a esse espaço abençoado por Deus e pelos orixás. Não tenho palavras para explicar o que aconteceu, só apenas sentimos que teve uma virada de chave em nossas vidas. A nossa crença nos orixás se estabeleceu, porque antes de conhecer Diego, Mãe Nany, sua família, nós ainda tínhamos dúvidas. Hoje, nós entregamos nossa vida e nossas causas nas mãos de Deus e de nossos orixás, confiamos, recebemos suas bênçãos, aceitamos e agradecemos. E, assim, nossa saúde, física, mental e espiritual, começou a melhorar.⁶⁴

Vale lembrar que a professora L.F. não pôde ir para o Terreiro no dia dessa consulta com Mãe Nany. Então, fiquei responsável por passar todas as informações que Mãe Nany falava, através das caídas do jogo para um papel, pois é quase impossível gravar detalhes das orientações se não as transcrever. Porém, para Mãe Nany, que está jogando os búzios, fica inviável anotar todas as mensagens que chegam para ela dos ancestrais, por isso que a pessoa

⁶⁴ Em maio de 2023, foi feito esse registro, através da gravação de áudio, mediante uma conversa com Mãe Nany, no quarto onde ela joga os búzios. Através desse diálogo, ela relatou sobre a importância das plantas para o candomblé.

que está se consultando pode anotar, caso queira. Segue a prescrição escrita para a Professora L.F.

Figura 13 - Prescrição do ritual para a professora L.F.



Fonte: Autor. (2022)

Logo após essa primeira experiência de professora L.F., com o jogo de búzios, ela teve que comparecer presencialmente ao Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, se consultar no jogo de búzios e passar por tratamentos espirituais como é possível verificar na figura e no relato a seguir. Nesse momento, a professora estava passando por sérios problemas de saúde e fui até a casa dela para levá-la ao Terreiro e realizar a consulta. Foi nesse contexto que Professora L.F. relata a sua experiência com o jogo de búzios, quando ela foi a primeira vez no Onzo Matondo Tata Nzambi.

Figura 14 – Prescrição de banhos através do jogo de búzios de Mãe Nany para a Professora L.F.



Fonte: autor (2023)

Considerando as orientações de Mãe Nany fui numa consulta presencial no Terreiro e passei por um tratamento. Mas como eu estava entrando numa crise de pânico, Diego veio me buscar em Salvador. Quando cheguei a São Sebastião do Passé fui muito bem acolhida pela família de Diego e comecei a me sentir muito confortável e segura. A energia boa do Terreiro tomou conta de mim. Na hora que Mãe Nany jogou os búzios para mim e começou a conversar comigo sobre o que estava aparecendo para ela, chorei muito porque ela fez uma descrição da minha vida desde criança muito sofrida e que eu precisava cuidar dessa menina do passado para seguir em frente. A primeira coisa que ela me disse foi “você sabe que é aqui que você tinha que procurar”. Isso me marcou muito porque eu sentia isso mesmo em meu coração. Nesse primeiro momento, eu sabia que se eu não fosse para lá cuidar da minha espiritualidade eu iria enlouquecer. Os meus pensamentos estavam muito acelerados e confusos. Além disso, eu estava vivendo uma crise depressiva, desde 2014, e, mesmo tomando medicamentos prescritos por psiquiatra e acompanhamento psicológico, eu não estava melhorando. Vale dizer que eu só fui porque Diego, percebendo que eu não estava bem, não desistiu de mim. Caso contrário, eu tenho certeza que estaria louca, hoje. Nesse dia, tomei vários banhos de folhas, depois fui benzida⁶⁵ por uma filha de santo chamada Anair [...]. Hoje, não estou mais com crise de depressão e nem sem disposição para sair da cama, porque teve um período que, além de ficar o tempo todo deitada, tinha crises fortes de ansiedade e a mudança de humor era constante.⁶⁶

Essa experiência da professora L.F. se entrelaça com a minha, em relação aos problemas de saúde semelhantes ao dela que vivenciei em maio de 2023. Nesse período estava com crise de ansiedade, preocupado com alguns problemas familiares e com a escrita da minha dissertação do mestrado.

Fiquei desesperado e comecei a usar medicamentos de usos psiquiátricos, prescrito pelo médico, para amenizar essa ansiedade, que, na realidade, já estava avançando para uma depressão. Essa situação começou a preocupar os meus familiares, principalmente Mãe Nany, que, imediatamente, me levou ao Bakisi Tamesu e abriu o jogo de búzios para mim, seguindo todo o ritual, já mencionado, para abertura do oráculo ancestral.

Antes de jogar os búzios, percebi que Mãe Nany, além de Nzila, pediu licença à Nkisiani Ndandalunda. Ela me viu curioso e explicou que essa Nkisiani é a deusa do amor e da fertilidade, mas, também, da vidência e sem ela o jogo de búzios não existiria. E me contou a história que Ndandalunda conseguiu, através de seu carisma e sensibilidade, descobrir o segredo do jogo de búzios de Nzila. Mãe Nany foi mais além, dizendo que mesmo eu sendo do Nkisi Nzazi, quem responde todas às vezes no jogo é a Nkisiane Ndandalunda. Ela ainda me disse que Mameto Ndandalunda estava conduzindo a minha vida.

⁶⁵ Prática destinada a curar uma pessoa doente, aplicando sobre ela gestos, em geral, acompanhados por alguma erva com pretensos poderes sobrenaturais, ao tempo em que se aplica uma reza.

⁶⁶ O relato de Professora L.F. foi quando ela estava no Terreiro participando de um processo ritualístico no ano de 2022.

Após pedir licença, Mãe Nany jogou os búzios e me relatou os problemas que estavam acontecendo em minha vida e que a minha ansiedade estava muito avançada, podendo evoluir para uma depressão. Então, minha mãe Ndandalunda apresentou-se para mãe Nany, através das caídas dos búzios, pedindo que eu levasse no rio, numa cachoeira ou num lago, um presente para ela e que, um dia antes do ritual de entrega do presente, eu tomasse, ao anoitecer, um banho de folhas cheirosas.

Porém, não fui autorizado a mostrar os ingredientes deste banho, só do ritual de entrega do presente.

Figura 15 – Ritual de Entrega do presente para Mameto Ndandalunda



Fonte: Mailson Paim (2023)

Depois desse processo ritualístico do banho e da entrega do presente a Mameto Ndandalunda, minha mente ficou mais equilibrada, melhorei da ansiedade e estou dormindo melhor. Porém, é necessário explicar que esse ritual foi especificamente para resolução dos meus problemas físicos e espirituais, podendo não servir para outras pessoas. Cada pessoa tem um Nkisi, tem uma história de vida com caminhos diferentes, não podemos, de forma nenhuma, tratar os banhos de folhas como receita pronta, que vai servir para todo mundo, isso não, cada um tem a sua receita específica, prescrita pelo jogo de búzios.

Nessa perspectiva o Babalorixá Diego de Oxossi (2018, p. 96) afirma que

Cada folha e cada ingrediente mágico têm vibrações peculiares e, no caso dos banhos, é importantíssimo observar qual a vibração da sua receita considerando todos os elementos utilizados em sua composição. Isso porque é a vibração quem vai determinar a forma correta de tomá-lo: da cabeça aos pés ou do pescoço para baixo. (...) Nossa cabeça - Ori das tradições afro-brasileiras - é o ponto principal de energia do corpo, local de conexão com o sagrado e de equilíbrio físico e espiritual. Por esse motivo, banhos de vibração ativa,

compostos por folhas ou ingredientes vermelhos, ou quentes só devem ser tomados da cabeça aos pés se você estiver absolutamente seguro da vibração de sua receita e, especialmente, de que os ingredientes utilizados não contrariam as energias do seu ori.

Dessa forma, temos que respeitar as orientações do jogo de búzios e /ou dos Caboclos, em relação às vibrações de cada folha para cada Ori/Mutuê, pois podemos ter kizilas. Eu tenho uma experiência em relação à prescrição em sua íntegra do jogo de búzios. Em março de 2022, eu estava ansioso para viajar à Belo Horizonte, para iniciar o mestrado no PROMESTRE, na UFMG, e por causa disso, Mãe Nany jogou os búzios para mim e prescreveu um banho de descarrego para limpar o meu corpo, com folhas para proteção. Ela me informou que esse banho, com sete folhas, tinha que ser fervido e utilizado por três dias, do pescoço para baixo. Porém, houve uma troca de uma folha por outra, devido à semelhança delas.

Com o primeiro banho que tomei, senti uma coceira nos olhos, aparecendo, depois, placas vermelhas no corpo todo. Fui ao médico dermatologista, porém, com medicamentos farmacológicos não resolvi o problema. Foi nesse momento que Mãe Nany me perguntou sobre o banho, se as folhas estavam todas certas. E se por engano não tinha me atrapalhado nas folhas?

No dia seguinte, Mãe Nany foi no jogo para mim e descobriu que houve a troca de uma folha por outra, por engano, e colocou no banho uma folha, que, por ser muito quente, provocava kizila em mim. Logo, Mãe Nany prescreveu outro banho de água de Sango Axaputo⁶⁷, para amenizar o efeito da Kizila.

Depois que fiquei melhor, Mãe Nany me explicou que pessoas que tem Nkisi voltados para o elemento fogo e terra, não podem tomar banhos de folhas quentes sem a indicação do próprio Nkisi. Ela ainda relatou que o quioiô, por exemplo, tira o mau-olhado, mas pode esquentar o mutuê e provocar reações alérgicas.

O Sango Axaputo, conhecido como milho branco, é o sinônimo de paz e tranquilidade para nós do Terreiro Onzo Matondo, porque quando estamos sofrendo com alguma kizila, ele ou o seu banho combatem os efeitos dessas kizilas.

Em relação de seguir corretamente as orientações, o Tateto G.S. também relatou, para mim, sobre a importância desse vegetal na cura das kizilas:

Aqui no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi ia ter uma comemoração de Tateto Lemba, porém fui pintar o meu cabelo no dia inadequado, porque o Terreiro estava em dias festivos e em homenagem a esse Nkisi. Eu não podia pintar o cabelo, porque eu sou do Nkisi Lemba que não permite e em decorrência disso, tive dores de cabeça muito

⁶⁷ Vegetal conhecido como milho branco, o mais importante no Terreiro Onzo Matondo Tata Nambi. Ele é a oferenda principal do Nkisi Lemba (Nkisi da procriação e da paz, pai de todos os Nkisis e Nkisianis).

*forte, mas graças a Nzambi, aos Nkisis e a ajuda de Mãe Nany, fomos para o jogo de Búzios e ela prescreveu o banho da água do milho branco, que conhecemos aqui como sango axaputo, importante para todos os Nkisis. E com a água do milho branco, após cozido, eu lavei a minha cabeça. Foi aí que melhorei. Mas essa situação foi ótima para mim, porque aprendi a ter mais respeito à minha ancestralidade.*⁶⁸

Considerando os relatos apresentados sobre às kizilas, que afetam os adeptos do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, iremos encontrá-las também no espaço acadêmico e escolar, dentre outras kizilas, uma delas é em forma de silenciamento e cerceamento das manifestações culturais de matizes africanas provocadas pelo racismo religioso. Dessa forma, no capítulo seguinte, será preciso a energia dos banhos de folhas de vence-demandas para o enfrentamento dessas kizilas nos espaços formais de ensino. Nesse estudo, os diversos tipos de racismos e todas as suas consequências serão chamados de kizilas.

⁶⁸Em maio de 2023, foi feito esse registro mediante a gravação de áudio, por uma conversa com Tateto G.S. No Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi

2 ANCESTRALIDADE: DEMANDAS SERÃO VENCIDAS

Folhas para vencer demandas são maceradas na água limpa, em uma bacia com cânticos e danças para pedir licença aos ancestrais à luz de sete velas

Para falar da força dos banhos de vence-demandas que estão presentes no cotidiano do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, tenho que pedir Nbandagira para Tateto Nkosi⁶⁹, porque esse Nkisi, através de sua espada, vai abrindo os caminhos e cortando as kizilas que prejudicam a saúde emocional, corporal e espiritual das pessoas.

Esses banhos, como quaisquer outros, são prescritos através da indicação do jogo de búzios e/ou pelos Caboclos, visando nos livrar das kizilas da vida. Esses conhecimentos sobre os rituais de banhos de vence-demandas são construídos, diariamente, na vivência coletiva, no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi. Nesse espaço, eu desenvolvo, na coletividade, mecanismos para me defender das kizilas que a vida e o ensino formal nos impõem. A força desses banhos transborda o Terreiro e invade outros territórios, incluindo a escola.

Vencer demandas é também enfrentar os diversos tipos de racismos, incluindo o religioso, que considero como uma kizila. Nunca foi uma tarefa fácil, principalmente quando eu era estudante da Educação Básica e da graduação, por pertencer ao candomblé. Agora, como professor de Biologia, do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, desde 2013, essas demandas se estenderam, para além de mim, os/as estudantes dessa instituição também sofrem racismo religioso por serem de religiões de matizes africanas.

O Babalorixá Sidnei Nogueira (2020, p. 89) explica o que é o racismo religioso e como podemos identificá-lo nas religiões de matiz africana:

O racismo religioso condena a origem, a existência, a relação entre uma crença e uma origem preta. O racismo não incide somente pretos e pretas praticantes dessas religiões, mas sobre as origens da religião, sobre as práticas, sobre as crenças e sobre os rituais. Trata-se da alteridade condenada a não existência. Uma vez fora dos padrões hegemônicos, um conjunto de práticas culturais, valores civilizatórios e crenças não pode existir; ou pode, desde que a ideia de oposição semântica a uma cultura eleita como padrão, regular e normal seja reiteradamente fortalecida.

Eu aprendi, no meu Terreiro, que não se deve pedir tolerância, não queremos ser tolerados, mas, sim, respeitados. É importante explicar que é muito superficial utilizar a palavra

⁶⁹ Nkisi do ferro, dos ferreiros e de todos os que utilizam esse metal: agricultores, caçadores, açougueiros, barbeiros, marceneiros, carpinteiros, escultores e ainda como o patrono das tecnologias, pois se liga ao fogo. Considerado também como o Nkisi guerreiro que carrega uma espada e um escudo, equivalente ao orixá Ogum.

tolerância na luta antirracista e no combate ao racismo religioso. O ato de tolerar, de forma alguma, pode ser festejado e levado como base para a promoção de um mérito pessoal e um modelo político, pois, conforme o Babalorixá Sidnei Nogueira (2020, p. 30-31),

tolerância é um termo que vem do latim *tolerare* e significa “suportar” ou “aceitar”. A tolerância é o ato de agir com condescendência e aceitação perante algo que não se quer ou que não se pode impedir. Ouve-se muito que “é preciso tolerar a diversidade”. A expressão, aparentemente, progressista e bem-intencionada, desperta a indignação de alguns tolerados. Não, não é preciso tolerar ninguém. “Tolerar” significa algo como “suportar com indulgência”, ou seja, deixar passar com resignação, ainda que sem consentir expressamente tal conduta. Quem tolera não respeita, não quer compreender, não quer conhecer. É algo feito de olhos vendados e de forma obrigatória.

Essa ideia de tolerância fortifica a descaracterização, o silenciamento e o cerceamento da cultura e da história das religiões de matizes africanas, principalmente na escola, impedindo a identificação e o combate ao racismo. Nesse sentido, é preciso abordar o racismo religioso de forma crítica, em vez da tolerância, porque o racismo é uma negação da existência, tanto na forma individual, quanto no coletivo. Nesse caso, todo um grupo sofre as consequências do racismo.

Quando comecei como professor no CELVF, minhas práticas pedagógicas intensificavam e, muitas vezes, reproduziam o racismo religioso nessa instituição, pois o multiculturalismo era sempre abordado para buscar somente a tolerância e o respeito às diferenças, sem desenvolver a criticidade com os/as educandos/as e outros grupos da comunidade escolar. Não havia movimento para problematizar e questionar as relações de poder, quando se tratava de identidades, identificações e diferenças na instituição.

Essa visão condescendente e benevolente, ao abordar a diversidade cultural, é limitante, pois, segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 73),

em geral, o chamado "multiculturalismo" apoia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença. É particularmente problemática, nessas perspectivas, a ideia de diversidade. Parece difícil que uma perspectiva que se limita a proclamar a existência da diversidade possa servir de base para uma pedagogia que coloque no seu centro a crítica política da identidade e da diferença. Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas.

Diante desse contexto, faz-se necessário discutir, analisar e refletir sobre o multiculturalismo em diversos contextos sociais, principalmente, no âmbito escolar, porque, de

acordo com Gomes (2000, p.75), reconhecer e problematizar o multiculturalismo não é somente estudar as individualidades dos grupos sociais, mas, também, “[...] implementar políticas públicas, alterar relações de poder, redefinir escolhas, tomar novos rumos e questionar a nossa visão de democracia”.

Em consequência dessa discussão, é preciso conhecermos a diferença entre os termos multicultural e multiculturalismo apresentados nos estudos de Stuart Hall (2013, p 57). Segundo esse autor, o multicultural

[...] descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo, em que retêm algo de sua identidade “original”. Em contrapartida, o termo “multiculturalismo” [...] refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais.

Desenvolver uma prática pedagógica na perspectiva do multiculturalismo é um ato político, crítico e, também, transgressor, nas escolas, principalmente, às públicas. Essa é uma proposta desafiadora e arriscada para alguns/mas docentes incorporar, porque possibilita que o/a professor/a reflita sobre o seu dia a dia em sala de aula e perceba que, muitas vezes, silenciou as diferentes formas de culturas propagadas, produzidas e difundidas pelos/as discentes.

É nesse sentido que bell hooks (2017, p. 63) afirma que “o multiculturalismo obriga os educadores a reconhecer as estreitas fronteiras que moldaram o modo como o conhecimento é partilhado na sala de aula. Obriga todos nós a reconhecer nossa cumplicidade na aceitação e perpetuação de todos os tipos de parcialidades e preconceitos [...]”.

Foi na minha experiência na Educação Básica, na graduação e como professor de Biologia, que vivenciei as kizilas (racismo religioso, racismo recreativo⁷⁰ e silenciamento das manifestações de matizes africanas) que se perpetuam, até hoje, em minha vida. Porém, conto com a força dos rituais do banho de vence-demanda para combate dessas kizilas.

Logo abaixo, trarei, nesse ritual⁷¹ de vence-demandas, a minha luta incessante, como candomblecista, para enfrentar, desde criança, o racismo religioso/Kizila, na minha vida

⁷⁰ Ofensa de cunho racial disfarçada de piada. Segundo Adilson Moreira (2019, p.54-55), o humor racista causa dano moral aos indivíduos porque afeta diretamente a expectativa deles de serem tratados de forma respeitosa em uma sociedade baseada no reconhecimento do mesmo status moral dos indivíduos.

⁷¹ Os capítulos estão sendo denominados nesse estudo de rituais. Esse segundo capítulo intitulei de ritual de banhos de vence-demandas.

escolar, na graduação, chegando até na minha vida profissional, como professor de Biologia, no CELVF.

2.1 Eu, Filho de Benedito Macumbeiro

*Muzenza, Muzenza Kebata ê Muzenza
Muzenza Kebata
Muzenza, Muzenza Kebata ê Muzenza
Muzenza Kebata*

Esse cântico, na língua Bantu, é entoado nas festividades da primeira saída a público dos adeptos/as do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, que incorporam e se iniciam no candomblé. O/A Muzenza tem que passar sete anos de aprendizado, cumprir todos os rituais, para se tornar Mameto ou Tateto de Nkisi. Lembro-me que, na infância, adorava essa música e ficava dançando, fazendo toda uma representação artística, com passos sincronizados, seguindo todas as etapas do ritual de iniciação.

Foi através dessa dança ancestral que perdi a timidez de socializar com outras pessoas, principalmente na escola. Com cinco anos, em 1991, eu já presenciava vários rituais no Terreiro Onzo Matondo e reproduzia a maioria deles na escola, a exemplo dos rituais de dança dos Nkisis.

Nessa época, eu estudava em uma escolinha particular, na cidade de São Sebastião do Passé - BA, na antiga alfabetização, no que, hoje, é o primeiro ano do Ensino Fundamental I. Na sala de aula, eu chegava todo alegre querendo representar os rituais de dança do Terreiro. Quando eu começava a cantar e a dançar, os meus colegas começavam a chorar e a saírem da sala. Naquela época, eu não entendia e até achava engraçado a atitude deles/as.

Depois dessa situação, alguns/algumas estudantes relataram aos seus pais e mães sobre o ocorrido em sala e muitos foram à direção da escola para reclamar sobre minhas danças e cânticos. Então, a coordenação da escola, pensando em minimizar a situação da tentativa de silenciamento das minhas práticas culturais afro-religiosas, solicitou que eu fizesse uma apresentação em sala sobre um ritual de iniciação de uma pessoa que fosse passar a incorporar, ou seja, virar muzenza. Isso era tudo o que eu queria e, assim, eu fiz.

No dia seguinte, em sala, comecei a cantar e a dançar, somente com cinco anos, porém, a maioria dos meus colegas saiu da sala, desesperados, chorando e outros/as davam muita risada, de forma cômica mesmo. Algumas professoras faziam gestos do sinal da cruz, como se

estivessem repudiando as minhas ações. Outras docentes saíram da sala cruzando os dedos e as duas que ficaram deram muita risada, dizendo, com ironia, que estavam gostando das danças e dos cânticos. Nesse dia, cheguei em casa feliz, acreditando que alguns/as, tinham compartilhado comigo a mesma emoção de satisfação que eu estava sentindo, mesmo percebendo o repúdio da maioria das pessoas em minha volta.

Essas duas professoras, que riram de forma sarcástica, me perguntaram se eu não queria representar a escolinha na festa do folclore, que seria realizada em agosto, daquele mesmo ano. Eu, com o coração tomado de alegria, disse sim, sem nem saber da opinião dos meus pais. Nesse dia, levei a autorização para a minha casa e minha Mãe Maria assinou, me autorizando a participar do evento da prefeitura municipal de São Sebastião do Passé-BA.

No dia 08 de agosto de 1991, numa manhã de sexta-feira, a minha escolinha foi a segunda a apresentar. Estava tão nervoso e ansioso para representar o que aprendi na vivência do meu Terreiro. Eu cantei e dancei, que não queria parar mais. Entretanto, esse convite para apresentar na festa do folclore me custou caro. Alguns estudantes não quiseram sentar mais perto de mim na escola, não partilhavam objetos escolares e passaram até a me agredir, verbal e fisicamente.

Percebo, hoje, que sofri racismo religioso. Esse reconhecimento se dá, atualmente, porque vivencio o letramento racial crítico, que, de acordo com Pereira e Lacerda (2019, p. 95), é uma corrente de letramento que procura analisar e entender as relações de poder e de dominação e como elas interferem na modificação das identidades de raça e, a partir disso, como essas identidades, que são forjadas, atuam na sociedade.

Para esses autores, quando se vivencia o letramento racial crítico, passamos por três estágios: o primeiro é a não aceitação de que existe o racismo; o segundo é reconhecer o racismo e questioná-lo; e o terceiro é reconhecê-lo, questioná-lo, além de planejar e propor ações no combate aos racismos presentes na sociedade.

Na infância, na adolescência e em uma parte da fase adulta, mesmo eu sofrendo com os racismos religioso e recreativo, não conseguia reconhecê-los. Hoje, através da análise da minha narrativa autobiográfica, foi uma das formas que consegui reconhecer, os racismos que sofri. Nesse sentido é que reconheço que as nossas narrativas autobiográficas “são importantes para entender as experiências e como essas experiências podem apresentar uma confirmação ou uma contra-argumentação acerca de como a sociedade funciona” (PEREIRA; LACERDA, 2019, p. 244).

Através da vivência desse letramento, observei que as manifestações culturais das religiões de matizes africanas são sempre subjugadas e tratadas de forma superficial e com traços folclóricos, em datas pontuais e comemorativas, nos diversos espaços da sociedade. Isso dificulta o reconhecimento e o enfrentamento aos diversos tipos de racismos, aumentando o silenciamento das manifestações culturais afro-religiosas e indígenas e dando uma falsa impressão de que todas as religiões estão sendo tratadas igualmente, nos diversos ambientes sociais, incluindo o escolar.

Além do racismo religioso, outro que está presente nessa minha história, na escolinha, é o racismo recreativo. Muitos desconsideram a sua agressividade. Percebo isso, hoje, analisando as risadas e a atitude das professoras em folclorizar a cultura do candomblé. O ato de humor está presente na vida das pessoas, principalmente, para descontração. Porém, algumas brincadeiras podem ter cunho racista e provocar cicatrizes profundas na vida de um indivíduo, além dos seus efeitos nefastos em toda uma comunidade.

Nesse sentido, é importante entendermos o humor na construção do racismo recreativo. Para Adilson Moreira (2019, p. 48) o efeito cômico do humor

[...] produz uma resposta positiva no indivíduo, o que lhe traz uma sensação de prazer. Ele ativa partes cerebrais responsáveis por emoções relacionadas com a produção desse sentimento, motivo pelo qual o indivíduo procura estar presente em situações dessa natureza. Podemos dizer que o humor é uma emoção provocada por processos cognitivos que articulam informações responsáveis pela produção do efeito cômico. Além disso, ele pode servir como meio para as pessoas aliviarem tensões emocionais e também como forma de enfrentar adversidades, motivo pelo qual membros de grupos minoritários criam uma série de piadas que satirizam suas próprias condições. [...] o humor atende também outras necessidades emocionais, notoriamente a necessidade de distinção em relação a outras pessoas. O humor racista satisfaz a necessidade de diferenciação que pessoas brancas sentem em relação a indivíduos considerados inferiores e também cria um sentimento de solidariedade entre os membros desse grupo.

É desse humor racista que se origina o racismo recreativo. Eu vivenciei este tipo de kizila, na escolinha, quando eu tinha somente cinco anos. Eram gargalhadas, gestos, bocas tortas, orações para repreender as minhas danças e cânticos. Tudo isso era uma forma de degradar a minha cultura e a minha fé.

É nesse sentido que Moreira (2019, p. 54-55) acrescenta que

o humor racista causa dano moral aos indivíduos porque afeta diretamente a expectativa deles de serem tratados de forma respeitosa em uma sociedade baseada no reconhecimento do mesmo status moral dos indivíduos. Piadas são

racistas quando propagam estereótipos negativos sobre membros de grupos minoritários, o que concorre para a reprodução da animosidade social em relação a eles. Outros alegam que o humor pode ser racista quando está acompanhado de algum tipo de malícia, o que implica uma atitude hostil ou de desconsideração por minorias raciais. Por esse motivo, certos autores argumentam que uma piada pode ser racista independentemente do dano causado a indivíduos específicos porque propaga o ódio em relação a segmentos sociais, o que tem implicações significativas na vida de seus membros.

Em 27 de fevereiro de 1992, com seis anos, fui iniciado no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, por Pai Bené, como Tata Xicarangoma, sacerdote que fica responsável pelos cânticos aos Nkisi. Nesse momento eu realizava o meu sonho em ser do candomblé. Com a minha cabeça raspada⁷², uma conta no pescoço representando o meu Nkisi Nzazi, eu só podia usar calça, camisa, boina e sapato branco. E foi vestido dessa forma que fui à escola, para cursar a primeira série do antigo primário.

A seguir, apresento uma foto minha no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, no processo ritualístico de iniciação, com seis anos.

Figura 16 – Eu no processo ritualístico de iniciação no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi



Fonte: Arquivo do Terreiro (1992)

⁷² Ritual em iniciados no candomblé que significa o renascimento. A pessoa no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, quando se inicia, precisa raspar a cabeça e entregar o Mukunã (cabelo), para o Nkisi. Raspa-se a cabeça para preparar o mutuê/cabeça, que leva vários tipos de oferendas para se fortalecer. Uma mente fortalecida consegue controlar todo o corpo. Porém, quando a mulher está grávida e é iniciada, normalmente o/a filho/a já nasce iniciado no candomblé, pois ele/a passou junto com a mãe o processo de renascimento. Então, ele/a não precisa passar pelo processo de raspagem da cabeça. Esse ritual de raspagem da cabeça, acontecem em todas as nações do candomblé (Angola, Ketu, Jeje e Ijexá).

Logo de cara, todos/as nós, estudantes, ficávamos em fila para a execução do hino nacional, do pai nosso e da Ave-Maria. Mesmo o ensino sendo laico, as escolas se voltavam para os ensinamentos das religiões judaico-cristãs, silenciando outras culturas religiosas, a exemplo das afro-brasileiras. Esse momento do hino e da reza era no pátio da escola. Fiquei envergonhado, pois todas as pessoas, de professores/as a alunos/as, olhavam para mim como se estivessem olhando para uma pessoa de outro mundo. Muitos dos meus colegas de sala vinham me perguntar por qual motivo eu estava vestido daquele jeito. Não pude responder nada, pois me desesperei, chorei e não queria ficar, de forma alguma, na escola.

No dia seguinte, na sala de aula, outro colega perguntou se meu pai fazia mesmo bruxaria e se ele era humano. Todos/as que estavam na sala soltaram altas gargalhadas, até a professora. Porém, não gostei das perguntas e tão pouco das risadas, que sangraram o meu peito.

Depois de alguns dias, uma professora me perguntou se eu era filho de Benedito macumbeiro. Eu dei uma risada sem graça e disse que sim, para não contrariar a professora. Mas, novamente, não gostei da brincadeira. Esse tipo de humor racista era frequente naquela instituição que eu estudava.

Em 1999, quando eu estudava em um colégio municipal em São Sebastião do Passé-BA, na sexta série do Ensino Fundamental II, que, hoje, é o sétimo ano, participávamos das aulas de religião. Os conteúdos que eram abordados em sala, pela professora, se assemelhavam aos ensinamentos da cultura das igrejas cristãs.

Eu ficava sem entender o porquê da minha cultura do Candomblé não ser estudada também. Nada que a professora falava era da minha vivência. Lembro-me que questionei a minha professora sobre a ausência do estudo de outras religiões nas suas aulas, ela me respondeu com agressividade e disse que aquele conteúdo era padrão e o normal, que todos tinham que aprender.

Nesse mesmo ano, no mês de julho, quando nós, estudantes, voltávamos do recesso junino, a professora esperou todos/as saírem da sala e me deu um papel no qual estavam escritos os dez mandamentos. Logo em seguida, eu perguntei: é para ler e copiar no caderno, professora? Ela falou: *“Não! Esse papel é para você dar a seu pai para que ele reflita sobre todos os pecados que ele tem. O seu pai não é macumbeiro? Ele só desviou o caminho, mas todos nós nascemos católicos”*. Muito triste com a situação, cheguei em casa e dei o papel ao Pai Bené, que, imediatamente, me falou que iria no outro dia ao colégio.

Fica claro que a minha professora praticou racismo religioso, descaracterizando e cerceando a cultura do candomblé. Porém, essa situação foi combatida pelo meu pai, que foi na

reunião do colégio e falou da importância do candomblé na vida dele e pediu que a direção da escola tomasse medidas educativas para conscientizar, principalmente, os/as professores/as, no combate ao racismo religioso. A força para lutar contra essas kizilas vem da vivência com os meus familiares e dos rituais dos banhos de vence-demanda.

Cursei o Ensino Médio em um colégio particular católico, em Salvador-BA. Estudei às três séries do Ensino Médio. No primeiro ano, os/as alunos/as recebiam um convite para se confessar, mas não era obrigatório, porque a direção entendia que tinha estudantes que não faziam parte da religião católica. Nesse ponto, a coordenação da escola deixou muito claro que quem se sentisse confortável podia participar das atividades da paróquia.

Os/as professores discutiam qualquer tipo de assunto, independentemente da filosofia cristã que o colégio pregava. Isso foi um aspecto positivo. Porém, meus colegas de sala, quando perceberam que sou adepto ao candomblé, faziam perguntas do tipo: *“Você bebe sangue? O seu pai de santo faz homem virar mulher, é mulher virar homem? Tem uma vizinha minha que está doente e o pessoal da rua diz que foi macumba. Isso é verdade?”*

Essas perguntas vinham sempre com uma risada de canto de boca ou gargalhadas, que me destruíam internamente, mas, por fora, eu vestia uma máscara que não deixava transparecer a minha dor, naquele momento. Eu queria, na realidade, era fazer parte do grupo de colegas, por isso eu me sujeitava a esses tipos de kizilas.

Naquela época do Ensino Médio, não pude responder a essas questões, pois era ingênuo para combater as kizilas. Não imaginava que as pessoas pensavam dessa forma sobre a minha religião. Mas, hoje, percebo que essas falas preconceituosas e racistas são frutos do silenciamento e da demonização que as culturas afro-religiosas sofrem na sociedade brasileira.

Por isso, trago para o diálogo a demanda de implementação de uma educação antirracista na escola, na visão de Nilma Lino Gomes (2013, p. 87), para quem é de fundamental importância

[...] entender que o momento atual de discussão e implementação de um estudo sistemático sobre a questão racial na escola básica está inserido em um contexto maior de luta pela construção da democracia e de um Estado realmente democrático, com todos os conflitos que esse debate possa acarretar. O principal alvo da educação antirracista é a construção de uma sociedade mais digna e democrática para todos [...].

Na realidade, esse pensamento de discutir e implementar o estudo sobre as questões de raça nas escolas proposta por Vera Candau (2013) poderia se estender até a graduação, porque

eu sofri, enquanto aluno de uma instituição de Ensino Superior, o racismo religioso/kizila, logo, algo que não se restringiu à Educação Básica.

Em 2008, logo no meu primeiro semestre, na sala de aula, sofri racismo religioso por uma professora. Era dia de avaliação, então, coloquei minha roupa branca, minha conta⁷³ no pescoço e fui para a Universidade. Chegando lá, a professora me olhou de cima a baixo e perguntou: *“Diego, você acha que isso aí que você está usando vai te ajudar a sair bem na prova? A vida não foi feita para nos distrairmos com cultos voltados ao demônio. Se você quiser, depois lhe explico mais sobre isso”*.

Depois da pergunta e da afirmação da professora, fiquei sem chão, pois não imaginava ouvir isso de uma professora universitária. Naquele momento, confrontei a docente, tentando falar com ela sobre a história e a filosofia de minha religião para ela, mas não tive sucesso. Ela não quis dialogar comigo.

A tristeza e a incapacidade me abateram e o medo de ser perseguido, também. Naquele instante de tensão, o diálogo seria essencial, pois como aponta bell hooks (2017, p. 174),

a prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe cosia, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças.

Depois da graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas, em 2013, fui trabalhar como professor no Colégio Estadual Luiz Viana Filho (CELVF). Naquele ano, havia passado no concurso público para professor de Biologia, pelo Governo do Estado da Bahia. Gostei da localização da unidade escolar e, também, de ser situada em uma cidade vizinha da minha residência.

Recordo-me que, nos primeiros dias de aula, fui logo falando que eu era candomblecista, pois, na minha vivência no Terreiro Onzo Matondo, aprendi que não podíamos esconder e nem negar a nossa fé. O melhor, então, era enfrentar sempre as kizilas que, porventura, viessem a nos afetar.

Nesse ambiente escolar, sofri e presenciei estudantes praticando racismo religioso com outros/as estudantes que se declaravam candomblecistas. Por esse motivo, muitos/as discentes

⁷³ Fios de contas de miçangas. No Terreiro Onzo Matondo chamamos de Guias. Cada Nkisi tem a sua cor característica de miçangas.

que eu sabia serem do candomblé, preferiam silenciar a manifestação da sua fé para não sofrer retaliações de professores/as e colegas de classe.

Outra situação que percebi, no CELVF, é que as manifestações culturais de matiz africana não eram abordadas no currículo e nem nas práticas pedagógicas. Quando isso acontecia, eram sempre tratadas de forma bem superficial e folclórica, perdendo seu sentido de luta e resistência, mesmo obrigatoriedade da Lei Federal n. 11.645/08⁷⁴.

Nesse sentido, propus, nesse estudo e, na prática, no CELVF, incluir a cultura dos banhos de folhas sacrais e medicinais, ligados ao candomblé, no currículo e nas práticas pedagógicas do CELVF, pois, dialogando com as ideias de Eneida Silva (2020), também considero que as manifestações culturais afro-brasileiras e indígenas estão presentes no cotidiano dos/as estudantes e contempla o Ensino da Cultura e da História africana, afro-brasileira e indígena, amparando o/a docente na luta contra as kizilas.

Diante dessas situações de práticas racistas, elaborei um plano de ação, juntamente com professores/as, a gestão e a coordenação pedagógica, no ano de 2022. Esse plano era voltado para o desenvolvimento de um projeto que levasse a todos/as da comunidade escolar a refletir e a tomar atitudes antirracistas sobre o silenciamento e o cerceamento das manifestações culturais afro-religiosas, algo que refletia na manutenção do racismo religioso. Os resultados desse Projeto estão publicados nos Anais⁷⁵ da 8ª *Jornada Virtual Internacional em Pesquisa Científica: Educação, saberes pedagógicos e práticas educativas*.

2.2 O espaço escolar e suas demandas

Antes de falar o contexto histórico-socio-cultural do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, instituição de ensino que trabalho há dez anos, preciso pedir Nbandagira aos meus ancestrais e continuar com a força do banho de vence-demanda para pisar no chão desse espaço formal de ensino. Junto a isso, para propor um diálogo entre os meus conhecimentos sobre os banhos de

⁷⁴ Lei 11645/08, que institui a obrigatoriedade, no currículo e nas práticas pedagógicas das escolas públicas e privadas da educação Básica, o Ensino História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

⁷⁵ ARGOLO, Diego Cruz. LÍRIO, Vinicius da Silva. Manifestações culturais afro-religiosas: uma ação decolonial com estudantes e professores/as do Ensino Médio. In: Actas Completas e Resumos da 8ª Jornada Virtual Internacional em Pesquisa Científica: Educação, saberes pedagógicos e práticas educativas. [recurso eletrônico] / Maria Ferreira, Thiago S. Reis (org.). – Porto: Editora: Cravo, 2024. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1x3IU7CSTw0-o-CtzCONiu9Y7tR9vxWX5/view>>. Acesso em: 14 de maio de 2024.

folhas sacrais e medicinais, partilhados na minha vivência no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, com os conhecimentos de mundo e escolar dos/as estudantes.

Acredito que a escola pública, mesmo com todos os desafios para construção de uma educação que combata diferentes formas de kizilas, ainda se configura um espaço responsável pela (re)construção de representações positivas dos afro-brasileiros e por uma educação que considera e acolhe a identidade e diferença como parte de uma formação integral, humana e cidadã. (CANDAUI, 2013)

A partir dessa ótica, de um espaço que preza pela formação cidadã e humana, é que começo a falar sobre o Colégio Estadual Luiz Viana Filho, localizado na Rua Desembargador Teixeira de Freitas, no bairro Pitanga, município de Candeias, região metropolitana de Salvador-BA.

O CELVF funciona, no diurno, com Ensino Médio, atendendo a alunos/as com faixa etária de 14 a 17 anos; e, no noturno, com a Educação de Jovens e Adultos (EJA – Tempo Formativo II, Segmento III, ETAPAS VI e VII)⁷⁶, tendo matriculados/as estudantes a partir dos 18 anos. Esses dados seguem as orientações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

Além disso, essa instituição de ensino é considerada, pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC-BA), de grande porte, pois, hoje, estão matriculados cerca de 810 alunos/as. Essa mudança de médio para grande porte aconteceu devido à vinculação do anexo, situado no distrito da Caroba, de Candeias-BA.

Conforme o historiador Jair Cardoso dos Santos (2020), a cidade de Candeias, onde o CELVF está situado, foi um dos locais no Brasil que também sofreu o processo de colonização pelos portugueses. As primeiras áreas invadidas foram as litorâneas e, conseqüentemente, apropriadas por esses colonos europeus.

Essas terras eram habitadas pelos indígenas Tupinambás, da família linguística Tupi-guarani, tronco tupi, que considero os verdadeiros donos da terra. Muitos desses indígenas, com a ação dos portugueses, foram assassinados e expulsos de suas terras. Outros sofreram processo de catequização, que tinha o intuito de converter os indígenas à fé católica, através do ensino de escrita e leitura da língua portuguesa. (SANTOS, 2020)

⁷⁶ Tempo Formativo I, que equivale ao 1º segmento do Ensino Fundamental, com duração de três anos (eixos 1, 2 e 3); Tempo Formativo II, equivalente ao 2º segmento do Ensino Fundamental, com duração de dois anos (eixos 4 e 5) 4) Segmento III, equivale Etapa VI e VII, com duração de dois, que corresponde a EJA, ensino médio.

Nessa ótica, sobre as consequências desse processo de catequização, Nogueira (2020, p.38) aponta:

De qualquer modo, a cultura-crença dos indígenas foi totalmente desconsiderada pelas instituições cristãs, uma vez que as tentativas de epistemicídio indígena se mantiveram até hoje, fato evidenciado pelas não raras missões evangelizadoras. Havia total negação das crenças indígenas pelos europeus.

Nesse contexto, após expulsões, genocídio e catequização dos indígenas Tupinambás, o outro alvo da coroa portuguesa foram os africanos, que tiveram também suas terras, lá no seu continente, invadidas pelos europeus. Foram retirados à força delas para servirem de mão de obra escravizada, em países das Américas.

Candeias foi uma das cidades do Brasil que recebeu negros escravizados para serem explorados e desumanizados em engenhos de cana-de-açúcar. Para o historiador Jair Cardoso dos Santos (2020, p. 106),

depois da penosa travessia do oceano Atlântico nos navios tumbeiros, em uma viagem que durava em média quarenta dias, e de passar pelo porto de Salvador e serem leiloados, os nossos ancestrais africanos chegavam às terras do município de Candeias através de barcos, navegando pela Baía de Todos-os-Santos e pelos meios fluviais, como o rio São Paulo. Explicações racistas diziam que o Brasil ‘optou’ pela escravidão africana e não indígena porque, ao contrário dos habitantes da terra, os africanos ‘aceitaram a escravidão’. É óbvio que ninguém aceita a sua escravização e as resistências negras ocorreram desde o início da diáspora africana.

O bairro Pitanga, onde está localizado o colégio, originou-se nessa ótica colonialista através da construção do engenho da cana-de-açúcar pelos portugueses, entre 1563 e 1566. Foi no entorno do engenho que surgiu a cidade de Candeias-BA. Então, nas primeiras décadas do século XX, os trabalhadores associados ao Usineiro Horácio Pinto habitavam nessa cidade. Logo após, esse município foi habitado pelos trabalhadores da empresa Petróleo Brasileiro S/A (PETROBRAS).

Segundo Santos (2020, p. 211), o bairro Pitanga é o bairro mais antigo “[...] onde os nossos ancestrais da diáspora africana deixaram a marca do trabalho. Nele ficavam a casa grande, senzala e fábrica do engenho Pitanga nos séculos XVII, XVIII e XIX, vindo de tal engenho a origem do próprio nome do bairro. [...]”.

Vale destacar, que esse processo de colonização e formação dos engenhos de cana-de-açúcar, que escravizaram os/as africanos, tinha a participação da Igreja Católica Apostólica

Romana, representando um dos pilares da tríade fé-lei-rei, sendo que o governo pagava os sacerdotes através do padroado. (SANTOS, 2020)

Segundo esse autor, existiam grupos de jesuítas que para custearem trabalhos litúrgicos usavam em seus engenhos a mão de obra escravizada africana. A ação colonizadora dessa ordem religiosa da Igreja era um atentado à dignidade humana, tanto é que a mortalidade dos negros escravizados era muito alta nesses engenhos.

Foi nesse ambiente que alguns Terreiros de Candomblé começaram a surgir, nos bairros periféricos do município de Candeias-BA. Porém, para esses espaços ancestrais se manterem vivos precisaram recorrer ao sincretismo religioso, associando os Orixás/Voduns/Nkisis aos santos católicos. (SANTOS, 2020)

Essa prática sincrética continua presente em muitos Terreiros candeenses. Por outro lado, Nogueira (2020) relata que esse sincretismo intensifica a hegemonia dos costumes da fé cristã, estereotipando e demonizando as manifestações culturais afro-religiosas. Por causa desse sincretismo, vários candomblecistas se declaram como católicos, por acreditarem que os Orixás/Nkisis/Voduns representavam santos católicos.

A partir do século XX, além da população de Candeias-BA se declarar católica, houve uma ascensão, também, das religiões evangélicas, intensificando, ainda mais, a intolerância religiosa sofrida pelas religiões de matiz africana. Mas, mesmo com a crescente dos evangélicos, a influência do catolicismo é muito forte na cidade de Candeias-BA.

Segundo o IBGE de 2010⁷⁷, quase 50% das pessoas entrevistadas se declaram católicas, 25% evangélicas. Já adeptos da religião de matiz africana não somam 1%. Esses dados estatísticos refletem uma naturalização e normatização dos costumes da fé judaico-cristão em vários ambientes sociais, principalmente nas instituições de ensino.

É nesse cenário de ascensão das religiões judaico-cristã que encontramos o CELVF. Pois, nesse espaço escolar, percebo o cerceamento e o silenciamento das manifestações afro-religiosas do currículo e das práticas pedagógicas. E, com isso, a intensificação do racismo religioso e outros tipos de kizilas contra as pessoas das religiões afro-brasileiras, que por muitas vezes têm vergonha ou medo de represália por se declaram adeptos de alguma religião afro-brasileira.

⁷⁷Não encontrei dados mais atuais, por isso que estou colocando os dados referentes ao ano de 2010.

Nessa perspectiva, mesmo com a tentativa da colonialidade de apagamento das manifestações culturais de matiz africana, as afro-religiosas, principalmente o uso de banhos de folhas sacrais e medicinais, continuam presentes no cotidiano dos/as estudantes do CELVF.

Mas, para que eu possa proporcionar o diálogo dos conhecimentos de mundo desses/as aprendizes com as manifestações culturais afro-religiosas, para que esses/as discentes enfrentem as kizilas, acredito que é preciso não verticalizar as relações entre docente e discente. Nessa linha de pensamento, Travalha (2017, p.79) afirma que,

ao optar pelo estabelecimento de relações horizontais e coletivas entre pesquisador, professor e aluno, estamos tentando, além de desmistificar essa postura liberal, criar novas formas de ações não hierárquicas, com o saber advindo da prática, não repetindo, por tanto, o velho modelo capitalista de produção/distribuição de conhecimento na instituição escolar.

Essas relações horizontais, coletivas e dialógicas estão presentes nas práticas pedagógicas de alguns/mas professores/as e na gestão escolar, mesmo com as adversidades e desafios para quebrar kizilas presentes no CELVF. Nesse sentido, a coordenação do colégio e outros membros da dessa comunidade, desenvolvem projetos didáticos que possibilitam aumentar o diálogo entre discentes, professores e gestão escolar, para facilitar o reconhecimento dessas kizilas, presentes no CELVF e tentar promover, no coletivo, o combate delas.

Eu, além de professor, atualmente, estou como vice-diretor do CELVF. Nós, da equipe gestora, somos responsáveis, por meio de uma gestão escolar democrática, por motivar a participação de todos/as os/as integrantes da comunidade escolar nas ações do colégio. Além disso, cabe a nós, também, administrar os recursos públicos com responsabilidade, mediar conflitos, dar autonomia aos membros do colegiado escolar, zelar da administração do colégio e participar, diretamente, de reuniões com vários setores da Secretaria de Educação do Estado.

A nossa gestão escolar dialoga com os pensamentos de Nilma Lino Gomes (2000), quando essa autora propõe que, para a educação ser integral, é preciso valorizar o individual e o coletivo, ao mesmo tempo. Isto é, não só de estudantes, mas toda a comunidade escolar, através da produção de práticas pedagógicas que transgridam a padronização dos processos de ensino-aprendizagem.

Diante desse cenário, para vencermos demandas no CELVF, precisamos ter aliados para o enfrentamento das kizilas. Então, nessa oportunidade, apresentarei os/as estudantes, meus/minhas aliados/as nessa batalha. Eles/as constituem a turma do 2º ano do Ensino Médio

e compõem o universo da pesquisa, juntamente comigo, o professor-pesquisador/pesquisado, e os adeptos do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi.

2.3 Quem são os/as estudantes/aliados/as

Para enfrentar as kizilas que estão presentes no Colégio Estadual Luiz Viana Filho, preciso de aliados/as e os/as principais deles/as são os/as estudantes que compõem a turma do 2º ano do Ensino Médio. Esta turma possui 40 (quarenta) aliados/as, alguns/mas vivem na zona urbana, outros/as na zona rural da cidade de Candeias-BA e nos bairros do centro da cidade, na periferia e nos distritos. Eles/as estão na faixa etária entre 16 a 22 anos.

A maioria desses/as aliados/as se declara como negros/as, parte deles/as vivem em vulnerabilidade social e insegurança alimentar e são de famílias de baixo poder aquisitivo, com média ou pouca escolaridade. Quanto a religião, em conversa com eles e elas, ficou evidente que a maioria da turma se assume como católicos/as, outra parte considerável como evangélicos/as e uma pequena parte dizem não tinham religiões.

Esta turma é heterogênea, são pessoas de diferentes culturas, identidades, religiões, dentre outros, vivem em condições diversificadas e com variadas intencionalidades. Boa parte desses/as discentes demonstram interesse em ingressar na Universidade, após terminar o Ensino Médio; outra parte tem interesse em fazer cursos técnicos, pois, segundo eles/as, é mais fácil conseguir uma vaga no mercado de trabalho. Porém, tem estudantes que não desejam continuar os/os estudos, pretendem apenas encerrar no Ensino Médio, pois só estão esperando concluir essa etapa do ensino para conseguir um emprego e ajudar nas despesas domésticas.

Nesse contexto, é preciso reconhecer o multiculturalismo presente no espaço escolar do CELVF, pois essa percepção tem sido de grande importância para re-pensar minha prática pedagógica, pois nós, professores, tendemos a desconsiderar o multiculturalismo presente na sala de aula, algo que vai ao encontro do que afirma Candau (2013, p. 15), ao apontar que [...] as questões culturais não podem ser ignoradas pelos educadores e educadoras, sob o risco de que a escola cada vez se distancie mais dos universos simbólicos, das mentalidades e das inquietudes das crianças e jovens de hoje[...].”.

O multiculturalismo traz muitos desafios para nós, professores/as e gestores. Os conflitos entre os/as estudantes são frequentes e por diferentes motivos, porém os mais recorrentes são reproduções e o reforço de práticas racistas, as quais presencio tanto de

estudante para estudante, quanto de estudante para professor, no CELVF, principalmente, o racismo recreativo.

Em 2022, na turma da 1ª série do Ensino Médio – que, hoje, são os/as estudantes da 3ª série e participantes da pesquisa – essas reproduções de práticas preconceituosas e racistas foram recorrentes. Num determinado dia, um estudante da turma discriminou uma professora pelo jeito que ela andava, devido à sua limitação física.

Eu também sofri racismo religioso nesta mesma turma. Outro estudante, em um grupo de WhatsApp⁷⁸, descaracterizou minha religião e me agrediu, verbalmente, relatando que as práticas do candomblé eram demoníacas. Uma aluna, dessa mesma sala, sofreu discriminação pelo seu jeito de falar, por não ser da cidade de Candeias.

Nessa ótica, sem uma escuta ativa dos/as gestores/as, professores/as e da coordenadora pedagógica desses/as estudantes para conhecer as suas expectativas, sua realidade social e cultural, tomei uma posição autoritária, que caminhava no sentido contrário à educação como prática da liberdade⁷⁹. Reuni a gestão escolar, informei que tinha advertido a sala oralmente e solicitei a suspensão de toda a turma, durante 02 dias, pois não tínhamos identificado os/as autores/as das práticas preconceituosas, discriminatórias e racistas.

Nós da gestão entramos em um consenso e eu, que atuo como vice-diretor, emiti a notificação escrita de suspensão para toda a turma e que, depois de dois dias, esses/as estudantes só entrariam na escola com o responsável. Essa ação, que chamo de autoritária, não surtiu efeito, pois as kizilas continuaram, ainda mais fortes, especificamente nessa turma.

Depois de uma autorreflexão sobre minha prática, enquanto docente e vice-diretor, e do contato com às ideias de Nilma Lino Gomes (2013), sobre a importância dos estudos étnico-raciais no ambiente escolar, percebi que desconsidereei a heterogeneidade que está presente na sala de aula. Esta autora diz que reconhecer a diversidade étnico-racial nas escolas é o primeiro passo para se promover uma educação antirracista. Porém, a luta vai mais adiante, é indispensável quebrar com práticas da colonialidade, Kizilas na estrutura das instituições escolares, na gestão escolar, na construção do currículo, no desenvolvimento das práticas pedagógicas, que cerceiam e silenciam.

⁷⁸ É um aplicativo gratuito de mensagem que possibilita enviar mensagens de texto e de áudio e compartilhar imagens e vídeos. Os estudantes do CELVF utilizam muito esse aplicativo para formarem grupos para estudos.

⁷⁹ Para bell hooks (2017, p. 25), “educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. [...] Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar para que o aprendizado possa começar de modo mais profundo e mais íntimo”.

Esses fatos me provocaram a idealizar e a desenvolver uma ação pedagógica com esses/as discentes, juntamente com a gestora e uma professora. O objetivo era que todos/as da comunidade escolar pudessem construir pensamentos antirracistas, a partir dessa imersão na realidade concreta, para o enfrentamento de desafios, conforme as ideias de conscientização utilizadas por Paulo Freire (1979, p.16), que diz que isso "[...] está evidentemente ligado a utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados nos estamos para sermos anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformações que assumimos". A posição da conscientização tem que ser permanente tomada de posse da realidade objetivada.

Propomos, nessa ação educativa, que os/as discentes da turma realizassem uma pesquisa sobre discriminação, preconceito, variação linguística, racismo religioso e compartilhassem os conhecimentos construídos por eles/as, durante dois dias, em seminário realizado no CELVF, para que houvesse uma discussão e reflexão sobre essas atitudes no espaço escolar e fora dele.

Ao saberem da proposta, os/as estudantes aceitaram participar e apresentaram para a comunidade escolar as suas leituras sobre os temas: raça, racismo, religioso e recreativo, e capacitismo recreativo⁸⁰. Após estudar esses assuntos e compartilhar com a comunidade escolar o que aprenderam, os/as discentes responsáveis pelas práticas de racistas e de capacitismo se identificaram e pediram desculpas para toda a turma.

Eles/as informaram que a produção e o desenvolvimento do seminário fizeram com que refletissem sobre os atos racistas, preconceituosos e discriminatórios que praticam. Além disso, percebi que esses/as discentes se responsabilizaram pelas suas próprias atitudes. O relato de experiência dessa ação educativa está presente no artigo⁸¹ publicado em janeiro de 2023, na revista Cairu, tendo como autores/as eu, a gestora e uma professora.

Essa ação educativa foi idealizada e desenvolvida a partir da compreensão de que toda pesquisa busca caminhos para refletir e solucionar um problema, neste caso, práticas preconceituosas, discriminatórias e racistas feitas por discentes com uma docente, o vice-diretor e seus/suas colegas em sala de aula.

⁸⁰. O capacitismo recreativo consiste em uma expressão do racismo recreativo, mas como espécie não tem sido tão estudado quanto o gênero original. A sua prática surge quando pessoas com deficiência são coisificadas para o riso de outras pessoas. (GALA, 2023, p.1).

⁸¹ ARGOLO, Diego Cruz; MIRANDA, Marilene Sacramento; SILVA, Liliane Cintra Soares da. Gestão Escolar Democrática na Prática no Colégio Estadual Luiz Viana Filho Candeias - BA. **Cairu em Revista**. Dez 2022/Jan 2023, Ano 11, n° 21, p. 142- 155, ISSN 22377719. Disponível em:<https://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/20231/11_GESTAO_ESCOLAR_DEMOCRATICA.pdf> Acesso em: 20 jul. 2023.

É importante explicar que a opção por esse tipo de tarefa se deu porque entendemos que ela é uma atividade que busca indagação, investigação, inquirição da realidade e permitiu a nós, gestão escolar, à docente envolvida e aos/às 40 alunos/as partilhar conhecimentos, o que nos favoreceu a compreender esta realidade e para orientar as nossas ações (PÁDUA, 1996). Porém, a luta para enfrentamento das kizilas é constante no CELVF.

Por esses fatores apresentados foi que escolhi essa turma do 2º ano como foco do meu estudo, por acreditar que essas ações antirracistas e democráticas têm que ser pensadas e desenvolvidas frequentemente no CELVF, principalmente, com esses/as estudantes.

Nesse sentido, escutando esses/as estudantes e a minha experiência com o uso de banhos de folhas sacrais e medicinais utilizados no Candomblé, percebi que essa manifestação afro-religiosa está presente no cotidiano deles/delas, porém estes/as aprendizes silenciam as relações desses banhos com os rituais do candomblé.

Então, propus, nesse estudo, a inclusão no currículo e nas práticas pedagógicas do CELVF essas manifestações culturais para romper, dentre outras kizilas, o silenciamento e o cerceamento das culturas de matiz africana. Espera-se que estes/as discentes e eu, professor pesquisador/pesquisado, reflitam e discutam sobre a importância dessa manifestação afro-religiosa como mecanismo de luta e resistência contra o racismo religioso.

2.3.1 Caracterização dos/as Aliados/as

Como já foi mencionado, escolhi a turma do 2º ano do Ensino Médio, do turno matutino, para desenvolver as vivências com os mestres e mestras das culturas afro-brasileiras e indígenas. Essas vivências serão chamadas de Momentos Ancestrais. A adesão de aliados/as para participar das vivências foi grande, porém, quando informei que as atividades seriam no contra-turno das suas aulas, muitos/as deles/as não puderam continuar, pois desenvolviam outras atividades no turno vespertino.

Dos 40 (quarenta) aliados/as, 08 (oito) aceitaram permanecer participando das vivências. Em relação ao nome dos aliados/as, sugeri a eles/elas que escolhessem um nome fictício para serem chamados no estudo e que eles/as poderiam escolher nomes relacionados ao que estávamos vivenciando nos Momentos. Então, os/as aliados/as relataram que queriam ser chamados e identificados com o nome de uma folha, com qual mais tivessem características com que eles/as se identificassem.

Figura 17 – Imagem das folhas que representam os/as aliados/as



Fonte: Google imagens, 2024.

É importante explicar que as informações apresentadas nesse item são narrativas autobiográficas⁸² escritas pelos/as estudantes, durante o processo de investigação.

2.3.1.1 Espada de Ogum

O primeiro aliado se identificou como Espada de Ogum porque o contato dele com a avó materna fez conhecer a folha e suas propriedades. Ao observar as explicações, ele aprendeu que esta erva retira os maus-olhados e energiza as pessoas positivamente. Ele começa sua narrativa autobiográfica dando a explicação a seguir:

Eu sou Espada de Ogum, nasci em Candeias, em um bairro periférico, na área metropolitana de Salvador. Eu me autodeclaro um menino negro e tenho muito orgulho de ser. Fui criado por uma mãe negra e evangélica. Já o meu pai é um homem pardo e católico, porém não sei muita informação dele, pois não tenho contato com ele há muito tempo. Por causa disso, pela ausência paterna, minha mãe teve que trabalhar desde cedo, sendo a provedora da casa. Hoje, além de estudar, também trabalho à noite para auxiliar nas despesas da família.

Eu cresci frequentando igrejas evangélicas, pela influência de minha mãe. Porém, quando completei a maior idade sempre tive vontade e interesse em conhecer a cultura das

⁸² Para Camila Aloísio Alves (2021, p.52) As narrativas autobiográficas são “dá forma às experiências vividas através das palavras e levar o narrador a entrar em contato com novas facetas das situações vividas.

religiões de matiz africanas, esse era o meu sonho. Minha mãe deu apoio a minha decisão e me informou que eu tinha acima de 18 anos e poderia decidir sobre a minha vida dele.

Eu tenho 22 anos e ainda não concluí os estudos. Foi difícil para mim frequentar a escola e não me identificar com os conteúdos abordados em sala de aula, eram sempre distantes da minha realidade. Isso me deixou desanimado e desestimulado, fui reprovado várias vezes e isso me fez abandonar os estudos por um determinado tempo. Por exigência do meu trabalho, eu resolvi voltar a estudar e consegui uma vaga, mesmo com a distorção idade-série no CELVF, que a diretora falou, no turno da manhã, para cursar o segundo ano em 2023.

Eu era um aluno disperso e não gostava de ficar em sala de aula. Porém, fiquei interessado em participar como um aliado no desenvolvimento do projeto de mestrado do professor Diego, porque as atividades propostas me aproximavam do meu dia a dia com as plantas em diferentes espaços ancestrais da cultura afro-brasileira e indígena.

Desde pequeno, eu tinha um contato com as folhas, pois minha avó materna é benzedeira e possui um quintal repleto de plantas. Ninguém poderia sentir uma dor e mal-estar, em qualquer parte do corpo, que a minha avó passava um chá ou realizava benzedura e indicava banhos. Certo dia, eu estava muito fraco e sem apetite. Minha avó começou a me benzer e me passou um banho que era para tomar durante três dias e então, pouco a pouco, eu fui sentindo o meu corpo leve e o apetite voltou.

Outra informação que eu acho importante falar aqui é que sempre tive vontade de conhecer um Terreiro de Candomblé, porque se houvesse necessidade de eu tomar um banho de folhas, eu tomaria, para me sentir bem. Eu não cheguei a ir antes porque eu tinha um pouco de medo devido às histórias que eu ouvia. Fui crescendo, fui conhecendo pessoas, pegando amizades com pessoas que são da religião e foi me explicando. E hoje eu conheço o Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, devido ao trabalho de Mestrado do Professor Diego. Conhecemos lá alguns processos ritualísticos envolvendo o uso de folhas sagradas. Me realizei.

2.3.1.2 São Gonçálinho

Este aliado escolheu ser chamado da folha São Gonçálinho, pois, segundo ele, em uma das vivências – que veremos no 3º Ritual no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, a Mameto Nany informou que esta erva é muito utilizada em rituais de candomblé e ela tem a força de unir as culturas afro-brasileiras e indígenas.

Sou um adolescente que me autodeclaro negro, tenho 17 anos, nasci e vivo na cidade de Candeias–BA, área metropolitana de Salvador. Moro no Bairro localizado no centro da cidade. Sou filho de uma mulher negra e de um pai negro. Tenho um irmão mais novo. Os meus pais são evangélicos, porém eu não tenho religião. Meu pai concluiu o Ensino Médio e trabalha como moto taxista e minha mãe concluiu o curso técnico em enfermagem e trabalha na profissão.

Estudei até o 9º ano do Ensino fundamental em instituição privada, porém no Ensino Médio fui matriculado no CELVF, onde no meu primeiro ano, por eu ser muito comunicativo, concorri a uma vaga no colegiado escolar como representante dos estudantes e fui contemplado.

Eu sempre prezei nos meus discursos lutar contra qualquer tipo de opressão, principalmente o racismo e a desigualdade social, eu levanto sempre pautas para a melhoria da comunidade escolar, e trago bem forte também a valorização da cultura e história afro-brasileira e indígena. Eu tenho o sonho de ser professor de história e sempre auxílio docentes, coordenação e a gestão no desenvolvimento de projetos didáticos no CELVF, principalmente o de 2022, coordenado pelo professor e Vice-diretor Diego Argolo, que abordava a valorização das identidades culturais brasileiras.

Nas horas vagas, eu me dedico aos estudos para realizar a prova do Exame Nacional do Ensino Médio e conseguir uma vaga em licenciatura em História em alguma Universidade Pública da Bahia, porque eu acredito que esse espaço tem que ser ocupado pelos estudantes de Escolas Públicas.

Nesse contexto, eu aceitei participar como aliado no desenvolvimento das propostas desse projeto de mestrado, porque eu consegui ativar minhas memórias em relação a minha mãe e a minha avó, com a manipulação de folhas no quintal da minha casa, quando eu sofria de asma ainda na infância. Sempre quando aconteciam as crises, a minha avó pegava uma bacia, jogava água fervente e uma erva, que ela coletava do quintal, colocava um pano eu inalava o ar quente. Essa lembrança foi um dos principais motivos para que eu fosse um dos aliados nessa pesquisa.

Gostaria de destacar um momento em uma das vivências do projeto de mestrado do professor Diego, que foi no quintal da mestra da cultura popular dona Edna. Eu perguntei a ela sobre a opinião da Igreja Católica em relação aos banhos de folhas. Já que essa cultura está presente no nosso dia a dia. Eu juro que não esperava essa resposta de Dona Edna, mas olha o que ela respondeu: “Alguns padres condenam veementemente, alguns fiéis condenam,

porém, quem tem o conhecimento cultural não liga para opiniões alheias. Eu sempre soube que as plantas curam e nunca vou deixar de cultivá-las. Não podemos deixar de lado o que a gente aprendeu com nossos pais e todos os nossos antepassados”. Então, para dona Edna, o conhecimento cultural das plantas é muito importante para derrubar as barreiras do preconceito.

2.3.1.3 Capim-Santo

Esta aliada escolheu ser chamada de Capim-santo. Ela escolheu essa erva porque tem a função muito importante no sistema nervoso, que acalma e relaxa, combatendo à ansiedade e o estresse. Essas informações foram passadas, de forma oral, pelos erveiros, na Feira de São Joaquim.⁸³

Eu sou uma jovem de 17 anos, católica e me autodeclaro negra. Nasci e vivo na cidade de Candeias-BA. Moro em um bairro periférico. A minha família é constituída, além de mim, pela minha mãe, meu pai e meus dois irmãos, todos se autodeclararam negros e negras. Meus pais não completaram o Ensino Médio. A minha mãe é cobradora de Transporte alternativo e meu pai é Gari. Tanto meu pai quanto a minha mãe não têm religião. A noite eu trabalho como auxiliar de cozinha, mas a minha renda não é para ajudar nas despesas domésticas e nem na renda familiar.

No dia-a-dia no CELVF, eu me considero uma jovem sempre atenta e criativa, principalmente com projetos didáticos desenvolvidos na comunidade escolar. Eu tinha um pouco de dificuldade de falar em público, mas com o tempo e com as apresentações em seminários, eu fui perdendo o medo de apresentações orais. Nunca me deram a oportunidade, no Ensino fundamental, para que eu pudesse realizar apresentações orais e isso a retraiu.

Em relação a vivenciar projetos relacionados à cultura e história afro-brasileira, africana e indígena, eu não recordo ter presenciado esta temática no Ensino Fundamental, porém afirmo que em 2022, participei de um projeto didático no CELVF, que abordou o uso das plantas pelas comunidades tradicionais indígenas na Amazônia. Nesse momento, eu consegui associar alguns modos de como eu utilizava folhas em casa, com a cultura indígena.

A minha relação com as folhas vem desde quando eu era criança, quando minha avó banhava minhas pernas quando ficavam inchadas e me dava banho de folha Quioiô para baixar

⁸³ Esta atividade será abordada Terceiro Ritual.

a minha febre. A minha mãe também tem um costume de colocar uma espada de Ogum atrás da porta para espantar o mau-olhado.

Nessa caminhada sendo aliada e fazendo parte do projeto de mestrado do professor Diego, conheci a mestre e Benzedeira Anair Ferreira, ela, com toda a sua sabedoria, me fez perder o medo das benzedeiras. Antes, eu achava que essas coisas eram tudo do mal, mas depois que conheci esses rituais de benzimento, eu vi que não é nada disso que as pessoas falam. E vi também que só tem coisas boas e que se você não tiver conhecimento, você vai achar que é tudo do mal.

Outra experiência foi quando eu fui ao Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, Terreiro, Terreiro que o professor Diego é filho de santo. Mãe Nany, que é a Mãe de Santo de lá, explicou diversos banhos, principalmente um que eu nunca tinha ouvido falar: o de descarrego. Tem também as folhas de sacudir às pessoas, tem o banho de amor, tem o banho de abrir caminhos, tem o banho para conseguir emprego e o que eu mais gostei, para abrir a mente para o estudo. A pessoa pode ir no Terreiro de Candomblé e ser ajudada por muitas coisas.

2.3.1.4 Alfazema

Esta aliada preferiu ser chamada de Alfazema, porque essa folha tem a função de diminuir a ansiedade e a agitação do corpo. Tem ação calmante e sedativa. O banho dessa erva também atrai prosperidade, bons negócios e pessoas amigas. Essas informações foram passadas para alfazema, de forma oral, na vivência com a benzedeira.⁸⁴

Eu sou uma adolescente de 16 anos, católica e me autodeclaro negra. Nasci e vivo no distrito de Passé, na cidade de Candeias–BA. A minha família é constituída, além de mim, pela minha tia e meus sete irmãos, todos se autodeclararam negros e negras. Minha mãe morreu antes de concluir o Ensino Médio, por complicações no parto após o nascimento de meu sétimo irmão. Já meu pai, se autodeclara branco e trabalha como moto-taxista, alguns da minha família paterna é católica e outra parte evangélica. Por algum tempo eu morei com o meu pai e a minha madrasta, hoje eu moro com a minha tia materna, que trabalha em um posto de saúde.

Eu, no CELVF, sou uma adolescente responsável e participativa nas aulas, principalmente quando se trata da organização do meu caderno e na pontualidade da entrega

⁸⁴ O Momento com a Benzedeira será relatado no Terceiro Ritual.

de minhas atividades. Eu tenho um ponto fraco, que é ter dificuldade em me comunicar em público. Porém, com o tempo e com as apresentações orais, nos seminários e nos projetos didáticos eu acredito que melhorei. Hoje, eu estou mais comunicativa, mas ainda não perdi totalmente a timidez.

Nesse sentido, quando se fala em projetos relacionados à cultura e história afro-brasileira, africana e indígena, eu acredito que essa temática foi abordada no projeto didático que participei no CELVF, em 2022, que retratou o uso das plantas pelas comunidades tradicionais indígenas na Amazônia. Nesse momento, eu consegui associar alguns modos de como eu utilizava folhas em casa, com a cultura indígena. E isso a aproximou dos costumes da minha família em relação ao uso das folhas.

Em relação ao uso de plantas, eu tenho muitas experiências, a exemplo de uma vez que eu e meus irmãos contraíram o vírus da catapora. Nós tomamos o chá e o banho da folha de sabugueiro. Parece que quando eu tomava o chá e o banho dessa erva limpava mesmo. Saíam várias bolhas e depois eu melhorava logo.

Outra experiência com folhas foi quando eu ficava gripada e precisava tomar chá da folha de pitanga. A minha tia também tem várias experiências com plantas, que aprendeu com a minha avó, de forma oral. Segundo Alfazema, a minha tia pegava a folha de eucalipto, fazia o banho, molhava a toalha e mandava ela inalar. Depois desse ritual, não tomava banho e nem podia sair para a rua. Os ataques de rinite eram logo amenizados.

Eu estou gostando muito de ter essa experiência de ajudar, como aliada, o professor Diego, em seu estudo do mestrado, com o tema destrancar tudo: a dinâmica circular dos banhos de folhas no colégio estadual Luiz Viana Filho. Para mim, está sendo muito interessante, pois estamos obtendo mais conhecimentos e aprendendo uns com os outros e conhecendo um pouco de cada um de nós, assim percebendo que o Brasil é um país diverso, onde cada um possui uma história diferente, vem de lugares diferentes, possuem religiões e etnias diferentes. Também estou aprendendo muito sobre o uso das plantas e para que servem em cada grupo social e ritual.

2.3.1.5 Alecrim

Esta aliada escolheu ser chamada de Alecrim. A escolha dessa erva por ela é porque tem uma ação calmante para o nosso corpo, serve para banhos, defumação e alimentação. Essas informações foram passadas, de forma oral, pelos erveiros, na Feira de São Joaquim.

Eu, Alecrim, sou uma adolescente de 17 anos, evangélica e me autodeclaro parda. Nasci na cidade de Salvador e vivo na cidade de Candeias–BA. Moro em um bairro periférico. Eu vivo com o meu pai e minha mãe, todos se consideram pardos. Em relação à escolaridade, meus pais completaram o Ensino Médio. A minha mãe é dona de casa e o meu pai é vidraceiro. Tanto meu pai quanto a minha mãe são evangélicos. Eu, durante o turno da tarde, trabalho no comércio da cidade de Candeias. Porém, quando tem atividades no CELVF, no turno de trabalho, não falto o colégio.

Posso dizer que, no CELVF, sou uma estudante extrovertida. Adoro apresentar trabalho e participar contribuindo e movimentando as redes sociais da escola. Fico sempre na organização da sala e quando falta professor tento sempre ir na Direção da escola para perguntar se existem atividades para a turma. Não sou e nem quero ser líder de classe, acho que é muita responsabilidade, porém acho que, indiretamente, eu faço esse papel. Eu não sou muito de fazer atividades escritas, porém é necessário. Agora meu negócio são as divulgações nas redes sociais, o problema é que, às vezes, eu me disperso nas aulas. Isso é a minha fraqueza. Os professores reclamam comigo por causa disso.

Eu amo trabalhar com projetos, porém os relacionados à cultura e história afro-brasileira, africana e indígena, eu nunca tinha vivenciado em outra instituição, a não ser aqui no CELVF. No segundo semestre de 2022, que retratou, se eu não me engano, o uso das plantas pelas comunidades tradicionais indígenas na Amazônia. Foi tudo novo para mim, pois eu não sabia que alguns rituais com folhas presentes na cultura afro-brasileira e indígena tinha muito a ver com os chás que minha mãe fazia para mim. Mas, mesmo minha família sendo evangélica, já tomei banho de uma folha chamada de quioiô, para conter a minha febre.

Já quando eu estudava do 6º ao 9º ano do fundamental II, em uma escola particular, eu nunca presenciava essas nem seminários e nem projetos que abordasse da história e cultura afro e indígena. Era para ter várias atividades dessas, porque existem manifestações culturais que está no nosso cotidiano. Agora eu vejo muitas coisas falando de iluminismo, revolução francesa e outros assuntos da Europa. O que eu vejo mais é isso.

Em relação a minha experiência com plantas, eu me lembro dos chás que minha mãe fazia para gripe. Ela usava folha de pitanga para curar minha gripe e até hoje ela. Minha mãe permitiu que eu participasse como aliada dessa jornada da pesquisa de mestrado do professor Diego. Ela disse que mesmo que ela não tomasse e nem fizesse nenhum tipo de banhos, por ser evangélica, mas que ela compreendia que era mais um tipo de conhecimento e eu tinha que

aprender para não praticar preconceito e nem discriminação com ninguém. Outro chá que eu sou acostumada a tomar é o de erva-doce, para gases.

Na vivência no quintal de Dona Edna, achei interessante que outras pessoas da comunidade dela utilizam as folhas, para chás do seu quintal, no combate a doenças. Ela disse que suas plantas, ela disponibiliza para toda a comunidade. E quando ela era professora, levava os seus alunos para realizarem aula de campo em seu quintal.

2.3.1.6 Camomila

Este aliado escolheu ser chamada de Camomila. A escolha é porque essa folha tem uma conexão com a terra e o ar. Ele se identifica com a camomila, porque essa planta o acalma quando ele está bravo. A função dessa folha foi passada, de forma oral, pela Benzedeira Anair⁸⁵.

Camomila é o meu nome. Sou um jovem de 19 anos, evangélico e me autodeclaro negro. Nasci na cidade de Salvador e vivo no município de Candeias–BA. Moro em Ilha de Maré. Atravesso o mar para ir à escola. Eu vivo com minha mãe e minhas irmãs. Em relação à escolaridade, minha mãe não completou o Ensino Médio. Minha mãe é evangélica. Ela me disse que antigamente ia para a escola e levava os materiais escolares em um saco de compras. Foi muito difícil a vida dela de estudante. Meu pai tem 19 anos de falecido, a minha idade. Meus familiares disserem que eu pareço com ele.

Eu sou um menino muito alegre. Na minha vida sempre morei na Ilha de Maré e lá aprendi muitas coisas legais na casa de meus avós. Eles me davam amor e carinho. Sempre convivi com muitos animais e plantas. Todos da minha casa são descendentes também de indígenas. Na minha infância, era de costume eu correr dentro do mangue e vegetação. Eu gosto muito de ajudar as pessoas, isso nasceu de mim e eu amo. Sempre gostei de dançar. A dança faz parte de minha vida.

Na escola, sempre me dediquei aos estudos. Não ligava muito para amizades, mas gostava de dá atenção para todos. Minha relação de amizade com meninos era bem diferente, não sou muito aberto para ter amizade com garotos. Antes procuro estudá-los. É estranho, mas para mim é normal. No meu antigo colégio do 1º ao 5º ano, eu lembro até hoje, teve um menino que eu andava dei um voto de confiança, mas eu errei, ele tentou me agredir fisicamente, duas vezes. A escola que eu estudava não fez nada em relação a isso. Assim foi minha vida escolar,

⁸⁵ Esta atividade com a benzedeira será abordada no Quarto Momento Ancestral.

tomei uma decisão e não confiei mais em menino. Eu sempre fui de brincar com minhas primas, pois a maioria da minha família é constituída de mulheres. Amo ter amizade com meninas, me sinto melhor.

Em outra escola, já no fundamental II, consegui melhorar 50%, mas ainda não foi o suficiente, briguei com os meus professores e diretores, porque eles obrigaram a turma a copiar de 1 até 1500 e falaram mal dos meus pais. Quando virei adolescente, não deixei isso interromper os meus estudos. Estas situações serviram para mim de aprendizado.

Quando eu cheguei no CELVF, em 2022, mesmo com um pouco da idade avançada, tive contato com projetos que me aproximavam mais ainda da minha história de vida com as plantas e por eu ser descendente também de indígena. Este projeto falou sobre o uso das plantas pelas comunidades indígenas. Depois desse projeto eu mudei muito meu jeito de me comportar em sala de aula e em todo Colégio. Até comecei a falar melhor. Porém, ainda me sinto um pouco introspectivo e não consigo perder a timidez em falar em público.

A minha relação com as plantas veio desde quando eu tinha cinco anos. Eu adoro fazer chá para dormir e me acalmar. Sempre fui gordinho e não me acostumava com o meu corpo, sofria bullying na escola. Com isso, descobri que o chá da folha da acerola e da laranja emagreciam. Depois desse chá, estou magro e feliz. Meus avós me ensinaram que cada planta que a gente cuida tem um significado maravilhoso nas nossas vidas. Foi esse amor as plantas que me levou a fazer um jardim na frente de casa e no quintal. E foi aí que plantei, dentre outras plantas, a camomila, o meu nome.

2.3.1.7 Manjericão

Esta aliada quer ser chamada de Manjericão. A escolha é porque o banho dessa folha serve para transmitir paz, alegria, bons caminhos e muita felicidade. Ela se identificou com o Manjericão, porque essa planta traz calma e equilibra a mente. A função dessa folha foi passada, de forma oral, por Mãe Nany.

Sou Manjericão e é esse nome que quero ser chamada. Sou uma adolescente de 17 anos, não tenho religião e me autodeclaro negra. Nasci e vivo no município de Candeias–BA. No centro da cidade. Eu moro com minha mãe, que se considera preta e com o meu pai, que se considera pardo. Em relação à escolaridade, minha mãe e meu pai não completaram o Ensino Médio. Minha mãe e meu pai são evangélicos. Minha mãe não trabalha. Meu pai trabalha, mas

não sei a profissão dele. Eu trabalho durante o turno da manhã e estudo no CELVF no turno da tarde.

Sou uma estudante pontual. No CELVF chego cedo e realizo todas as atividades propostas no tempo certo. Não gosto de acumular tarefas, agora quando se trata de apresentação oral eu fico nervosa e preciso tomar uns chás para me acalmar, para correr tudo bem. Fico em um nervosismo quando eu apresento, mas os meus colegas e meus professores falam que gostam. O importante é isso, porque também é desafiante para mim apresentar em público.

Como eu já falei, fico nervosa em apresentações que eu precise falar, principalmente em projetos. Porém, teve um Projeto aqui na Escola, intitulado: Amazônia e o uso de seus recursos naturais pelos povos tradicionais, que trouxe um ar novo para a escola e dessa vez, pela primeira vez, apresentei sem vergonha e sem nervosismo. Eu acho que é porque relacionava com o meu dia a dia na casa de minha avó, em relação ao uso de plantas. Eu desenvolvi todas as atividades propostas planejadas pelos meus professores orientadores. As atividades começaram no primeiro semestre e terminou no final do segundo semestre, no ano de 2022.

Em relação a minha experiência com folhas, tenho várias, porém uma eu posso destacar e dizer que foi uma das mais importantes. Eu ficava muito cansada e com muita dor de cabeça quando entardecia. Meus pais me levavam direto para o médico, mas não conseguia descobrir o que era e nem amenizava a dor e nem o cansaço. Então, minha avó me deu um chá da folha canela-de-velho durante três dias. O cansaço e a dor de cabeça foram desaparecendo. Não aguentava mais dormir e sentir dor de cabeça.

Outra experiência com o uso das folhas foi na vivência com a benzedeira Anair, quando ela explicou a diferença de mau-olhado para morfina. Ela disse que o mau-olhado a pessoa fica mole, quebrado, sente dor e dá até nó nas tripas. Já a morfina a pessoa fica mole e não sente vontade de nada. Eu me identifiquei com tudo que ela falou, porque eu já me senti assim várias vezes e nunca procuraram uma benzedeira para amenizar as minhas dores.

2.3.1.8 Aroeira

Aroeira é como este aliado quer ser chamado. A escolha desta folha é porque ela serve para descarrego, sacudimentos e na limpeza do corpo e do espírito. Esta erva não pode faltar

nos rituais de candomblé. Ela pertence ao Oxossi e traz muita prosperidade também. Lembrando que ela é usada para cicatrizar feridas.

O meu nome é Aroeira. Sou um adolescente de 17 anos e me autodeclaro preto. Nasci em Salvador–BA e vivo no município de Candeias–BA. No centro da cidade. Eu sou criado por minha avó paterna desde que perdi minha mãe quando eu tinha 14 anos e hoje encaro uma vida difícil e triste, porque eu confiei e acreditei em muita gente e acabei me decepcionando. Sou uma pessoa apaixonada, carinhosa e amorosa e acho que é por isso que sofro. Sou católico, mas não sou firme e devoto, só vou mesmo nas missas de domingo. O importante é que tenho uma excelente avó que me ajuda e me apoia. Minha avó é dona de casa, ela não concluiu o Ensino Médio, já o meu pai concluiu o Ensino Médio e trabalha como soldador, ambos se consideram negros.

Na escola, quando eu cheguei aqui no CELVF, sempre fui um cara que gosto muito de conversar e muito participativo nas aulas e por causa disso eu sou mal interpretado pelos professores nas aulas. Hoje, os professores estão me entendendo, porque eu às vezes tenho que me desabafar e na sala de aula é o lugar que eu fico à vontade para isso. A minha escola é cheia de projetos e nesse ano de 2024 estou participando como aliado de um projeto de mestrado do professor e vice-diretor Diego. Estamos estudando sobre as plantas medicinais e ritualísticas. Isso abriu meus horizontes.

Este projeto que participo, com muito orgulho, está sendo ótimo, tem ervas que conheço e outras eu nem sabia que existia. É um bom começo para quem quer aprender sobre plantas medicinais e sobre as religiões de matriz africanas. O candomblé, na minha opinião, é a religião que defende negros e indígenas. Aproveito a oportunidade e falo também da visita que fiz ao Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, coordenado por Mãe Nany, achei tudo muito lindo, me senti em casa. É um espaço religioso muito acolhedor. E lá aprendi muito sobre os banhos de folhas.

Em outra vivência, na feira de São Joaquim, achei ótimo, foi uma experiência única, conhecemos a origem da feira e como seus antepassados passaram para os erveiros atuais a arte da venda e da prescrição de folhas. Nesse dia aproveitei e comprei algumas ervas, tomei banho em casa e me senti melhor das dores e da fraqueza. Foi uma das melhores experiências de minha vida. Entretanto, não foi tudo às mil maravilhas, minha tia e meu pai não acreditam nessa cultura dos banhos de folhas e nem no candomblé e ficaram me discriminando e praticando racismo religioso contra mim. Mas, a opinião de minha avó é a que eu me importo. Ela também frequentava o candomblé e respeita os rituais.

Para finalizar, vou contar uma experiência com as folhas que não sai de minha mente. Eu quando tinha 07 (sete) anos, estava andando de bicicleta, indo jogar o lixo de casa fora e eu não sabia que estava com vidro. Porém, quando eu fui segurar no saco, o vidro furou a minha perna. Perdi muito sangue, pois era para eu ir imediatamente para o pronto-socorro. Aí, a minha avó pegou folha de aroeira e macerou (pisou) e cobriu o corte com essa erva triturada. A hemorragia estancou na hora e depois de uma semana o corte ficou logo cicatrizado. Eu acho essa folha um santo remédio. Não é à toa que eu sou chamado de Aroeira.

Depois que os/as aliados/as falaram sobre si, precisamos da força ancestral para destrancar e abrir novas possibilidades para os/as participantes desenvolverem caminhos e construir conhecimentos, principalmente através da coletividade. A força dos rituais dos banhos de folhas que vamos compartilhar no Terceiro ritual, através das oficinas, que chamaremos de *Momentos Ancestrais*, está ligado ao equilíbrio da mente, levando os/as aliados/as a refletirem e a defenderem suas ideias.

Nesse sentido, pensando nos conhecimentos construídos na coletividade, utilizarei as etapas do Letramento Racial (FERREIRA, 2015), como estratégia metodológica, na presença dos rituais do uso de banhos de folhas sacrais e medicinais, ligado ao candomblé e a outros espaços ancestrais, como as benzedadeiras, quintais ancestrais, erveiros, dentre outros, para que os/as participantes da pesquisa reconheçam, confrontem e quebrem as kizilas presentes no cotidiano da sua comunidade escolar.

3 ANCESTRALIDADE DOS BANHOS: ABRINDO CAMINHOS E COMBATENDO KIZILAS NA COMUNIDADE DO CELVF

Com as três folhas com função de equilibrar a mente, macere-as na água cantando uma música para a Inkisiane⁸⁶ Kayala⁸⁷, pois esta divindade é a dona do Mutuê. Numa madrugada, vista-se todo/a de branco, acenda uma vela numa área externa de sua residência, cante para o Nkisi Kitempo⁸⁸ e para o rei Muilo⁸⁹ para pedir licença e saudá-los. Logo após, reverencie a terra encostando a cabeça no chão três vezes. Seguindo no ritual, jogue o banho três vezes da cabeça aos pés, troque a roupa e não se enxugue e vista outra enxuta. Repita por três dias.

Esse é um ritual dos banhos que equilibram a mente (mutuê). Para iniciá-lo, é preciso pedir permissão a Mameto Kayala, que é dona do nosso Mutuê, para nos proporcionar a saúde mental. Sem essa Nkisiane, na tradição do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, as mentes ficam sem equilíbrio, tornando as pessoas confusas, agitadas, ansiosas e até depressivas.

Por isso, a proposta de inclusão das manifestações religiosas, nesse caso, os rituais dos banhos de folhas, no cotidiano do CELVF, teve a finalidade de permitir que os/as aliados/as, mesmo em contato com as kizilas, descobrissem caminhos outros para construção de conhecimentos em espaços diversos espaços ancestrais.

Para me ajudar nessa ideia, trago os estudos do letramento racial crítico de Aparecida Ferreira (2015, p. 244), para quem esse campo “[...] apresenta uma importante ferramenta intelectual e social para a desconstrução, reconstrução e construção: desconstrução das estruturas e discursos opressivos, a reconstrução da agência humana e a construção da equidade e relações de poder socialmente justas”.

Essa mesma autora entende, ainda, que a teoria racial crítica traz a centralidade do conhecimento experiencial que utiliza as narrativas e contra-narrativas para analisar experiências para confrontar e quebrar Kizilas. Nesse contexto, ter acesso a esses conhecimentos pode empoderar as pessoas que vivenciam esse tipo de letramento e, conseqüentemente, transformar sua própria realidade e de outras pessoas que estão ao seu redor.

É importante explicar que a minha trajetória no CELVF foi marcada por projetos didáticos que reforçavam, reproduziam e naturalizavam, muitas vezes, os diversos tipos de racismos (kizilas) na comunidade escolar. Desde 2013, ano que entrei no CELVF, até 2020,

⁸⁶ Orixá feminino para os bantus.

⁸⁷ Nkisiane Kaiala é semelhante a Orixá Yemanjá para os iorubás.

⁸⁸ Nkisi Kitembo é o patrono da nação Angola. Não existem semelhantes em outras nações no candomblé.

⁸⁹ Muilo é o rei Sol para os Bantus.

sempre na data de 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, os/as professores/as, se mobilizavam para planejar e apresentar algumas manifestações afro-brasileiras e indígenas no pátio da escola.

Eu, sempre sugeria que os/as estudantes apresentassem a capoeira e o samba de roda, sem, no entanto, estimular a reflexão sobre a importância dessas manifestações para o combate à kizilas no ambiente escolar. Esse tipo de planejamento e desenvolvimento de projetos viraram rotina, para mim, no ambiente do CELVF, mesmo sabendo que a maioria dos/as alunos/as não defendiam criticamente as suas ideias e continuavam reproduzindo falas e atitudes racistas.

Em 2021, depois de oito anos como professor no CELVF, comecei a pensar em estratégias, com a coordenação, o grupo gestor e meus/minhas colegas professores/as, para mudar esse modo de planejar e desenvolver projetos relacionados às culturas afro-brasileira e indígena.

Pela influência da Prof.^a Ma. Marilene Sacramento Miranda e da Profa. Dr.^a. Laureci Ferreira da Silva, ingressei no Grupo de Estudos GENTES⁹⁰, que tem o objetivo de analisar, acompanhar e redimensionar as ações pedagógicas, visando atender às demandas dos/as participantes do grupo, sob a perspectiva das pedagogias decoloniais, a fim de nos fortalecer para defender a existência de outros saberes.

Os encontros desse grupo ocorrem quinzenalmente de forma síncrona/ao vivo, todas as segundas-feiras. Esses encontros virtuais possibilitaram que muitos/as professores/as de toda a Bahia, possam participar. Lembro-me que, logo quando ingressei, a coordenadora do grupo, Prof.^a Dr.^a. Laureci Ferreira da Silva, sugeriu que eu apresentasse o livro de Paulo Freire, *Conscientização*.

Li o livro e, a cada página lida, confrontava as minhas práticas pedagógicas no CELVF e percebia que a maioria das minhas ações pedagógicas se alinhavam às ideias de Paulo Freire, principalmente, quando se tratava de fomentar a capacidade autônoma dos/as alunos de fazerem suas próprias escolhas.

Nos encontros do grupo GENTES, eu tive acesso a diversas referências bibliográficas, principalmente sobre relações étnico-raciais, literatura negra brasileira, antirracistas e

⁹⁰ Grupo GENTES – Grupo de Estudos Novas Temáticas, Epistemologias e Saberes, desde 2014. Pesquisa-formação às margens da universidade com professoras/es da rede pública de ensino da Bahia. A formação continuada do grupo GENTES vem sendo realizada desde 2014 às margens da universidade, visando contribuir para a (auto) formação dos/as docentes participantes a fim de que essas/es profissionais sejam “sujeitos do seu próprio discurso” ao invés de falado pelos/as outros/as. Falem por si próprio de suas histórias formativas tanto na universidade quanto na escola e tornem-se autoras/es de textos acadêmicos, de propostas de estudos e estratégias de ensino na perspectiva decolonial.

decoloniais, que não eram abordadas, com frequência, nos meus planejamentos e nas minhas práticas pedagógicas do CELVF.

Vale destacar um encontro no qual discutimos sobre um livro de Aparecida Ferreira (2015)⁹¹ sobre Letramento Racial Crítico, que foi muito importante para repensar e ressignificar os projetos que envolvem as culturas e história afro-brasileira e indígena. Durante as discussões no grupo, surgiram sugestões de práticas para trabalhar, de forma crítica, essa temática, sem caráter folclórico. Nesse grupo, vivenciei as práticas de letramento racial propostas pela autora, tendo acesso à leitura de autores antirracistas e decoloniais, discussões dessa leitura e planejamento e desenvolvimento de projetos, nos quais discuti de forma crítica o combate do racismo na escola.

O processo de estudo no grupo GENTES, por meio de leituras e escritas compartilhadas de gêneros textuais acadêmicos e de diversos referenciais teóricos relacionados a estudos decoloniais, desencadeou em mim o interesse em participar da seleção do mestrado em Educação.

Por isso, afirmo que foi através do incentivo e das vivências de letramento acadêmico-científico desse grupo que, no segundo semestre de 2021, cursei uma disciplina como aluno especial de mestrado no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E, em 2022, ingressei como estudante regular no Mestrado em Educação Profissional (PROMESTRE), na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG).

No primeiro semestre de 2022, também entrei no grupo de pesquisa *Griô: Culturas populares, ancestralidade e educação*⁹², que surgiu no ano de 2010, na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Nesse espaço, também há compartilhamentos de leituras de textos e livros, principalmente com ideias antirracistas e decoloniais.

O que me chamou mais atenção nesse grupo de pesquisa foram as vivências que temos com os mestres/as de culturas populares: benzedeiros, cordelistas, mestres e mestras de capoeira, mestres de samba de roda, erveiros e erveiras, dentre outros/as. Isso me possibilita

⁹¹ Narrativas autobiográficas de professoras/es de línguas na Universidade: Letramento Racial Crítico e Teoria Racial Crítica. Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, gênero, sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem.

⁹² O grupo GRIÔ surgiu a partir da necessidade de criação de espaços de discussão e fomento de projetos de pesquisa e extensão que abordassem as temáticas historicamente secundarizadas no ambiente acadêmico, quais sejam: culturas populares e identitárias, saberes e fazeres tradicionais, ancestralidades africana e indígena, espaços não-formais de educação, educação popular, entre outras temáticas.

partilhar conhecimentos na experiência, de forma oral, ou seja, outro tipo de conhecimento que também é autêntico.

Nesse contexto, através da vivência com o letramento racial, em 2022, nas formações continuadas que o CELVF oferecia para os/as professores e nos grupos de estudo e pesquisa, planejei e desenvolvi um projeto, durante a minha pesquisa de mestrado, intitulado *Manifestações culturais afro-religiosas: uma ação decolonial com estudantes e professores/as do Ensino Médio à luz do Letramento Racial Crítico*. Esse projeto também foi realizado com estudantes do segundo ano do Ensino Médio.

Durante minha pesquisa no Programa de Mestrado Profissional Educação e Docência (PROMESTRE) da FaE/UFMG, a primeira etapa realizada foi investigar como a comunidade escolar receberia a sugestão de incluir as manifestações culturais no currículo CELVF, especialmente as religiosas, como o Candomblé.

Neste estudo, realizei uma abordagem às manifestações culturais afro-brasileiras sob a perspectiva de estudos étnico-raciais, decoloniais e do letramento racial crítico, para estabelecer uma conexão entre as culturas afro-brasileiras, o uso de banhos de folhas ligados ao candomblé, os conhecimentos de mundo dos/as estudantes e a cultura escolar.

Outro aspecto a ser destacado é a ressignificação das identidades de raça, naquele contexto, constantemente forjadas na colonialidade, a partir das narrativas dos/as participantes do estudo, incluindo as minhas narrativas, através da vivência com o letramento racial crítico, dos rituais de banhos de folhas sacrais e medicinais, em diversos ambientes ancestrais: espaço de Terreiro de Candomblé, Benzedeiras, Erveiros e Quintal de ervas.

Nos resultados desse projeto foi perceptível que os/as participantes conseguiam, parcialmente, elaborar as suas próprias narrativas não-hegemônicas, a partir dos estudos sobre as manifestações culturais afro-brasileiras, como um meio de luta e resistência contra todos os processos do racismo estrutural.

Foram esses resultados do estudo com os/as estudantes da 2ª série do Ensino Médio que me possibilitaram planejar, elaborar e desenvolver o recurso educacional do meu estudo, nominado de *Sequências de Vence-demanda*, que está dividido em seis oficinas, as quais, aqui, chamaremos de *Momentos Ancestrais*.

A força dos rituais presentes nos banhos para acalmar a mente, de Mameto Kaiala, como já mencionei, me proporcionou uma experiência melhor como professor/vice-diretor no CELVF e equilibrou minha mente para participar de grupos de estudo e pesquisa. Além disso, também tive novas oportunidades de planejar e desenvolver projetos que levaram os/as

professores/as e estudantes a reconhecerem e refletirem de forma crítica sobre diversos tipos de racismos (kizilas), principalmente o religioso, presentes no CELVF.

Durante o desenvolvimento das sequências, as atividades transbordaram o espaço escolar, porque, a cada momento, apareciam outras demandas dos/as estudantes para experiências em outros espaços ancestrais. Por esse motivo, essas sequências foram denominadas de *Sequências de Vence-demanda*⁹³, porque optei em referir-me ao poder do ritual desses banhos para quebrar as demandas da comunidade escolar.

Esses banhos de Vence-demanda são preparados com sete folhas diferentes e foi por isso que, a princípio, pensei em planejar sete momentos ancestrais, para compor o recurso educacional. Porém, planejei os momentos conforme as demandas foram surgindo, a partir dos gostos, curiosidades e interesses dos/as aliados/as. De modo que, dos sete que idealizei, foram planejados seis momentos.

Nessa caminhada, destaco duas situações que me possibilitaram pensar e planejar os momentos ancestrais. A primeira, foi uma conversa que presenciei na secretaria do CELVF, entre três funcionárias, em outubro de 2023: uma das funcionárias relatou que quando ela era criança e ficava doente, sua mãe lhe fazia o chá de erva-cidreira e o banho de aroeira. A outra falou que os banhos de folhas eram bem frequentes em sua casa, pois, quando alguém colocava mau-olhado nela, sua avó lhe benzia com a folha vassourinha (ritual da benzedura) e, depois, "passava" o banho de quioiô, que ela tomava do pescoço para baixo. E a terceira funcionária informou que também se benze com a sua avó e essa prática acontecia sempre na sua família.

A segunda situação aconteceu em dezembro de 2023: eu estava na sala de informática com os/as estudantes da segunda série do E.M, do turno matutino, porque eles/as me convidaram para uma confraternização em homenagem ao aniversário de um/a deles/as e, quando isso acontece, eles/as sempre pedem autorização dos gestores para usar uma das salas do colégio. Nesse dia, comemos lasanha e tomamos sorvete.

Durante a confraternização, uma aluna me disse que seu avô era do Candomblé e tinha uma loja que vendia produtos ritualísticos relacionados a essa religião, principalmente diversos tipos de ervas para benzeduras, chás e banhos. Quando o avô dela faleceu, a sua avó passou a administrar o espaço, isso influenciou a sua avó a entrar para o Candomblé.

O avô da aluna aprendeu esses conhecimentos com as plantas, através dos pais dele, pela oralidade, de geração em geração. A família dessa aluna foi sustentada com o dinheiro das

⁹³ Vencer-demanda é derrubar kizilas. É organizar o que está desorganizado. É completar o que está incompleto.

vendas dessas plantas e ervas, porém, sua avó sofria muito preconceito da sua família, principalmente de sua mãe. Essa aluna relatou que a sua mãe recriminava a sua avó por vender materiais religiosos relacionados ao Candomblé. Diante disso, a avó fechou o estabelecimento e, por achar que estava no caminho errado e pecaminoso, se afastou da religião e começou a frequentar uma igreja evangélica.

O importante, a meu ver, é que a estudante reconheceu que o seu avô e a sua avó sofreram racismo religioso, por ser de uma religião de matiz africana e por ter conhecimentos para comercializar folhas sagradas utilizadas em diversos rituais, principalmente, dessa religião.

A partir dos conhecimentos adquiridos, das experiências relatadas e do meu processo de formação nos projetos do CELVF nos grupos de pesquisa, pude refletir e perceber que existem diversos tipos de rituais com o uso das folhas, em diversos lugares ancestrais, que não se limitam apenas aos rituais do candomblé. Entendi também que esses rituais de banhos e uso das folhas não tem vínculo exclusivo com religiosidade. Existem outros tipos de rituais, procedimentos e práticas em diferentes espaços.

Diante dessas experiências relatadas, planejei o primeiro momento ancestral com o propósito de convidar os/as estudantes, para participarem e serem os/as aliados/as da pesquisa de mestrado que estava desenvolvendo. Este momento foi chamado de mobilização, para convidar e acolher os/as aliados/as, o qual foi dividido em duas partes.

3.1 Primeiro Momento Ancestral: Convite e a acolhida

No dia 19 de outubro de 2023, na primeira parte desse momento, cheguei bem cedo no CELVF, organizei a sala da segunda série, com as cadeiras em semicírculo e, no centro, dei a colocar alguns tipos de folhas para chás, banhos, benzeduras, dentre outros. Ainda, na sala, distribuí quatro bancadas representando, em cada uma, um tipo de atividade do nosso cotidiano: cerimônia religiosa, aniversário, rotina no dia a dia e preparação de chás.

Às 07:40h, os/as estudantes começaram a entrar na sala, fazendo gestos de quem não estavam entendendo nada do que iria acontecer. Tomaram os chás que eu estava oferecendo. Uma aliada ficou surpresa com aquelas plantas no meio da sala e perguntou se não iria ter aula, devido à arrumação da sala.

Vale destacar que esse Primeiro Momento teve como objetivo: sensibilizar os/as aliados/as com o propósito de estimulá-los a participar do meu projeto de Mestrado e, com isso, oportunizar a eles/as conhecer e refletir sobre os diversos tipos de rituais presentes no nosso

cotidiano, incluindo os rituais de banhos de folhas sacrais e medicinais. Nesse momento, dos 40 (quarenta) estudantes que frequentam as aulas nessa turma, estavam presentes 37 (trinta e sete).

Os/As estudantes começaram a circular pela sala, perguntando o que iria acontecer de diferente na aula. relatei a eles/as que, durante as nossas atividades, haveria a partilha e a construção de outros tipos de conhecimentos relacionados às culturas e histórias afro-brasileira e indígena, principalmente sobre manifestações culturais. E que eles/as estavam sendo convidados a participar dessa caminhada comigo. Informei, também, que as atividades fariam parte do desenvolvimento de um projeto de pesquisa de Mestrado.

Continuando a mediação da atividade, sugeri que eles/as se dividissem em quatro grupos, de 08 a 10 pessoas, a partir de suas afinidades, e que cada um deles se encaminhasse para as bancadas e ficassem em círculo. Nessas bancadas estavam as seguintes informações: 1 – Aniversário; 2 – Rotina do dia a dia; 3 – Cerimônia Religiosa; 4 – Preparação de chás. Os/as aliados/as ficaram surpresos e curiosos de ver esses nomes nas bancadas. Eles/as estavam agitados e conversando muito, buscando saber o que iria acontecer.

Logo após a agitação dos/as aliados, informei que, a partir daquele momento, eles/as seriam organizadores de eventos e comecei a mediar a atividade, orientando que eles/as escrevessem, no papel, o passo-a-passo dos eventos que estavam presentes nas bancadas. Sugeri que usassem a imaginação para planejar esses eventos. Depois dessa explicação, os/as aliados/as solicitaram cinco minutos para desenvolver a atividade.

Depois que todos os grupos terminaram, solicitei que eles/as escolhessem uma pessoa do grupo para socializar o que produziram. Então, depois dos oito minutos – pois a equipe da preparação de chás precisou de mais três minutos para terminar a atividade – eles/as começaram a se apresentar.

A primeira equipe escolheu um casamento no cristianismo. O integrante escolhido pelo grupo relatou: *“Para nós, o primeiro passo para pensar em uma cerimônia como essa é o convite, depois a cerimônia de entrada, a recepção dos convidados e autoridade religiosa, momento de entrada da noiva ou do noivo com música, celebração, cortejo de saída da cerimônia, recepção para os comes e bebes, e lua de mel⁹⁴”*.

⁹⁴ O registro do relato da estudante foi realizado por áudio, durante a atividade em equipe no Primeiro Momento ancestral. No dia 19 de outubro de 2023. Os outros relatos, desta mesma atividade, foram registrados da mesma forma.

O segundo grupo, apresentou sobre rotina do dia a dia. Uma das participantes relatou: *“Acordo cedo, às 06:30, tomo banho, tomo café, me arrumo e venho para a escola, vou para casa, tomo banho e almoço, depois vou para o trabalho. Quando chego no trabalho, tomo café e descanso uns 20 minutos e vou dormir. Essa é a minha rotina e de alguns dos participantes”*.

O terceiro grupo preferiu ficar com a preparação de chás. O estudante escolhido pelo grupo descreveu a atividade: *“O primeiro passo, pego as ervas, tipo erva-doce, capim-santo, gengibre e cidreira, que posso retirar do quintal de minha casa ou comprar na feira. Segundo, pego a água quente, em um recipiente, joga um tipo de erva no recipiente, após uns 15 minutos retiro as folhas e deixo somente o líquido. E o último passo é esperar esfriar o chá e depois beber”*.

A quarta equipe escolheu planejar uma festa de aniversário para uma criança de seis anos. Então, a estudante descreveu: *“Tem o passo-a-passo, que são as produções de doces, salgados, decorações, bolos, bebidas, arrumação, decoração, salão, fantasia da criança, lista de convidados, sessão de fotos, contratação de banda, brinquedos e lembrancinhas”*.

Depois que as equipes apresentaram e detalharam o passo-a-passo de cada evento, fiz um questionamento para os/as integrantes: *“O que vocês entendem por ritual?”*. Nesse momento, uma estudante gritou: *“Tá repreendido, isso é coisa do maligno!”*. Toda sua equipe soltou altas risadas.

Porém, imediatamente, o aliado Espada de Ogum levantou a mão, pediu a palavra e informou que discordava da sua colega e relatou outra ideia de ritual: *“Eu não acho que tem nada de macabro. Para mim, é todo aquele preparo que a gente tem de fazer de acordo com que estamos vivenciando naquele momento. É tipo um passo-a-passo de uma atividade que a gente faz na nossa vida, mais ou menos uma rotina. Então, o que a gente fez aqui, também, eu posso considerar um tipo de ritual. Agora me liguei”*.

Com essa ideia de ritual, Espada de Ogum possibilitou que os/as outros aliados/as refletissem sobre a visão deturpada e limitada e desconstruíssem estereótipos sobre o conceito de ritual, que, na ótica desse aliado, são práticas presentes no cotidiano e em diversos espaços, não apenas nos religiosos.

Essa concepção está em consonância com o pensamento de Padilha *et al.* (2010, p.1), quando diz que:

Ritual é um processo continuado de atividades organizadas cuja prática está relacionada a ritos, que envolvem cultos, doutrinas e seitas, encontrados não só na vida religiosa, mas em todas as esferas culturais.

No sentido figurado, ritual é uma rotina, aquilo que habitualmente se pratica, é uma etiqueta, uma regra, um estilo usado no trato entre as pessoas.

Considerando esse ponto de vista e do aliado Espada de Ogum, pude ressignificar a minha concepção de ritual, pois eu também limitava somente aos da minha religião, o candomblé. O aliado São Gonçalinho também relatou que sempre tinha em mente, antes dessa discussão, que só existiam rituais religiosos e, depois da atividade, conseguiu compreender que possuem outros tipos de práticas ritualísticas, pois, através do aliado Espada de Ogum, ele refletiu e mudou sua concepção do significado de ritual.

Na segunda parte desse Primeiro Momento, os/as aliados/as foram convidados a sentar nas cadeiras que estavam organizadas em semicírculo, para observarem algumas folhas de plantas que estavam no centro. Essa atividade visava promover o diálogo entre os/as aliados/as e eu, sobre as experiências que eles/as vivenciam com o uso das folhas em diversos tipos de rituais.

Logo após os/as aliados observarem, foram feitas as seguintes perguntas, que gerou respostas a seguir:⁹⁵

(P) Vocês conhecem alguma dessas plantas?

(A.1) Conheço a folha da Aroeira.

(A.2) Eu sei essa daqui a espada de Ogum.

(A.3) Conheço a folha de boldo.

(P) Vocês sabem para que servem essas plantas?

(A.2) Servem para chás e remédios.

(A.3) Elas também servem para banhos, professor.

(A.1) Professor, existe também o banho que tira mau-olhado.

(P) Tem pessoas que tomam vários tipos de banhos de folhas mesmo. Eu mesmo já tomei vários. Alguém, aqui, já utilizou banho de folhas?

(A.3) Professor, utilizo sempre. Essa que está aí, a folha de quioiô, eu já tomei quando eu estava com febre, meu avô me benzeu e me passou o banho dessa planta. Fiquei melhor logo.

⁹⁵ Professor (P), Aliado1 (A.1), Aliado 2 (A.2), Aliado 3 (A.3).

No contexto desse diálogo, o aliado A.3 fez um relato, relacionando a sua experiência com os banhos de folhas, contextualizando com o conceito de ritual que ele tinha vivenciado na atividade passada:

*Eu percebi, professor, que esses conhecimentos que nós temos sobre o uso de plantas, no meu caso, com o banho, estão presentes no nosso meio. Precisamos sempre do poder das folhas, pelo menos uma vez na vida. Tipo assim, um chá, um xarope e até um banho. Quantas vezes o banho de folhas me curou? Tem gente que toma vários tipos de banho mesmo. Mas, para fazer esses banhos, o meu avô tem todo um cuidado. Ele tem o horário de colher as folhas, reza o pai nosso quando está preparando o banho, reserva em uma panela por vinte e quatro horas no ar livre e depois passa o banho para as pessoas. Tudo isso segue uma ordem, um ritmo para no final tudo dá certo. Agora eu entendi que, quando meu avô faz um banho, ele segue um ritual. Que é do jeito dele e naquele momento. Até para eu tomar banho, sigo um ritual.*⁹⁶

Para reforçar a ideia de que os rituais, principalmente de banhos de folhas, estão presentes no nosso dia a dia e em diversos espaços, como foi relatado pelo A.3, convidei a funcionária A.P., por ser uma pessoa mais experiente que cuida, conhece e utiliza as ervas do jardim do CELVF, para relatar sua experiência com os rituais de banho de folhas.

Nesse momento a sala ficou em silêncio, esperando a fala da funcionária:

*Meu nome é A.P., quando eu tinha 22 anos, eu fiquei muito doente. Era dor de cabeça e mal-estar. Minha mãe me levou para o pronto-socorro, fui medicada, mas não ficava boa de jeito nenhum. Aí minha vizinha indicou um rezador - eu gostava de chamar de benzedor. São pessoas que rezam. Não tem as pessoas que rezam? Aí ele foi na minha casa, me rezou, aí falou com minha mãe que eu tinha que tomar três banhos de folhas [...] Ele indicou três tipos de folhas: quioiô, guiné e canela de velho. Com essas três folhas mandou eu tomar três banhos. Depois disso, fiquei boa. Tem gente que tem preconceito, eu não tenho. Eu fui curada e esses conhecimentos vem de pessoas mais velhas.*⁹⁷

Através dos relatos, tanto do aliado A.3, quanto da funcionária A.P, percebo que os rituais de banhos de folhas vão mudando, em relação a quem indica, ao local e como eles são realizados. Porém, se conectam em relação à transmissão do conhecimento, de geração em geração e através do poder da oralidade. Uma pessoa compartilha com a outra a sua experiência com o uso de banho de folhas.

⁹⁶ Relato gravado em áudio, no dia 19/10/2023, em uma roda de conversa, em sala de aula.

⁹⁷ O relato da funcionária A.P. foi registrado por áudio, em uma roda de conversa, em sala de aula, no dia 19/10/2023.

Essas ideias se alinham ao pensamento de Pierre Verger (2017, p. 20), quando ele informa que:

A tradição oral do conhecimento é considerada na tradição iorubá como o veículo do axé, o poder, a força das palavras, que permanece sem efeito em um texto escrito. As palavras, para que possam agir, precisam ser pronunciadas. O conhecimento transmitido oralmente tem o valor de uma iniciação pelo verbo atuante, uma iniciação que não está no nível mental da compreensão, porém na dinâmica do comportamento. É baseada mais em reflexo do que no raciocínio, reflexos estes induzidos por impulsos oriundos do fundamento cultural da sociedade.

Nesse sentido, concordo com a ideia desse autor sobre o poder da oralidade, para a manutenção das práticas ritualísticas em diversos espaços ancestrais, destacando as minhas experiências com o uso dos banhos de folhas no candomblé. Associo isso às experiências dos/as aliados/as e da funcionária A.P com as práticas de benzeduras. Esse movimento visava levar os/as participantes da pesquisa a perceberem que os rituais dos banhos de folhas estão presentes no nosso dia a dia.

Nessa perspectiva, aproveitei a oportunidade, fiz o convite aos/as aliados/as para participarem do projeto, por meio de uma cartografia⁹⁸ elaborada no quadro branco, que traça os rastros e caminhos do percurso teórico-metodológico que os/as estudantes e eu vamos realizar como participantes da pesquisa.

Figura 18 – Cartografia sobre o percurso da pesquisa



Foto: Kauã Matheus, 2023.

⁹⁸ Com as cartografias é possível registrar dinamicamente as etapas no percurso formativo dos/as estudantes, no momento que os fatos estão acontecendo, gerando e sistematizando um conjunto reflexões e pontos de vista. (Lírio, 2017).

Nesse momento da imagem, relatei aos/as aliados/as a proposta do meu estudo, que consiste em incentivar a reflexão e a discussão sobre os rituais de banhos de folhas sacrais e medicinais em diversos espaços ancestrais. Algo que não presencio no CELVF, mesmo essa manifestação cultural afro-brasileira estando presente no nosso dia a dia.

Então, expliquei que esse seria um dos motivos de estarmos ali, para discutirmos, refletirmos e lutarmos contra toda forma de racismo (Kizilas), dialogando com aquela manifestação cultural. Ressaltei, então, que precisava deles/as para serem os/as meus e minhas aliadas nessa jornada.

Pontuei, por fim, que é importante incluir os estudos dessas práticas ritualísticas com o uso dos banhos de folhas no espaço do CELVF, porque elas estão no cotidiano de todos/as nós e podemos confirmar essa afirmação através dos relatos anteriores. O aliado São Gonçalinho pediu a palavra e disse: *"Se a gente não tiver informação e estudo dessa cultura, principalmente aqui no colégio, vai aumentar mais ainda o preconceito, a discriminação e o racismo. Por isso, professor, eu aceito participar dessa jornada"*.

Depois da fala desse aliado, outros/as estudantes aceitaram participar do estudo. Fiquei contente e satisfeito com esse primeiro Momento de mobilização, porém, ainda precisava conversar e apresentar a proposta do meu estudo para os/as responsáveis dos/as aliados/as, para que eles assinassem os termos de ciência e autorização.

Explanei que, neste estudo, eles/as foram convidados/as a participar como voluntários/as e não iam ter custos e nem despesas nenhuma e poderiam sair a qualquer momento, se não se sentissem confortáveis, pois não é obrigatório.

Percebi que, depois da minha explicação, alguns/as estudantes ficaram com dúvidas sobre como seria e quais os horários dos nossos encontros, com a preocupação de que as atividades do projeto de pesquisa atrapalhassem as suas aulas no matutino. Expliquei, então, que os nossos encontros seriam no turno oposto as aulas deles/as, ou seja, no contraturno e o local seria no espaço escolar e em outros espaços nos quais se praticam rituais com o uso das folhas, dependendo da demanda que eles/as apresentassem, durante o estudo.

Pelo fato dos nossos encontros terem ocorrido no contraturno, alguns estudantes não puderam participar do estudo, pois eles/as informaram que realizam outras atividades no turno oposto. Dos 38 estudantes, doze aceitaram participar na pesquisa. Em reunião com os/as responsáveis, desses doze estudantes, oito assinaram o termo de responsabilidade para seus filhos e filhas participarem.

3.2 Segundo Momento Ancestral: Quem sou eu?

Este Segundo Momento tinha como objetivo contextualizar os/as aliados/as da pesquisa, através da sua história de vida e de seu contexto social e cultural, conhecer a importância das diversas folhas existentes no jardim da escola e sua utilidade para a comunidade escolar.

Nesse encontro, no dia 26 de outubro de 2023, distribui para os/as aliados/as um caderno que eles/elas utilizaram como um diário de bordo para registrarem todas as dúvidas, informações e reflexões que eles/elas tivessem, durante o desenvolvimento dos momentos. Além do caderno, distribui um estojo, caneta, lápis e borracha.

Na primeira parte, do segundo momento, coloquei algumas plantas na sala e retomei as ideias do encontro anterior para lembrar o que discutimos naquele dia. Em uma roda de conversa, perguntei se alguém lembrava do que discutimos no encontro passado. A aliada Alfazema lembrou que desenvolveu uma atividade em grupo para compartilhar diferentes conceitos e ideias da palavra ritual, sobre o que concluíram que tudo, no nosso dia a dia, segue um ritual.

O aliado São Gonçalinho fez referência ao encontro passado, relatando que lembrou do banho que sua mãe e sua avó passaram para ele e que o curou da asma. Já o aliado Camomila informou que adora ficar no quintal da casa de sua avó, porque encontra vários tipos de folhas que servem para benzeduras e banhos.

Na segunda parte desse momento, depois da roda de conversa em sala de aula, convidei os/as aliados/a para caminharem pelo espaço escolar, principalmente pelo pátio, na área de vegetação, que possui folhas utilizadas pelas pessoas da comunidade escolar. Segue a imagem dos aliados/as em frente ao jardim do CELVF.

Figura 19 – Aliados/as observando o jardim do CELVF



Fonte: Kauã Matheus, 2023.

A funcionária A.P., que cuida desse jardim, dialogou com os/as aliados/as e comigo, sobre o uso e as propriedades das plantas que ela cultiva, relatando a importância que esse espaço vegetal tem para ela:

Eu plantei de tantas plantas aqui e hoje eu cuido delas e de todo esse espaço vegetal. Eu sei de todas as folhas que têm aqui e para que servem. Vocês sabiam que por causa disso, respiramos melhor e vivemos mais? A maioria da gente aqui utiliza essas folhas, principalmente para chás. O boldo mesmo cura a dor de barriga de qualquer um. Eu amo esse lugarzinho aqui no Colégio.⁹⁹

Depois que a funcionária A.P. falou sobre a sua experiência com o jardim do CELVF, ela perguntou aos/as aliados/as se eles conheciam algumas daquelas plantas que estavam ali e se já utilizaram alguma delas. A aliada Alfazema foi em direção à folha de quioiô e relatou que tomou banho da erva para livrá-la do mau-olhado:

Estava me sentindo cansada e a benzeadeira foi no quintal da minha casa, que é cheio de plantas, pegou um ramo de quioiô e rezou e pediu para eu tomar o banho também dessa planta por três dias. Eu fiquei melhor. Acreditem a parte que eu mais gosto de minha casa é o quintal, tem pé de manga, de goiaba e várias plantas que a minha mãe faz chás e banhos. Para mim, é um lugar sagrado.¹⁰⁰

O quintal, para mim, também é considerado um local sagrado, pois me conecto sempre com a natureza e encontro a cura de algumas doenças, que os postos de saúde não podem curar, como o mau-olhado. Essa enfermidade espiritual é curada através das rezas das benzeadeiras que utilizam as folhas dos quintais, das matas e feiras livres, para as práticas de benzeduras. Segundo Angela Gomes (2010, p.145), existe uma ligação muito intensa entre os quintais e as benzeadeiras, porque “parte do conhecimento do segredo das plantas em quintais foi produzida pelas benzeadeiras ou seus familiares”.

Nesse contexto, surgiu a demanda de os/as aliado/as e eu visitarmos e partilharmos conhecimentos com um mestre ou uma mestra da cultura popular¹⁰¹ que cuidasse de um quintal ancestral, com várias plantas que servissem para fins medicinais e/ou religiosos. A atividade,

⁹⁹ O relato da funcionária A.P. foi registrado por meio gravação de áudio quando ela estava no jardim do CELVF, dia 26/10/2023

¹⁰⁰ O relato da aliada Alfazema. foi registrado por meio gravação de áudio quando ela estava no jardim do CELVF, dia 26/10/2023

¹⁰¹ De acordo com Celina Cunha (2018, p. 23), a cultura popular é constituída de “[...] todos os saberes de determinados grupos sociais que se manifestam por diferentes vertentes, tais como a culinária, a música, a dança, o esporte e as crenças religiosas. A cultura popular é a manifestação dos costumes e tradições de um povo e tem como carro-chefe a tradição oral para o repasse de seus saberes.”

de levar os/as aliados/as para conhecerem, de forma diferente, o jardim do CELVF, com um outro olhar, me fez relembrar as vivências com as benzedadeiras no quintal da minha avó e no terreiro de candomblé onde nasci e me criei.

Confesso que os/as aliados/as participaram desta atividade com muita dificuldade, se dispersando toda hora, pois foi no momento do intervalo, quando todos/as estavam merendando e circulando pelo pátio onde se encontra o jardim. Foi desafiante, mas consegui desenvolver a atividade.

Depois que terminou, eu sugeri que todos/as os/as aliados/as retornassem a sala, porém muitos deles/as demonstraram mais interesse e curiosidade em ficar dialogando com a funcionária A.P. sobre as plantas que têm no local. Foi nesse momento que confirmei que precisávamos extrapolar o espaço escolar e realizar uma atividade de campo, para mantermos contato com os mestres e mestras da cultural popular para partilharmos conhecimentos. A demanda que surgiu nos levou ao desejo de visita a um quintal ecológico, que poderia ser urbano ou rural.

Na terceira parte do segundo Momento, com os/as aliados já em sala, que estava muito quente, pois o ar-condicionado estava quebrado, só um ventilador funcionava, percebi os/as estudantes inquietos e reclamando do calor. Esperei dez minutos para ver se eu conseguia prosseguir com a atividade. Depois desse tempo a temperatura baixou, o calor amenizou e os/as aliados voltaram a se concentrarem na atividade.

Depois que os/as aliados se acalmaram e sentaram em suas cadeiras, distribui uma foto impressa em papel ofício e solicitei que eles/as olhassem ela, principalmente para quem estava nas cadeiras. A foto tem a minha imagem e a dos/as estudantes em um projeto no CELVF. Segue a foto.

Figura 20 – Eu com estudantes no Projeto didático no CELVF



Fonte: Acervo do autor, 2023.

Propus a eles uma atividade que visou demonstrar, através da leitura dessa imagem, pelos/as aliados/as, que as pessoas têm semelhanças e diferenças em relação às histórias e experiências de vida. Utilizei principalmente, junto à foto, as vivências de cada um dos/as aliados/as com as folhas, aproveitando a discussão anterior, do primeiro Momento Ancestral e no jardim.

Logo após distribuir as imagens para os/as aliados e solicitei que eles observassem a foto, aproveitei e desenvolvi um diálogo com eles/as, quando fiz algumas perguntas e os deixei livres para responder:¹⁰²

(P) Onde foi tirada essa foto?

(A.1) No pátio da escola, onde a gente estava, professor, agora há pouco.

(P) O que vocês acham que essas pessoas estão fazendo?

(A.2) Assistindo uma apresentação ou estão em uma reunião.

(P) Normalmente quando vocês estão nesse local e estão sentados dessa forma é para quê?

(A.3) Assistimos assistir alguma palestra e também ficamos aí para apresentação de projetos.

(A.2) Lembrando da atividade que falamos de ritual, uma palestra ou uma reunião com os/as professores segue um ritual. Todo mundo parou para assistir à apresentação e teve um passo-a-passo para tudo dá certo.

(P) Certo. Eu também concordo que é um ritual. Gostaria de saber, agora, neste ritual, o que a pessoa que está tirando a foto tem de diferente das outras pessoas?

(A.3) Tem muita diferença, professor. Vejo logo pela cor, os gostos e os sentimentos. Não tem como sermos iguais.

(A.2) Em relação à vivência mesmo, professor, todos temos vivências diferentes. A gente tem que pensar que o Brasil é multicultural, não existe ninguém igual a ninguém, seja pela sua fala, jeito de se vestir, de se comportar, de se manifestar culturalmente e lembrando das atividades passadas, diferimos em praticar rituais.

(P) Vocês falaram sobre rituais. Existe só uma forma de realizar um ritual, nessa sociedade multicultural?

¹⁰² Professor (P), Aliado 1 (A.1), Aliado 2 (A.2), Aliado 3 (A.3).

(A.1) *Não, professor. Os rituais mudam, uma pessoa vai fazer diferente da outra, porque a gente não pensa e não a age igual aos outros. Os rituais são tipos receita de bola, a gente tenta fazer igual, mas não consegue. Pode ser semelhante, mas igual não vai sair.*

(A.3) *É por isso que utilizamos as folhas de formas diferentes nos rituais para prepararmos um chá e um banho. A mesma folha que minha avó utilizou para chá, a mãe de meu colega A.1. Utilizou para banho. Olha como somos diferentes.*

Nesse diálogo, percebi que os/as aliados/as já têm experiências e desenvolvem rituais diferentes com o uso de plantas, além de possuírem histórias e vivências diferentes uns/umas dos/as outros/as. Então, todo o processo, desde o primeiro Momento Ancestral, o diálogo e a análise do registro dessa foto nos mostra que somos diferentes em todos os aspectos e temos que ser acolhidos e respeitados por causa disso. Nesse momento, o aliado Espada de Ogum se levantou da cadeira e relatou: *"Por isso não devemos criticar a religião de ninguém, as culturas de ninguém, porque pensamos e agimos diferente"*.

O meu pensamento e o de Espada de Ogum convergem com as ideias de Vera Candau (2013, p.15), quando ela considera que, no espaço escolar, é preciso reconhecer a heterogeneidade cultural. Segundo ela,

hoje, esta consciência do caráter homogeneizador e monocultural da escola é cada vez mais forte, assim como a consciência da necessidade de romper com esta e construir práticas educativas em que a questão da diferença e do multiculturalismo se faça cada vez mais presente.

Então, considerando que a comunidade escolar, incluindo o CELVF, é heterogênea e multicultural e reconhecendo que cada um tem uma história de vida, um sonho, um desafio, uma conquista diferente de outras pessoas, sugeri aos meus/minhas aliados/as que abrissem o caderno, que chamamos de diário de bordo e escrevessem uma autobiografia, intitulada "Quem sou eu?".

Nesse texto, os/as aliado/as relataram a sua história de vida, contextualizando-a, a partir das seguintes perguntas: Qual a sua faixa etária? Onde você mora? Onde você nasceu? Como se autodeclara em relação a sua raça e cor da pele (preta, branca, amarela, parda...)? Como a sua família é constituída? Qual a sua religião e a do seu responsável? Como é a sua vivência no dia a dia e com projetos didáticos, aqui, no CELVF? Em relação ao uso de plantas, quais as suas experiências e de seus responsáveis com o uso das folhas?

Entretanto, informei os/as aliados/a que se eles/as se sentissem confortáveis, podiam desconsiderar algumas perguntas e não colocar no texto autobiográfico. Eu partilhei, ainda, que também escrevi a minha autobiografia, porque eu estou nesse processo formativo com eles e elas. Eu acredito que o professor também tem que falar de sua vida, se arriscar, para os/as estudantes se sentirem acolhidos e confiantes, e não só esperar que eles/elas falem sozinhos, de uma forma unilateral, como se eu fosse uma figura autoritária e inquisidora.

Nesse sentido, bell hooks (2017) traz a educação como prática da liberdade, como uma das alternativas para romper com essa forma autoritária de só o/a estudante relatar a sua vida. De acordo com hooks (2017, p. 35),

quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. [...] Toda a sala que for aplicado o modelo holístico de aprendizado será um local também de crescimento do professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrirem mesmo tempo em que encorajamos os alunos a correr riscos. Os professores que esperam que os alunos partilhem narrativas confessionais, mas não estão ele mesmos expostos a partilhar, exercem o poder de maneira potencialmente coercitiva.

Nesse contexto, considerando às ideias de bell hooks, eu desenvolvi a minha autobiografia no meu diário de bordo e os/as aliados/as começaram a desenvolver as suas em sala de aula. Depois, sugeri que eles/as terminassem em casa, com o auxílio do/as seus/suas responsáveis. Também, para que eles/as pudessem acrescentar informações até o término dos Momentos Ancestrais.

Abaixo, segue uma imagem de um dos aliados desenvolvendo a sua autobiografia, com a minha orientação.

Figura 21 – Aliado escrevendo sua autobiografia



Fonte: Kauã Matheus, 2023.

No dia seguinte, 27 de dezembro de 2023, me reuni com os/as aliados/as e cada um relatou a sua autobiografia¹⁰³, ainda incompleta, e pude conhecer um pouco da história de cada um/a dos/as aliados/as e eles/as também conheceram a minha história.¹⁰⁴

Através desses relatos pude planejar e desenvolver o Terceiro Momento Ancestral, porque percebi, nas autobiografias e nos outros relatos desse segundo momento, que muitos/as aliados/as ficaram curiosos e com vontade de conhecer outros espaços ancestrais, pois eles/as não têm atividades de campo que apresentem as culturas e histórias afro-brasileira e indígena, no CELVF.

Percebi que eles/as falam muito sobre os quintais de suas casas e de seus familiares, como um espaço de recreação, cultivo de alimento e, também, de cura. Muitos/as desses/as aliados/as utilizam folhas para chás, banhos e benzeduras. Por isso, sugeri a eles/elas o quintal ecológico da Mestra da cultura popular e professora Edna, que cultivava mais de mil tipos de plantas em seu espaço. Os dez aliados e aliadas ficaram felizes e aprovaram a ideia.

3.3 Terceiro Momento Ancestral: Quintal da Mestra Edna

Nesse Terceiro Momento, os/as aliados/as e eu visitamos o quintal da professora Edna. Antes, eu fui em sua residência e perguntei sobre a disponibilidade dela para receber os/as aliados/as, numa visita ao seu quintal. Não conhecia o local e fiquei surpreso com os vários tipos de plantas diferentes. Sem hesitar, a professora Edna aceitou nos receber no seu espaço ancestral.

Após da permissão de dona Edna, três dias depois, me reuni com os/as aliados/as para construirmos, de forma colaborativa, um roteiro¹⁰⁵, que está disponível na Sequência de Vencedoras, para a nossa primeira atividade de campo.

No dia da visita ao quintal, 09 de novembro de 2023, apresentei a turma a dona Edna e expliquei que estávamos no local para partilhar conhecimentos sobre os diversos tipos de plantas que ela cultivava. Logo após a minha explicação, o aliado Camomila entregou um pé de lírio da paz para dona Edna, como forma de agradecimento pela acolhida. Essa flor, segundo o aliado Camomila, traz paz ao ambiente e equilibra o nosso espírito.

A professora Edna, após receber as flores, apresentou-se:

¹⁰³ Anexo B: Autobiografias dos/as aliados/as.

¹⁰⁴ Os textos autobiográficos dos aliados/as foram apresentados no capítulo/Momento ancestral anterior.

¹⁰⁵ Anexo A: Sequências de Vencedoras.

Meu nome é dona Edna, a maioria das pessoas não me conhece como Edna, me chamam de Edinha. Fui professora do Colégio que vocês estudam, o Luiz Viana. Trabalhei com jovens com a faixa etária de vocês. Lecionei Sociologia, mas eu gosto muito de plantas. Eu queria, na verdade, era ser botânica. Considero meu quintal um horto. Eu uso meu quintal para ajudar as pessoas. Eu vendo plantas para fazer cestas básicas.¹⁰⁶

No instante dessa fala, dona Edna interrompeu a sua apresentação, pois tinha um som de carro, um paredão¹⁰⁷, tocando na porta de sua casa e fazia um barulho que atrapalhava o andamento da atividade. Mesmo assim, os/as aliados/as não se dispersaram, pois estavam interessados em construir conhecimentos com dona Edna, anotando tudo em seus diários de bordo.

Com isso, paramos um pouco e bebemos uma água. Quando o som baixou, dona Edna pediu permissão aos/as aliados/as para continuar a sua apresentação:

Eu andei verificando, eu tenho centenas de plantas que vão ajudar vocês a verem que o remédio vem das plantas, só que as pessoas têm um preconceito tão grande, né? Sou católica de participar da missa, mas respeito todas as religiões. Minha família é diversa, em relação à religião, eu tenho uma irmã que é do Candomblé. Tenho irmã que não tem religião. Porém, caminhamos juntas. O respeito é o que leva a gente a viver melhor. O que falta em nós é deixar que o outro viva a vida dele e nós vivamos a nossa. A gente tem que respeitar as pessoas do jeito que elas querem acreditar e a gente não tem nada com isso. Deus nos criou livres. Então, sejam bem-vindos e bem-vindas, nós vamos aprender com certeza, vou aprender com vocês e vocês vão aprender comigo. Eu quero mostrar as plantas, aquelas que achei mais importante.

Depois que Dona Edna Fez a sua apresentação, uma aliada ficou surpresa, levantou a mão e pediu para falar:

Eu preciso desabafar! Fiquei aqui pensando, dona Edna, se minha família pensasse que nem a senhora. As pessoas de lá de casa não tem essa visão de respeito, principalmente com as religiões de matrizes africanas. Eu discuto direto em casa. Meus pais são católicos, mas eu não. Gosto muito dos rituais e da filosofia do Candomblé.

Nesse momento, dona Edna lamentou a situação e pediu para a aliada buscar construir conhecimentos em atividades como essas que ela está participando, para conscientizar as

¹⁰⁶Relato de dona Edna gravado no seu quintal, no dia 19/10/2023. Todos os relatos depois desse de Dona Edna, nesse terceiro Momento, foram registrados por gravação de áudio e nessa mesma data 19 de outubro de 2023.

¹⁰⁷São sistemas de sons complexos, acoplados em um porta-malas de carro, pode ser também em um reboque, que fazem sucesso nas periferias e interiores do país.

peessoas próximas de que o respeito é mais importante. Porém, dona Edna salientou que não é uma tarefa fácil.

Após se apresentar, ela caminhou pelo quintal com os/as aliados/as e comigo, para conhecermos o local e ela foi informando a origem da planta, o nome popular, como e para que é utilizada¹⁰⁸. Durante o percurso no quintal, a mestra mostrou a folha chamada de quioiô, que serve, na experiência dela, para febre e mau-olhado. Vale destacar que o quioiô que vimos lá nas atividades do Primeiro Momento, no CELVF, foi dona Edna quem plantou no jardim.

Quando Dona Edna citou essa folha, os/as aliados/as começaram a relatar as suas experiências com a erva. Muitos/as já a utilizaram para combater febre, como já foi mencionado. A aliada Capim-Santo também relatou sua experiência com o quintal da casa dela:

Eu fiquei ruim de febre, fiquei mole na cama e minha avó disse que minha alma estava doente. Ela foi ao quintal de minha casa e pegou essa folha de quioiô e me benzeu e fez eu tomar banho, também. Fiquei melhor. Eu amo meu quintal, além de brincar, comer, eu também fico bem de saúde.

O aliado Espada de Ogum, participou também da conversa entre a aliada Capim-Santo e Dona Edna, relatando sobre a felicidade de encontrar a folha chamada "mirra", que para ele é sagrada: "*Dona Edna, a senhora não sabe a alegria que é rever a mirra, essa folha que eu colocava embaixo do travesseiro para desentupir o meu nariz. Me lembro do cheiro dela, até hoje. Eu encontrava essa folha fácil, fácil na casa dos meus avós de parte de mãe*".

Eu também comentei que a mirra, além de ser uma folha que descongestiona as vias aéreas, também é usada nos rituais de candomblé, em banhos para a prosperidade. No quintal do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, temos um lugar só para ela. Dona Edna completou, dizendo que, na igreja, usam essa erva para incensar o altar.

Através dos relatos da professora Edna e dos/as aliados/as, pude perceber que o quintal é um espaço ancestral que nos proporciona o bem-estar, tanto físico quanto espiritual, principalmente, quando se trata das práticas de benzeduras e rituais dos banhos de folhas, pois além do cultivo de alimento, existe, também, o de folhas sagradas, para curar a alma.

Segue a imagem da nossa caminhada pelo quintal de Dona Edna.

¹⁰⁸ Anexo C: Diário de bordo da aliada Alfazema.

Figura 22 – Trilha de conhecimentos no quintal



Foto: Kauã Matheus, 2023.

Nesse sentido, Silva e Silva (2022, p.16) entendem os quintais como “[...] espaços de conhecimento sobre a natureza. Além de suas múltiplas funcionalidades, apresentam-se como lugares onde se manifestam forças mágicas e místicas por meio das quais a capacidade transformacional é central e orienta o proceder de humanos e não humanos”.

Em seguida, após ouvirmos e trocarmos conhecimentos, acompanhando Dona Edna no seu quintal, realizamos uma roda de conversa, quando todos/as que estavam presentes poderiam fazer perguntas a Dona Edna, caso se sentissem confortáveis. Segue a imagem da roda de conversa.

Figura 23 – Roda de Conversa no Quintal de Dona Edna



Foto: Kauã Matheus, 2023.

Iniciando a Roda de conversa, dona Edna relatou sobre o preconceito e o racismo que os rituais das religiões de matizes africanas sofrem, no Brasil, e, também, na comunidade em que ela mora:

Quando eu entrei na faculdade, comecei a pesquisar e descobrir que o erro no Brasil e aqui, em Candeias, é discriminar o negro e as pessoas das religiões de matrizes africanas. As pessoas ficam com vergonha de se assumirem negras e de dizerem que é do candomblé. Eu acredito que é porque a sociedade impõe uma verdade única e uma religião única. Obrigam muito as pessoas fazerem o que elas não querem. Minha avó, por exemplo, ela fazia caruru de sete meninos¹⁰⁹ e ela é barriga de gêmeos. E o que eu descobrir? Que os brancos que invadiram aqui obrigaram os negros a serem católicos e ninguém segue uma religião obrigado.

Depois desse relato, dona Edna fez a seguinte pergunta: "Dia 27 de setembro é dia de que santo na igreja católica?". O aliado São Gonçálinho e eu respondemos na mesma hora: "Dia de São Cosme e São Damião". Dona Edna nos corrigiu e disse que não e continuou com o seu relato:

Na realidade, não é. No Candomblé é dia de Erê, é uma entidade de criança, mas colocou como se fosse o dia de São Cosme e São Damião. Na Igreja Católica, é dia 26 de setembro, porque dia 27, os brancos liberavam aos negros para fazerem seus rituais festivos, mas os negros, para se protegerem, diziam que era para São Cosme e São Damião. A Igreja festejava dia 26 e o povo seguia o ritual do Candomblé no dia 27 de setembro. Na época, eram obrigados a festejarem os santos católicos. Eu mesma fui pesquisar a vida de São Cosme. Eles eram médicos, mas foram queimados como bruxos. Os negros, como eram obrigados a seguirem o catolicismo, tinham que procurar mecanismos para que a sua cultura não morresse. Então, eles/elas associavam os orixás com a vida de santos católicos para preservarem suas raízes e cultura. Agora, para mim, esse processo de sincretismo prejudicou as religiões de matrizes africanas, porque sempre o catolicismo se sobrepõe, por ser de origem europeia.

Essa visão do processo de hibridização religiosa, que a professora Edna relata, se assemelha ao que o Babalorixá Sidnei Nogueira (2020) propõe, quando ele traz que os rituais das religiões de matizes africanas e indígenas são subjugados e há uma intensificação do racismo religioso com a manutenção do hibridismo/sincretismo religioso.

Esse mesmo autor ainda nos informa que:

¹⁰⁹ No Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, essa iguaria ancestral é uma referência aos Nkisis Vungi, os Nkisis crianças. Normalmente é oferecido em 27 de setembro, que é o quiabo cortado temperado com camarão seco, cebola e azeite de dendê. Acompanhado de feijão-fradinho, arroz, farofa de dendê, ovos cozidos, xinxim de galinha, banana-da-terra frita, rapadura, cana-de-açúcar e pipoca.

É importante destacar que a tríade lei-rei-fé especialmente se referia à lei de Portugal, ao rei de Portugal e à fé-religião católica apostólica romana. Desde então, o que vemos é o apagamento e o silenciamento das crenças originárias e, mais adiante, das crenças de origem africana, ou seja, crenças não eurocêntricas. (NOGUEIRA,2020, p. 37)

O relato de Dona Edna me surpreendeu, porque eu não esperava que uma pessoa católica pudesse fazer uma leitura crítica como essa sobre a sua própria religião e reconhecer a dominação do catolicismo através do sincretismo religioso, gerado pelo processo de colonização que o Brasil sofreu pelos portugueses.

Vale refletir sobre a ideia do autor quando ele fala de apagamento das crenças e cultura afro-brasileira e indígena, na realidade, há uma tentativa de silenciamento das manifestações dessas culturas e não um apagamento, pois os afro-brasileiros e indígenas sempre promoveram estratégias e mecanismos para que suas culturas permanecessem vivas e presentes em nossa sociedade.

Porém, eu não fui o único a me surpreender. A aliada Alfazema, por ser católica, informou que sempre teve a visão de que Santa Bárbara era a orixá Iansã e desconhecia esse sistema de dominação imposta pelos europeus. Ela afirmou que, a partir daquele momento, saía com outra visão sobre o processo histórico do catolicismo.

A professora Edna agradeceu a aliada Alfazema e sugeriu que ela participasse mais de momentos como esse de aprendizagem. Dona Edna informou que também tinha a mente fechada, quando era mais nova, mas, com o tempo, pesquisando e compartilhando conhecimentos, foi desconstruindo várias visões deturpadas que ela tinha.

O aliado São Gonçalinho, aproveitou o relato de Dona Edna e fez a seguinte pergunta para ela: "*Qual a opinião da senhora sobre os banhos de folhas?*". Dona Edna respondeu:

Alguns padres condenam, alguns fiéis condenam, porém, quem tem o conhecimento cultural não liga para isso. Eu sei que as plantas curam e não posso deixar de lado o que aprendi [...]. O que acontece é que o preconceito vai sendo enfiado "goela abaixo" e as pessoas vão engolindo sem perguntar e sem questionar. O questionamento é importante para não cairmos em armadilhas do preconceito. Aqui, nesse quintal, tem muitas plantas e folhas que as benzedadeiras podem utilizar.

Desse modo, sugeri que os/as aliados/as relatassem, de forma oral e escrita, sobre sua experiência durante a visita ao quintal de professora Edna e, depois, o aliado São Gonçalinho propôs que a mestra Edna fizesse o encerramento das atividades. Dona Edinha, como é

carinhosamente conhecida, aceitou a proposta, solicitou que todos dessem as mãos e, depois, sabiamente, encerrou a nossa atividade transmitindo a seguinte mensagem:

Nada nesse mundo é melhor do que aprender, do que ensinar, é isso que nos faz viver melhor. Vamos para a escola para quê? Para viver melhor. Eu peço para vocês fecharem os olhos um pouquinho. Eu dou a minha mão e vocês colocam a mão em cima e assim sucessivamente, para que a gente possa desejar ao outro tudo de bom. Um é dado e o outro é tomado. Então, vamos agradecer a Deus e a todos os ancestrais. Todo mundo tem um Deus que você crê, agradeço a ele por essa tarde, por estarmos aqui, independente de qualquer coisa que você tenha de indiferença comigo ou com qualquer outro. Eu quero te louvar, Senhor, agradecer e te bem-dizer a esses amigos e amigas que aqui estão. Que eles possam crescer no conhecimento e na paz. Que viver é respeitar. Então, que nós possamos respeitar o outro do jeito que ele é. Amar o outro do jeito que ele é. Quero te pedir que vá no coração de cada um deles e uma delas e lhe dê a paz, saúde e tranquilidade. Amém e Axé.

Depois do relato de dona Edna, os/as aliados/as deram um lírio-branco para agradecer a ela pela acolhida e pelas trocas de conhecimentos que ela nos proporcionou.

Um dos frutos desse momento foi que o aliado São Gonçalinho desconstruiu a ideia de que todas as pessoas de religiões judaico-cristãs subjugavam e discriminam as práticas ritualísticas das religiões de matizes africanas, pois Dona Edna, em seu discurso, seguiu em defesa ao direito de liberdade de culto dessas religiões, mesmo ela sendo Católica.

Essa vivência com Dona Edna possibilitou que os/as aliados/as compartilhassem e construíssem conhecimentos fora dos muros do CELVF, com uma Mestre da Cultura Popular. Para todos/as os/as aliados/as essa foi a primeira atividade de campo que eles/as participaram. Nos relatos, eles/as destacaram a satisfação em ter participado desse Momento e a importância do posicionamento de Dona Edna, ao conectar os seus conhecimentos sobre as práticas ritualísticas utilizando às folhas, presentes em seu quintal ancestral, à cultura afro-brasileira e indígena. Os/as aliados e eu percebemos que os quintais ancestrais vão além de um local para diversão e alimentação, é também um espaço de afeto e cura. Essa atividade campo me incentivou a planejar e desenvolver outros Momentos Ancestrais.

3.4 Quarto Momento Ancestral: Mestre Benzedeira Anair

No desenvolvimento do Terceiro Momento surgiu a demanda de compartilharmos conhecimentos com as/os mestres/mestras ancestrais chamados de Benzedeiras/Benedores, pois os/as aliados/as trouxeram curiosidades e vivências, através do diálogo com a mestra Edna, sobre a relação dos seus avôs e avós benzedoras/benedores e como eles/as utilizavam as folhas do quintal de casa para os rituais de chás, banhos e benzeduras.

Como foi o caso do aliado Espada de Ogum, que relatou que seu avô coletava um ramo da folha de vassourinha, no quintal de casa, para benzê-lo de mau-olhado. Os relatos desse aliado, sobre as práticas de benzeduras, apareceram no primeiro, segundo e terceiro Momento Ancestral.

Outros/as aliados, a exemplo de São Gonçalinho, que, ainda nunca tenha participado, ele próprio, desse ritual, já ouviu relatos em sua família sobre as práticas de benzeduras praticados pelos seus antepassados. Ele, porém, já tomou banho da planta quioiô, do quintal de sua avó, para curar uma febre.

A partir dessa demanda, me reuni com os/as aliados/as, no contraturno, para dialogarmos sobre as nossas curiosidades e experiências com as benzedeadas. Nesse momento sugeri que participássemos de uma vivência com uma benzedead que eu conheço, desde pequeno, que me benzia, me dava chás, me passava banhos, quando eu estava sofrendo de algum mau. Essa Benzedead é a mestra Anair. Ela é filha de santo do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, mesmo espaço ancestral no qual fui iniciado. Os/as oito aliados/as demonstraram interesse e aceitaram participar do encontro.

Esse quarto encontro, sugeri que fosse em um local fora da unidade escolar, pois não tínhamos salas de aula disponíveis e nem uma área externa coberta para realizarmos a vivência com a benzedead. Então, o aliado Aroeira sugeriu no auditório da biblioteca Municipal de Candeias, pois, segundo ele, o local era amplo, arejado e ficava há dois passos de nosso Colégio. Além disso, poderíamos colocar as cadeiras organizadas em semicírculos. Dessa forma, todos/as os/as aliados/as concordaram com ele.

No dia 09 de novembro de 2023, às 10:00h, numa quinta-feira, a benzedead Anair e eu chegamos ao auditório da biblioteca e começamos a organizar o local, conforme a vontade dela. Colocamos as cadeiras em semicírculo, para que todos/as pudessem compartilhar suas experiências, uma bacia com água em cima da mesa, para o preparo do banho de folhas, e os vários tipos de folhas no centro do espaço.

À tarde, às 14:00h, os/as aliados/as começaram a chegar, foram recepcionados pela benzedead Anair e convidados/as para se sentar nas cadeiras, como se pode observar na imagem abaixo. Vale destacar que, além dos/as oito aliados/as, que fazem parte ativamente do projeto, tivemos a participação de mais sete estudantes, que foram partilhar conhecimentos com a benzedead. Segue a imagem da roda de conversa.

Figura 24 – Roda de Conversa com a Benzedeira



Foto: Kauã Matheus, 2023.

Depois que todos/as estavam acomodados/as, a benzedeira Anair se apresentou:

Meu nome é Anair. Nasci em Salvador, depois fui para a cidade de Santo Amaro e depois para Santo Antônio de Jesus, todas as cidades localizadas na Bahia. Em Santo Antônio vivi com o meu avô e ele era rezador. Ele, logo cedo, levantava, fazia as orações, colhia as ervas, para rezar as pessoas. Ele rezava durante o dia e a noite descansava. Muita gente ia se rezar, rico e pobre. Ele não discriminava ninguém, todos eram iguais, para ele, tanto pobre quanto rico. Meu avô viajava muito, até para os milagres daqui de Candeias ele veio e aprendeu muitas rezas na igreja. E assim ele foi expandindo e levando a cultura do benzimento. Aí teve um dia que ele me falou, minha neta, você vai ser benzedeira. Você tem o dom. Eu ia para a Igreja Católica de dia, mas à noite eu ia para o Terreiro de candomblé. Adoro o candomblé. Eu via o meu avô rezando e achava aquilo bonito, fui tendo ele como inspiração. Eu tenho orgulho de ser do candomblé e foi nessa religião que desenvolvi mais ainda o meu dom de benzer.¹¹⁰

Nessa apresentação da benzedeira, ela diz que as rezas que ela aprendeu do seu avô tem origem na Igreja Católica. Segundo Celina Cunha (2018, p.22):

É no catolicismo oficial que se originam as rezas que também são usadas no catolicismo popular, as quais surgiram da necessidade de sanar males através da força que carregam as palavras sagradas capazes de levar a cura. Vale salientar que as benzeções não devem ser consideradas apenas como uma derivação estrita do catolicismo, uma vez que elas dialogam com várias outras

¹¹⁰ Esse relato da Benzedeira Anair foi por meio da gravação de áudio na roda de conversa, no dia 09 de novembro de 2024. Todos os relatos depois desse de Dona Anair, Nesse Quarto Momento, foram registrados por gravação de áudio e nessa mesma data 09/11/2023.

vertentes culturais, tais como as práticas indígenas e afrodescendentes, sendo elas uma prática imersa no hibridismo religioso.

Após se apresentar e contar um pouco de sua história, a mestra Anair perguntou o que nós entendíamos por espinhela caída? Falamos que não sabíamos do que se tratava. Então, ela, com toda a sabedoria, relatou:

Quando eu entrei no Candomblé, meu Pai de Santo, Pai Bené, sempre me incentivou a rezar, aí eu comecei a rezar espinhela caída. Se vocês soubessem a dor que é? É uma dor que dá nas costas e se a pessoa não cuidar pode perfurar até o pulmão. A espinhela é um nervo que inflama.

As práticas ritualísticas dessa benzedeira se alinham a ótica da autora Celina Cunha (2018), quando, ao explicar e demonstrar ao aliado Camomila como acontece o ritual de benzedura para a cura da espinhela caída, ela, ao mesmo tempo que reza o pai nosso e três ave-marias, orações católicas, saúda também o Nkisi Kavungo (divindade de origem bantu que tem o dom da cura), conforme percebe-se na descrição dela para o ritual:

Eu rezo três pais nossos e duas ave-marias e depois pego um pano e a pessoa fica atracada, apertada com o pano, 24 horas. Depois desse tempo coloca salompas¹¹¹, pois não podemos desprezar a medicina do homem, que é a do médico. Nesse tempo, não pode pegar peso, não pode abrir portas, não pode fazer esforço nenhum para cicatrizar mais rápido. Depois saúdo Tateto Kavungo para curar a enfermidade das pessoas que estou benzendo.

Depois que a benzedeira Anair demonstrou o ritual de benzimento para o tratamento da espinhela caída, ela agradeceu ao aliado e se encaminhou até o centro do semicírculo e apresentou o nome popular das folhas que estavam no chão e suas funcionalidades, para cada tipo de ritual de benzedura¹¹².

¹¹¹ É um adesivo que age como um analgésico, anti-inflamatório. Ele age sobre a região afetada, trazendo alívio da dor e do inchaço. As instruções, em sua bula, não podem usar se o local estiver com ferido.

¹¹² Anexo D: Tipos de rituais de benzeduras desenvolvidos pela mestra e benzedeira Anair. Diário de bordo dos/as aliados.

Figura 25 – Demonstração das folhas para banhos e benzeduras



Foto: Kauã Matheus, 2023.

Os/as aliados podiam sentir o aroma de cada folha que estava exposta e, também, tirar suas dúvidas sobre o uso de cada uma delas. Foi nesse momento que surgiu o diálogo a seguir:¹¹³

(B) vocês conhecem essa folha, guiné?

(A.1) Sim, ela tira o mau-olhado. Não é isso, dona Anair?

(P) Lá no Terreiro, a gente usa para tirar as influências negativas, como o mau-olhado.

(B) Vocês dois estão certos, eu também uso para isso. Eu uso para benzer de mau-olhado. Eu também uso essa planta para fazer banho.

(A.3) Quando se faz a preparação do banho, existe algum ritual para pegar as folhas?

(B) Sim. Para pegar alguma folha tem que respeitar o horário. O que eu faço, pela manhã. Eu peço licença ao Nkisi Katendê, o guardião das folhas. Primeiro, quando acordo tomo o meu banho, porque a gente não sabe o que aconteceu quando estávamos dormindo. Eu saúdo Katendê com a palavra em Yorubá "Ewê, ewê", aí, eu pego as folhas. Têm banhos que eu macero e outros eu cozinho.

(A.2) Minha avó sempre fez chás e banho, também, de folhas. A última vez que eu tomei um banho de folhas foi porque meu corpo estava todo encaroçado e coçando, era aquela doença...

¹¹³ Benzedeira (B), Aliados 1 (A1), Aliado 2 (A2), Aliado 3 (A3) Aliado 4 (A.4), Aliado 5 (A5).

(B) *Escabiose*¹¹⁴?

(A.2) *Sim. Aí ela me deu um banho de mastruz, aí resolveu. Passei o dia mais tranquilo. Aí no dia da consulta médica já tinha me curado. Eu me senti muito melhor tomando o banho. Os médicos me ajudaram, mas os banhos fizeram mais efeito do que os medicamentos. O que eu queria saber é, se a senhora prescreve banhos também?*

(B) *Prescrevo, sim. Primeiro, eu benzo a pessoa e, depois, vejo se ela precisa ou não de banho. Se ela precisar, eu prescrevo o banho que vai servir para ela.*

(A.5) *Como as pessoas se sentem após o banho?*

(B) *Leve, muitos se sentem leves. Vou dá um exemplo, quando você está pesado e com muita fraqueza no corpo, eu rezo, bato umas folhas e logo você vai se sentir bem. Não sei se vocês já ouviram alguém dizer que o maior feitiço é o olho.*

Logo após o diálogo acima, o aliado Espada de Ogum pediu para que a benzedeira Anair demonstrasse como se rezava a pessoa se tivesse olhado. Então, seis dos/as aliados/as queriam participar do ritual de benzedura. A benzedeira começou a benzer o aliado São Gonçalinho, com os galhos de folhas de aroeira, são gonçalinho e tira-teima. Ao mesmo tempo que a mestra Anair passava as folhas em São Gonçalinho, ela também sentiu que ele precisava de um banho de folhas de aroeira, guiné e arruda. Algumas pessoas, conforme a mestra Anair, não precisam de banhos, só das rezas.

Esses conhecimentos, de acordo com essa benzedeira, foram transmitidos de forma tradicional, através da oralidade, pelo seu avô. Nesse sentido é que Celina Cunha (2018, p.32) afirma que,

através da oralidade, as palavras proferidas (mesmo que não vocalizadas) pelas benzedeiros no ato das benzeções, são carregadas de sentidos sagrados que as tornam capazes de curar, devolver o equilíbrio e estabelecer a ordem. Assim, a palavra proferida por elas indica, sobretudo, uma ação, uma poderosa ação de cura e de mudança de ordem, capaz de restabelecer o equilíbrio.

Antes do término desse Quarto Momento Ancestral tivemos a oportunidade de ouvir o relato de Capim-Santo sobre a desconstrução da sua visão em relação às práticas de benzeduras. Ela pediu desculpas à mestra Anair: *"Eu lhe peço desculpas, dona Anair. Achava que essas*

¹¹⁴ A sarna humana ou escabiose, é uma lesão da pele que leva à coceira muito forte do local atingido. O ácaro parasita *Sarcoptes Scabiei*, variedade *hominis*.

*coisas eram tudo do mal, pois eu só escutava da boca de outras pessoas. Porém, depois que participei desse momento eu vi que não é nada disso. Eu vi que só tem coisas boas e que cura.*¹¹⁵

Essa vivência com a benzedeira Anair e os rituais de benzimento que ela praticou no aliado São Gonçalinho fez com que Capim-Santo derrubasse as kizilas do estigma e do racismo religioso que deturparam, por muito tempo, o seu modo de pensar e agir sobre a cultura dessas mestras da cultura popular.

O contato direto com a Benzedeira, para troca de conhecimentos, promoveu a descolonização do pensamento e mudança de atitude dessa e de outros/as aliados, assim como, o meu, em relação à demonização desses rituais. Esses/as aliados também informaram que iriam repassar os conhecimentos construídos, nas vivências, para os/as seus/suas responsáveis e para outras pessoas da sua comunidade.

Com a força da oralidade, agradei a mestra benzedeira Anair, em nome de todos/as os/as aliados/as, associando a história de vida dela com a da orixá Oxum/Ndandalunda. Oxum é o nome de uma divindade africana no Candomblé e de um rio na Nigéria. Essa Orixá representa a transgressão. Ela foi a primeira mulher a sentar-se na mesa com os homens, para reivindicar participação das mulheres em reuniões e processos decisórios.

É a história dessa divindade que eu trago, associando com a vida da benzedeira Anair. Uma mulher guerreira, que sofreu preconceitos, estigmas, discriminações e que luta, até hoje, para romper essas barreiras, ou seja, essas Kizilas. Por isso, presentamos a mestra Anair com um perfume de alfazema, a fragrância preferida de minha mãe Oxum, que traz amor, paz e prosperidade.

Essa ação com a Benzedeira promoveu o diálogo entre os conhecimentos da medicina científica, dos saberes ritualísticos da medicina popular, do conhecimento de mundo dos aliados/as e dos rituais de banhos de folhas do candomblé. Aqui, houve a inclusão dos diversos tipos de conhecimentos, nenhum foi subestimado e nem subalternizado.

Vale destacar que vivências como essa continuarão acontecendo no CELVF, pois sugeri nas reuniões com a Gestão, coordenação e professores/as, planejaram plano de ação para promovermos vivências, durante todo ano, com mestres e mestras da cultura popular, principalmente os que praticam rituais com folhas sacrais e medicinais, a exemplo das benzedeadas.

¹¹⁵ Relato escrito retirado do diário de bordo de Capim-Santo.2024.

3.5 Quinto Momento Ancestral: Feira de São Joaquim

Durante o desenvolvimento do Quarto Momento Ancestral, o aliado Camomila, dialogando com a mestra benzedeira Anair, perguntou onde ela encontrava as folhas que usa para rituais de banhos e benzeduras. A mestra explicou que quando não achava em seu quintal e nos quintais de pessoas que ela conhece, comprava nas feiras livres, principalmente, a de São Joaquim, em Salvador-BA.

Dessa forma, surgiu a demanda de conhecermos essa feira, para compartilharmos conhecimentos com os erveiros e as erveiras. A curiosidade de conversar com essas pessoas e comprar as folhas, para produzir o próprio banho, aumentou a expectativa dos/as aliados/as para conhecer esse referido espaço ancestral.

Dia 05 de dezembro 2023, me encontrei com os/as aliados/as para planejarmos a atividade de campo na Feira de São Joaquim, o quinto Encontro Ancestral. Os/as aliados/as assistiram a um documentário, intitulado *Arquitetura: Feira de São Joaquim*¹¹⁶, que trata do contexto socio-histórico-cultural dessa feira, desde a sua construção.

Nessa atividade, relatei, também, a importância dos/as erveiros para a manutenção dos rituais de benzimento, devido os processos de urbanização e desmatamento, que diminuem os quintais e a mata atlântica existente na região metropolitana de Salvador.

Vale destacar que um dia antes desse encontro, em 04 de dezembro de 2023, voltei à Feira de São Joaquim, para conhecer os erveiros e erveiras do local. Conversei com cada um/a deles/as, pedindo permissão a eles/elas para desenvolver a minha pesquisa de mestrado e perguntei se eles/as compartilhariam conhecimentos com os/as aliados/as.

Dos seis erveiros/as que conversei, dois aceitaram desenvolver à atividade. Os/as aliados/as elaboraram perguntas¹¹⁷ para os/as erveiros/as, com suas curiosidades e inquietações, assim como ocorreu nas vivências com Dona Edna e com a benzedeira Anair. Os/as quatro erveiros/as, que não quiseram participar da pesquisa, alegaram que o/a pesquisador/a só quer colher informações e não volta para agradecer e nem mostrar o resultado da pesquisa.

Nesse dia 04 de dezembro, a feira estava muito movimentada, pois era dia de Santa Bárbara, que, no sincretismo religioso, é Iansã, para os iorubás, ou Bamburucema, para os

¹¹⁶ Documentário *Arquitetura: Feira de São Joaquim*. Youtube, 2016. Disponível em:><https://www.youtube.com/watch?v=fEp6p5zRKm0&t=1228s>>. Acesso em 03 de dezembro de 2013.

¹¹⁷ As perguntas para os erveiros elaboradas pelos/as aliados/as estão presentes no anexo A, sequências de vence-demandas.

Bantus. As barracas que vendiam quiabo, cebola e camarão estavam cheias de fiéis e adeptos do Candomblé, para comprar esses ingredientes para o caruru de Santa Bárbara/Iansã. Por esse motivo, consegui conversar somente com seis erveiros/as.

No dia 06 de dezembro de 2023, os/as aliados, uma funcionária e eu, chegamos na Feira de São Joaquim, por volta das 14:00h, e fomos para a barraca do Erveiro M.A. Nos apresentamos e informei a ele que poderia ficar à vontade para trocar experiências com a gente. Logo após, o senhor M.A. se apresentou: *"Meu nome é M.A. Trabalho há quarenta anos, aqui, na feira. Vivo disso aqui, graças a Deus e aos orixás. Antigamente, além de folhas, vendia temperos. Hoje, só vendo folhas"*.

Segue a imagem de senhor M.A compartilhando conhecimentos sobre as ervas que ele comercializa.

Figura 26 – Senhor M.A. com os/as participantes da pesquisa



Foto: Kauã Matheus, 2023.

Enquanto senhor M.A. estava se apresentando, várias pessoas estavam passando no local e pedindo orientações a ele sobre as folhas, tanto para chás, quanto para banhos e defumações. Os/as aliados e eu não conseguíamos ficar parados/as, ficávamos atrás do senhor para que ele nos desse as informações que estávamos procurando.

Logo após ele se apresentar, os/as aliados/as, curiosos/as, começaram a levantar às mãos para poderem perguntar sobre as ervas comercializadas. A partir desse momento, surgiram perguntas elaboradas pelos aliados/as e as seguintes respostas do senhor M.A.

(A.1) Como o senhor começou a trabalhar aqui?

(M) Comecei a trabalhar aqui quando eu tinha 16 anos, vendendo verdura. Daqui desenvolvia minha família, aí eu fui vendendo e vendendo. Eu aprendi com alguém. Todo mundo aprende com alguém.

(A.2) Senhor M.A., qual o tipo de banho que o senhor mais vende folha?

(M) Tem o banho cheiroso de amassi com todas as folhas cheirosas e tem que ser macerado, ou seja, ralar as folhas na água com a mão. Para o final de ano mesmo, é bom demais.

(A.3) Onde o senhor aprendeu a prescrever os banhos?

(M) Aprendi com minha mãe, ela era Mãe de Santo. Minha mãe entendia de folhas. Eu vinha para a feira e via as pessoas vendendo. Aqui mesmo, tem folhas de descarrego como abre-caminho, vence-tudo, quebra-feitiço, desata nó. Tenho variedades, mas as pessoas procuram mais vence-demanda, capianga e murici.

(A5) Senhor M.A., quem são as pessoas que mais procuram essas folhas aqui?

(M) Eu vendo mais para Pai e Mãe de Santo. Eles/as falam assim: "Vá lá na mão de M.A. e pegue as folhas de amaci".

(A.6) Senhor M.A., e sobre o banho de descarrego, quais as folhas que o senhor tem?

(M) Tenho a tira-teima, vence-tudo, quebra-feitiço, abre caminho. O banho de descarrego é para combater o mau-olhado.

(A.4) O senhor costuma tomar banho de folhas?

(M) Tem época aqui que a coisa tá meio devagar e tomo um banho de descarrego, depois um banho de chama para ver se anima.

(P) O senhor indica banhos?

(M) Eu sempre indico. Muitas vezes, a pessoa chega aqui e tá mal-humorado, falado, "poxa, estou desempregado e quero arranjar um emprego". Aí vem aquela coisa assim na minha mente, acho que é a intuição mesmo e aí eu falo, toma o banho dessas folhas aqui e dá certo.

(A.3) E qual o ritual para o preparo desses banhos e como ele é utilizado?

(M) Os banhos para descarrego são cozidos. E as pessoas tomam do pescoço para baixo, pois não estão preparadas para tomar banho da cabeça aos pés. Normalmente,

os banhos têm que ter o resguardo, no máximo três dias, não pode ingerir bebida alcoólica, não pode namorar, não pode ir ao cemitério e nem comer pimenta. Os banhos de descarrego são muito quentes e não podem jogar na cabeça. Lembre que os macerados é o de cheiro.

Vale destacar que o erveiro M.A. foi muito atencioso com os/as aliados e comigo, informando-nos que aprendeu com a sua mãe, através da oralidade, a cuidar das ervas para os rituais de chás, banhos e sacudimentos. O senhor M.A. nos relatou, ainda, que, além de sua mãe, aprendeu muito convivendo com outros barraqueiros e com os fregueses, pessoas que compram as ervas.

Por esses motivos, considero a Feira de São Joaquim um lugar pedagógico ancestral, pois nos possibilita construir conhecimento, a partir do contato direto com os mestres e mestras da cultura popular, que aprenderam com outras pessoas do seu ciclo de convivência, utilizando a oralidade. Nesse espaço ancestral, quem ensina aprende e quem aprende também ensina.

Nesse sentido é que Gustavo Ferreira (2022, p.67) nos informa que,

[...] na Feira de São Joaquim ocorrem processos de educação relevantes tendo em vista que as bancas de folhas da feira são locais onde as pessoas aprendem e ensinam, de forma dialógica, numa práxis dos afazeres cotidianos, tais como: alimentar, trabalhar e cuidar. Aprender e ensinar aqui se remete não somente à possibilidade de receber ou fornecer informações acerca da melhor forma de produzir um alimento ou um remédio, mas também como essas informações formam e transformam a consciência das pessoas.

Depois do diálogo com o senhor M.A., fomos para outra barraca de ervas para compartilhar conhecimentos com o senhor A.G., que também nos recebeu muito bem. Ele reforçou a ideia de Gustavo Ferreira (2022), trazendo o lado pedagógico da Feira de São Joaquim, logo no momento que se apresentou:

Me chamo A.G., moro no subúrbio de Salvador e os conhecimentos sobre folhas foram passados por meu pai, minha mãe, meus tios, aqui na Feira de São Joaquim. A cada dia, eu ia aprendendo aos poucos, tanto eu colhia essas folhas no mato, quanto eu separava elas e amarrava para a venda. Olhe que eu tinha 09 para 10 anos. Eu só tive a aprender. Eu sei os tipos de ervas para banhos, para chás, principalmente para o ritual de sacudimento dentro do candomblé. Eu já estou passando esses conhecimentos para os meus filhos. A gente tem que aprender e também ensinar.¹¹⁸

¹¹⁸O registro do relato do Erveiro A.G. foi por meio da gravação na Feira de São Joaquim, no dia 09 de novembro de 2024. Todos os relatos depois desse de senhor A.G., foram registrados por gravação de áudio e nessa mesma data 05/12/2024.

Enquanto o senhor A.G. estava se apresentando e nos dando as boas-vindas, várias pessoas circulavam pela barraca, interrompendo-o para comprar ervas e pedir orientações para chás e banhos. Esperamos cerca de 10 minutos e voltamos a dialogar com o senhor A.G.

Então, o aliado São Gonçalinho fez a seguinte pergunta: “*Quais folhas o senhor mais vende aqui?*” Nesse momento, o mestre foi pegando as folhas e apresentando a sua funcionalidade:

Tem as ervas para chás utilizadas para combater vários sintomas. A capeba é usada para a gordura no fígado. Canela-de-velho para o estômago e a folha Tapete de oxalá. E para banhos, eu tenho um kit aqui, para descarrego, umas três, quatro ou sete folhas. Vence-tudo, abre-caminho, vence-batalha, desata nó, rompi-gibão, aroeira e canela-de-velho. Esse banho é cozido, mas tem o amassi que é macerado, esse é o banho cheiroso para prosperidade e as folhas são: manjeriço, água de alevante, macaça, patchuli e alfazema.

Aproveitando que o mestre A.G. relatou que indicava folhas e prescrevia banhos, o aliado São Gonçalinho contou a experiência que teve com a benzedeira Anair: “*A gente teve uma experiência com a benzedeira Anair e ela rezou a gente e indicou alguns banhos. Ela me informou que eu podia comprar aqui. O meu tem folhas de manjeriço, arruda e canela em pau. O senhor tem essas folhas?*”.

O mestre A.G. deu as folhas a São Gonçalinho, fez um abatimento no preço e explicou o ritual do banho: “*Meu filho, esse banho é macerado, toma do pescoço para baixo e você tem que ficar três dias sem passar na encruzilhada, não pode ingerir bebida alcoólica e não pode namorar, viu?!*”.

Depois que São Gonçalinho comprou as folhas para o seu banho de descarrego, todos/as os/as outros/as aliados/as também pediram a orientação do erveiro para comprar os tipos de folhas prescritas pela benzedeira Anair. Segue a imagem do Mestre A.G. com os/as aliados na roda de conversa.

Figura 27 – Roda de conversa com o Senhor A.G.



Foto: Kauã Mateus, 2023.

Nesse momento da imagem mestre A.G. nos afirmou que as folhas que ele comercializa fazem efeito nos banhos, defumações e chás, pois na hora que os fornecedores trazem as ervas, ele saúda Tateto Katendê, o Nkisi guardião das folhas, para energizá-las, mesmo as folhas não estando nos quintais ancestrais. Segundo esse mestre, é muito difícil, hoje em dia, encontrar local de mata ou um quintal para plantar e colher, sendo mais vantajoso comprar na feira, com mais variedades e sem perder a força e o encantamento.

Essa visão do mestre A.G. dialoga com as ideias de Diego de Oxossi (2017, p. 55), quando este último afirma que

há também de se considerar a dificuldade dos dias atuais em encontrarmos espaços de mata para plantio e colheita de ervas, ao passo que muitas delas podem ser facilmente adquiridas em feiras livres pela cidade ou em erveiros especializados, o que em nada invalida o poder realizador - axé - das folhas.

Por tanto, mesmo sendo as mesmas ervas e o mesmo tipo de banho, os rituais para colher as folhas, fazer e tomar os banhos são diferentes, tanto para a benzedeira Anair, quanto para os mestres A.G. e M.A. Para encontrarmos essa diversidade de folhas e para prepararmos uma diversidade de banhos é preciso ter variedades de folhas sagradas comercializadas em feiras livres por mestres que conhecem o poder de cada folha que está presente em sua barraca.

Essa Vivência com erveiros/as possibilitou, aos/as aliados/as e a mim, refletirmos sobre a degradação da mata atlântica e como isso impacta na manutenção dos rituais de benzimento e das religiões de matizes africanas que precisam dos recursos naturais desse bioma para a sua existência. Compreendemos que a comercialização dessas ervas é uma forma de resistir a degradação ambiental e até o racismo religioso, pois mantém viva a luta pela continuação dos rituais nos espaços ancestrais, aumentando a resistência à tentativa incessante das Kizilas de silenciar a força cultural dos rituais afro-religiosas em diversos espaços da nossa sociedade, incluindo a escola.

3.6 Sexto Momento Ancestral: vivência no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi

No Sexto Momento Ancestral, analisei as demandas que foram surgindo desde o desenvolvimento do Primeiro Momento, para que os/as aliados e eu pudéssemos conhecer e partilhar conhecimentos sobre o uso das folhas sacrais e medicinais em um Terreiro de Candomblé.

No primeiro Momento Ancestral, uma aliada relatou que o seu avô tinha uma casa de ervas na feira livre e sofria racismo religioso por ser do Candomblé. Aproveitando a oportunidade, relatei que também sofri e sofro racismo religioso, além de falar sobre a minha experiência com os banhos de folhas no candomblé, no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi.

Já no segundo Momento, li uma parte da minha autobiografia para os/as aliados/as e contei a minha vivência no candomblé. A mestra Edinha, no Terceiro Momento, relatou que era católica, porém sua irmã entendia mais de banhos de folhas, por ser adepta ao candomblé. A benzedeira Anair, no Quarto Momento, relatou ser uma pessoa iniciada no candomblé e como a influenciou em ser benzedeira. No quinto encontro, o erveiro M.A. informou que os adeptos do candomblé são as pessoas que mais utilizam as suas ervas e que aprendeu sobre as propriedades das ervas convivendo com a sua mãe candomblecista.

Nesse contexto, essas experiências fizeram com que os/as aliados/as pesquisassem, dialogassem e refletissem sobre essa religião de matiz africana, o candomblé, aumentando a curiosidade e a vontade de conhecer sobre os processos ritualísticos dessa religião. O aliado Espada de Ogum, aproveitou a oportunidade e relatou o seu desejo de visitar um terreiro de Candomblé, conhecer e participar de rituais, principalmente de banhos de folhas.

Após analisar e refletir sobre as demandas já mencionadas, no dia 13 de dezembro de 2023, me reuni com os/as aliados/as, na biblioteca do CELVF, para sugerir uma visita ao Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, local ancestral onde exerço um cargo de Tata Xikarangoma e presencio os rituais de banhos de folhas.

Em uma roda de conversa, falei sobre a dinâmica desse espaço ancestral e sua história. Depois, relatei a história de Pai Bené e onde foi fundado o seu primeiro Terreiro, no bairro da Areia. Mostrei aos/as aliados/uma imagem, de satélite, do bairro chamado Areia, na cidade de Candeias-Ba.

O aliado Espada de Ogum questionou se o Terreiro ainda existe em Candeias. Respondi que não, pois, depois de algum tempo, nos anos 1970, Pai Bené veio com Mãe Maria e a sua filha para a cidade de São Sebastião do Passé-Ba, onde inaugurou nos anos 1990, onde funciona até os dias atuais, o Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi.

Expliquei que nessa cidade nasceram Mãe Nany, meus irmãos, Fábio e Marcio, e eu. E que fomos criados no Terreiro, compartilhando diversos conhecimentos. Aprendemos a viver em coletividade e que cada um/a desenvolve uma função no Terreiro.

Após dialogarmos sobre a dinâmica e a história do Terreiro, sugerimos dar uma lembrança a Mãe Nany, a sacerdotisa, herdeira espiritual de Pai Bené, líder religiosa e

responsável por coordenar o Terreiro. Além disso, um desses/as aliados/as iria ler uma mensagem de sua autoria, para ela. A aliada Alfazema propôs que todos/as deveriam ficar atentos e anotar tudo o que as pessoas do terreiro falassem, porque é tudo novo para os/as aliados/as.

Ainda nesse diálogo, essa aliada disse que quase não participaria da visita ao Terreiro. Fiquei preocupado, porque ela não faltava em nenhuma atividade e perguntei o motivo. Então, ela relatou:

A minha professora de catequese quando soube que iria visitar o Terreiro me disse que eu não preciso conhecer outras culturas de outras religiões. Falou que eu sabia que a minha religião era a católica e eu não precisava ter ou conhecer outras. Naquele momento, fiquei sem entender e não concordei com ela. Depois minha tia, que cuida de mim, deixou eu visitar o Terreiro [...] Foi através desse impedimento, que a minha professora de catequese tentou fazer, que eu entendi o que o candomblé e as pessoas dessa religião sofrem. Todos nós nascemos para sermos livres e escolher a religião que nos faz bem.¹¹⁹

Analisando o relato de Alfazema, pude perceber que ela reconheceu que a sua professora de catequese estava praticando racismo religioso contra às religiões de matizes africanas, por tentar impedir a sua visita e o direito de construir e partilhar conhecimentos no espaço do Terreiro. Esses lugares que, muitas vezes, são subjugados e subalternizados por adeptos, principalmente de religiões judaico-cristãs, por ter como protagonista a cultura afro-brasileira e indígena. O mais interessante é que Alfazema tomou a decisão de lutar e resistir ao discurso racista da sua professora e conseguiu participar da vivência no Terreiro e se identificar com as culturas desse espaço ancestral.

Depois do relato da aliada Alfazema, o aliado São Gonçálinho falou sobre a dinâmica do trabalho coletivo e cooperativo no espaço de Terreiro:

Eu vi numa página de uma rede social, não me recordo o nome, que no espaço de Terreiro cada pessoa é responsável por uma tarefa, porém um ajuda o outro na coletividade. Fiquei impressionado que não existem mendigos no espaço de Terreiro, porque o candomblé acolhe, dá abrigo, dá comida e bebida. Então, me fez pensar: será que esse lugar é o que as pessoas falam mal mesmo? Com certeza, não. Por isso, que vou conhecer mais de perto esse Terreiro que professor Diego sugeriu.¹²⁰

¹¹⁹ O registro do relato de alfazema foi por meio da gravação de áudio na roda de conversa, no dia 13 de dezembro de 2023.

¹²⁰ O relato de são Gonçálinho foi registrado por meio de gravação de áudio, no dia 13 de dezembro de 2023.

O aliado Espada de Ogum pediu a palavra e relatou sobre a visão deturpada que foi construída em sua mente sobre os rituais do candomblé:

Eu, depois de grande também, mais experiente, percebi que era mentira e preconceito uma história que eu sempre ouvia direto, que me fazia sentir medo de andar na rua. E ouvia dizer que as entidades São Cosme e São Damião saíam pela rua para matar as pessoas. Eu já ouvi muita gente falando, que nós, crianças, não podíamos comer o caruru, porque era oferenda para o diabo. Poxa, velho! Quando você é pequeno, você fica naquela, quando você cresce e tem uma oportunidade como esta, que estamos tendo aqui, você vê que tudo que a gente tinha na mente é equivocado. Por isso que eu vou conhecer e participar dos rituais no Terreiro de Professor Diego, mesmo eu vindo de uma religião evangélica.¹²¹

Depois desse diálogo, através da roda de conversa, confirmei a necessidade dos/as aliados/as em conhecer a dinâmica do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi para compartilharmos conhecimentos com os/as seus/seus adeptos/as.

Então, no dia 14 de dezembro de 2023, os/as aliados/as visitaram o Terreiro e, ao chegarem na entrada, eles/as foram logo recepcionados por Mãe Nany, que pegou uma quartinha¹²² com água e passou girando três vezes na cabeça de cada um deles/as e jogou a água três vezes na rua, em frente ao Terreiro. Esse ritual, segundo a Mameto, é para limpar as pessoas das influências negativas que elas adquirem ao transitar pelas ruas. Esse ritual, que aparece registrado na imagem abaixo, é essencial para a pessoa entrar no Onzo Matondo.

¹²¹ O relato de Espada de Ogum foi registrado por meio de gravação de áudio, no dia 13 de dezembro de 2023.

¹²² Quartinha é um utensílio utilizado nos cultos de rituais das religiões afro-brasileiro e se refere a um recipiente de barro usado para guardar líquidos.

Figura 28 – Ritual da água da quartinha



Foto: Kauã Matheus, 2023.

Depois que Mãe Nany fez o ritual da quartinha, para que todos/as os/as aliados/as entrassem, ela relatou para eles/as a importância das folhas para a manutenção do Candomblé e que todos os rituais, incluindo os de banhos de folhas, são prescritos através dos jogos de búzios.

Segundo a Mameto,

o Candomblé não existe sem as nsabas, na língua banto, são as folhas. Tudo a gente precisa de uma planta: para chás, para lavar uma cabeça de uma pessoa. Lavar uma cabeça que eu quero dizer é que, aqui, tem um ritual que a gente pega o banho de folha, lava a cabeça das pessoas para atrair bons fluidos. No caso, atrair orixás, tirar coisas ruins e de deixar as pessoas em paz. Desde já, nós temos que saber que todos os rituais, para acontecer, antes de qualquer coisa, precisamos do jogo de búzios.¹²³

¹²³ O relato de Mãe Nany foi registrado por meio de gravação de áudio no momento que ela estava recepcionando os/as aliados no dia 14 de dezembro de 2023. Os relatos seguintes foram registrados nesta mesma data, por gravação de áudio e da escrita do diário de bordo dos aliados/as e o meu diário de bordo.

O aliado São Gonçalinho ficou curioso para saber sobre o jogo de búzios. Nesse momento, Mãe Nany convidou os/as aliados/as, uma funcionária P.A. do CELVF, a professora Laureci, convidada e adepta do Terreiro, e eu, para explicar sobre o oráculo ancestral. Isso foi registrado na imagem a seguir:

Figura 29 – Mesa do jogo de Búzios



Foto: Kauã Mateus, 2023.

Nesse momento, em que foi feita a imagem, Mãe Nany explicou o passo-a-passo, como ela joga os búzios e como ela interpreta as mensagens mandadas pelos Nkisis, através das caídas dos búzios. Então, ela relatou:

Eu pego um por um, dos dezesseis búzios desses, faço a oração que meu pai Bené me ensinou e peço licença a Nzila e jogo na mesa, se alafiar aberto, que é o mesmo de confirmar, os Nkisis estão concordando, os caminhos estão abertos e se cair fechado tá ocorrendo alguma coisa de errado, que tem que consertar. O jogo vai depender muito do que você está buscando, para o jogo dá a caída. Entenderam? O que você estiver me perguntando em sua mente, você não precisa me falar, o jogo vai me dizer. Às vezes, as pessoas chegam e não falam nada, sentam e só diz o nome e a data de nascimento, e o jogo fala tudo.

Ao ouvir o nome de Nzila, que é o mesmo Exu para os iorubás, a aliada Alecrim fez uma cara de medo e perguntou a Mãe Nany qual o motivo de chamar Exu para abrir o jogo de búzios, pois, para ela, uns falam que ele é bom e outros falam que ele é ruim. Alecrim ainda disse: "*Lá no Colégio eu vejo professor Diego falando que Exu abre os caminhos, que nada acontece sem a presença dele. A senhora me explica mais sobre isso?*". Depois da pergunta, Mãe Nany explicou:

Aqui, na minha nação banto, chamamos orixá Exu de Nkisi Nzila e, para nós, ele representa caminhos, possibilidades de seguirmos por lugares que achamos mais interessantes. Nzila é a comunicação entre nós, aqui na terra, e os outros Nkisis e Nkisianis, lá, em outro plano. Nzila é movimento e não tem nada a ver com o que pregam por aí, que ele é demônio. No candomblé, não cultuamos demônio. Isso não é nosso. Tentam jogar nas nossas costas um nome que não é nem nosso. Nzila é vida, é caminho, é felicidade.

Após ouvir Mãe Nany, a aliada Alecrim relatou que não sabia a importância de Exu no Candomblé. Ela achava que Exu era um xingamento: "*Eu sempre colocava apelido nos meus amigos de Tranca-rua, Maria Padilha e Sete Facadas. E, hoje, eu sei que estava chamando os meus amigos, simplesmente, de caminhos e possibilidades. Olha que interessante*".

Essa visão estereotipada de Nzila/Exu como entidade demoníaca, estava presente em Alecrim e na maioria dos/as aliados/as. Diante disso, trago o pensamento de Luiz Rufino (2019, p. 51) para explicar o motivo dessa demonização de Nzila/Exu:

Atenho-me à defesa de que o colonialismo cometeu grande tragédia ao transfigurar Exu no demônio cristão. Ao praticar Exu enquanto demônio, reduziu-se a complexidade das culturas negro-africanas, esfacelaram-se modos de vida, visões de mundo, princípios explicativos e saberes necessários para a formação de uma sociedade que se oriente pela diversidade como princípio ético. Nesse sentido, o projeto colonial e sua agenda política assumiu a responsabilidade de passarmos-como na narrativa popular-a eternidade das profundezas do inferno da negação de outras possibilidades. Consideremos que a construção do pecado, do inferno e da morte como não-salvação são prerrogativas orientais-cristãs disseminadas durante todo processo de colonização/catequização.

Sinto em dizer que mesmo sendo adepto do Candomblé, na infância e na adolescência, pensava que Exu era um demônio. Assim como alguns/mas aliados/as pensavam. Foi difícil desconstruir essa ideia de demonização, porque, nas escolas que frequentei e no meu círculo de amizades, as pessoas ofendiam verbalmente as outras, chamando-as de Exu. A força do colonialismo também consegue chegar nos próprios adeptos do candomblé, fazendo com que a gente duvide de que Exu é caminho, possibilidades e vida.

Para mim, foi difícil sair dessa visão deturpada, mas consegui, porque, certo dia, meu pai Bené fez uma reunião com os seus filhos e filhas de Santo, na qual ele relatou a história de Nzila, falou sobre a importância desse Nkisi/Orixá para o candomblé, informando que Nzila/Exu não é demônio. Na verdade, ele consiste em caminhos possíveis para construção de novos conhecimentos.

Pai Bené tinha o costume de falar sobre as histórias dos Nkisis e Nkisianis. As reuniões duravam horas e eram muito prazerosas, porque podíamos tirar nossas dúvidas e partilhar conhecimentos sobre os Nkisis. Nesse dia Nzila foi o tema.

Depois que terminou a explicação do ritual de jogo de búzios, Mãe Nany convidou a todos/as que estavam presentes para se sentarem em semicírculo e nos informou que as filhas de Santo benzedeira Anair e Mãe Marquinha iriam demonstrar como se faziam rituais de banhos de folhas de descarrego e banho de cheiro. Segue a imagem desse momento:

Figura 30 – Demonstração dos rituais de banhos de folhas



Foto: Kauã Matheus, 2023.

A Benzedeira Anair, que, no terreiro, é Mãe Nair, apresentou o ritual para a preparação dos banhos de folhas cheirosas. Ela pegou as folhas de manjeriço, macaça e folha da costa e colocou em uma bacia de esmalte com água e macerou as folhas. No momento da maceração, Mãe Nair explicou as funções do banho: *“Esse banho é bom para acalmar a mente e atrair energias boas”*.

Já Makota Marquinha, sacerdotisa que não incorpora, explicou sobre o banho de descarrego. Ela pegou três tipos de folhas (aroeira, vence-tudo e guiné), depois, macerou as folhas na água que estava numa bacia de esmalte, mas explicou que o banho poderia ser cozido, também.

Depois que Makota Marquinha explicou o banho, Mãe Nany solicitou que todos/as olhassem as folhas que estavam no chão e relatou:

Essas folhas servem para o ritual de sacudimento, que acontece com frequência, aqui, no Terreiro. Esse ritual é semelhante ao benzimento, só que em vez da Benzedeira, é a Mãe de Santo é quem faz. Eu pego três ou sete galhos grandes de folhas e começo a passar como se estivesse sacudindo as pessoas e retirando delas as energias negativas. Nesse ritual, coletamos folhas de descarrego como aroeira, capianga, murici, quioidô, guiné, canela-de-velho e são gonçálinho, no nosso quintal, nas matas ou na Feira de São Joaquim. Usamos galhos delas e passamos no corpo das pessoas, cantando a música que significa limpeza chamada Sakulupmmba¹²⁴. Então, todos do local irão se sacudindo e se limpando. Depois todos e todas do local devem tomar um banho frio, de folhas cheirosas.

Enquanto Mãe Nany estava explicando sobre o ritual de sacudimento, o aliado São Gonçálinho foi o primeiro a participar do ritual para a limpeza do corpo. Então, Mãe Nany realizou o sacudimento, não só nele, mas em outros/as aliados e aliadas, inclusive em mim. Segue a imagem de um dos aliados participando do ritual de sacudimento.

Figura 31 – Ritual de sacudimento



Foto: Kauã Matheus, 2023.

¹²⁴ Sakulupemba: Nome da Língua Banto que significa limpeza.

Depois desse ritual, Mãe Nany quebrou os galhos das folhas em três pedaços e jogou em um local de vegetação. Ela também ressaltou que tudo que vem da natureza tem que voltar para a natureza.

Após o sacudimento, Mãe Nany aproveitou o momento para convidar a todos/as para conhecer o local que chamamos de cabana do caboclo, para falar da contribuição dos indígenas nos rituais de banhos de folhas e sacudimentos e a ligação que os povos originários têm com o Candomblé de origem Bantu.

Segundo ela,

os indígenas são os primeiros habitantes do Brasil, donos dessa terra. Houve uma época que os indígenas, sabedores das propriedades curativas das folhas, se juntou com os africanos de origem Bantu, que também já realizavam rituais com as folhas, surgindo o Candomblé de Angola. E, aqui, é o Candomblé de Angola. Os/as caboclos/as, como chamamos as entidades indígenas, também podem passar banhos e dar sacudimento nas pessoas. Há um respeito muito grande entre os orixás e os caboclos.

Essa visão que Mãe Nany nos relatou da cultura indígena no Candomblé de Angola está alinhada com a fala do Babalorixá Tom Oloorê, em uma live, no seu canal do YouTube¹²⁵, quando ele traz que:

[...] Dentro do candomblé de caboclo, a primeira religião de matriz africana que a gente vê o culto a essas entidades espirituais, se a gente for mais fundo na história, a gente vai vincular aos povos Congo-angola. Estes tinham o costume, normalmente, de trazer o culto através do respeito aos espíritos presentes na terra que estavam chegando. Os africanos estavam trazendo sua cultura religiosa, então eles procuravam saber qual o dono da terra e a espiritualidade para reverenciar. Através desse respeito de culturas e desse respeito de culto que o candomblé de Matriz Congo-angola começou a cultura, os caboclos e boiadeiros.

Para mim, é impossível realizar algum tipo de ritual no Candomblé de Angola sem a presença dos caboclos, pois eles são mensageiros entre o mundo espiritual e o terreno. Nzila e Vungi também realizam essa função. No Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, alguns rituais de cura com as folhas só são realizados com a energia dos caboclos, principalmente, os rituais de banhos de folhas. Alguns banhos só são prescritos por caboclos incorporados nas Mães e Pais de Santo do Terreiro.

¹²⁵ OLOORÊ, Tom. Entenda Tudo sobre caboclo no candomblé-live # 08. YouTube, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WHcweDYXyU4>>. Acesso em: 03 de abril de 2024.

Após a vivência na Cabana de Caboclo, Mãe Nany convidou a todos/as para comer um delicioso caruru, acompanhado de vatapá, acarajé, arroz, frango cozido e farofa de azeite de dendê. Porém, antes de nos deliciarmos, Mãe Nany explicou que cada comida era ofertada para um Nkisi, sendo chamada de ancestral.

O caruru é de Tateto Nzazi, Mameto Bamburucema e Tateto Nvungi. O vatapá¹²⁶ que pertence a Mameto Ndandalunda. O arroz pertence a Mameto Kaiala. Com a farofa de azeite homenageamos Tateto Nzila. E o nosso adorado lelê¹²⁷ é do guardião desse Terreiro, Tateto Burungunzo, o rei da fartura e da caça. O Lelê não pode faltar nos festejos ritualísticos desse Nkisi. Para preparar todas essas comidas, a/o sacerdote/sacerdotisa responsável tem que tomar banhos de folhas, para retirar, do corpo e da alma, as influências negativas, com o propósito de não contaminar a comida.

Lembro-me que alguns/as dos/as aliados/as pegaram o prato de comida e sentaram-se no chão, em círculo, sem que ninguém solicitasse. Se alimentar dessa maneira, no chão e em círculo, está presente na cultura do Terreiro. O mais interessante é que tinham várias cadeias, mas os/as aliados se sentaram no chão.

Fiquei emocionado, porque recordei do caruru de sete meninos, o mesmo de São Cosme e São Damião, que eu participava aqui, no Terreiro, e na casa de alguns/as vizinhos/as. Disponibilizei marmitas descartáveis para que eles/elas também levassem a comida para casa. Depois, fiquei feliz, pois os/as aliados/as me informaram que seus responsáveis se alimentaram e não discriminam o alimento ofertado.

¹²⁶ Pirão de Farinha de mandioca, pão ou de farinha de trigo com fubá de amendoim, castanha e camarão seco com azeite de dendê e leite de coco.

¹²⁷ Lelê: doce feito na Bahia, mas geralmente feito com canjiquinha ou xerém-milho amarelo todo quebradinho.

Figura 32 – Comida ancestral: Caruru



Foto: Thalita Lírio, 2023.

Depois de todos/as se alimentarem com um delicioso caruru, o aliado São Gonçalinho, com outros/as aliados/as fizeram uma homenagem à Mãe Nany e a todos/as os/as filhos/as de santo do Terreiro, lendo uma carta¹²⁸ que eles/as elaboraram. Depois, o aliado aroeira deu um arranjo de flores, em forma de gratidão pelo acolhimento. Mãe Nany, em seguida, agradeceu na língua Bantu: “*Zambi Nkuatesa*”, que significa “Deus abençoe a todos e todas”.

Esses Momentos Ancestrais que apresentei fazem parte das Sequências de Vence-Demandas, que integra e é recurso, junto a essa dissertação, da minha pesquisa, composta pela minha vivência e a dos/as aliado/as, dos/as adeptos/as do Terreiro Onzo Matondo, dos/as mestres/as da cultura popular e das pessoas que compõem a comunidade escolar com os rituais que utilizam as folhas sacrais e medicinais, principalmente com os banhos, presentes em diversos espaços ancestrais. Além de derrubarmos Kizilas, eles fomentaram o diálogo entre as culturas escolar, a dos/as aliados/as e a cultura dos banhos de folhas, do Terreiro Onzo Matondo, das Benzedeiças, dos Erveiros/as e das mestras que cultivam quintais ancestrais.

¹²⁸ Anexo D: Carta em Homenagem a Mãe Nany e a todos/as os/as filhos/as de santo.

4 O QUE ESTE ESTUDO NOS REVELOU: a construção de conhecimentos por meio dos rituais de banhos de folhas continua

Prossigo saudando a força de Nzambi e Tateto Burungunzo, por me proporcionarem compartilhar e construir conhecimentos diversos, com diferentes pessoas, de forma coletiva, no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi. Nesse espaço ancestral presenciei e participei de diversos tipos de rituais afro-religiosos, principalmente, do uso de banhos de folhas sacrais e medicinais. Esses banhos sempre são prescritos pelos jogos de búzios, por Mãe Nany ou pelos caboclos do Terreiro.

Desde criança, no Onzo Matondo, eu brincava com os/as filhos/as dos/as adeptos/as do Terreiro e percebia que várias pessoas tomavam banhos de folhas e isso me deixava curioso. Presenciava várias pessoas saindo com a cabeça cheia de folhas. Então, quando eu completei seis anos, fui iniciado no candomblé e comecei a tomar esses banhos, agora como adepto, que me faziam e me fazem muito bem. Lembro-me que, enquanto os/as adeptos do terreiro realizavam os rituais prescritos por Pai Bené, incluindo os de banhos, eu dava reforço escolar aos seus/as filhos/as. Os conhecimentos escolares e os da cultura do terreiro estavam presentes ali.

Foi através do processo de ensinar e aprender, pela Pedagogia da Tradição (CARVALHO, 2011), utilizando a oralidade, de geração em geração, dentro da comunidade do Terreiro Onzo Matondo, que surgiu, em mim, a vontade de ser professor. As minhas primeiras identificações, pessoais e profissionais, foram formadas na dinâmica desse espaço ancestral.

Na convivência do Terreiro, não sofria nenhum tipo de racismo (Kizilas). Porém, com seis anos, depois que fui iniciado, fui para a 1ª série do antigo primário e comecei a sofrer racismo religioso, pois, como já narrado, fui para a escola com roupas, adereços e a cabeça raspada. Chegando lá, me senti desumanizado e queria voltar rapidamente para o meu lugar, aquele que sempre me acolheu: o Terreiro Onzo Matondo. Nos anos seguintes, nos Ensinos Fundamental e Médio e na graduação, continuei sofrendo racismo religioso, por professar a minha fé nos orixás e me declarar candomblecista.

Na minha profissão, como professor de Biologia, no CELVF, não foi diferente. Eu sofri racismo religioso praticado por diferentes pessoas da comunidade escolar e presenciava estudantes, quando se declaravam de alguma religião de matiz africana, sofrendo as kizilas presentes nesse mesmo espaço. Confesso que, durante esta pesquisa, voltei ao passado e as feridas, que estavam um pouco cicatrizadas, voltaram a doer e a sangrar.

Outro ponto que percebi, no CELVF, foi que o estudo da história e cultura indígena, africana e afro-brasileira, como preconiza as leis 10.639/03 e a 11.645/08, não era abordado de forma crítica, como um processo de luta e resistência para o combate às kizilas, no ambiente escolar. Eu sempre identificava a abordagem, em alguns momentos pontuais, no decorrer do ano letivo, principalmente no dia dos povos indígenas, 19 de abril, e no dia da consciência negra, dia 20 de novembro. Esse silenciamento fez com que as kizilas fossem intensificadas nas relações étnico-raciais entre estudantes, professores/as, funcionários/as e integrantes da comunidade escolar do CELVF.

A partir do reconhecimento das demandas de outra abordagem, na instituição, pude, através da vivência com o letramento racial crítico de Aparecida Ferreira (2015), planejar e desenvolver projetos considerando o que determina na lei supracitada, de forma mais crítica, relacionando isso ao estudo das manifestações culturais, principalmente, dos rituais dos banhos de folhas.

Utilizei as forças dos rituais presentes nos diferentes tipos de banhos, além dos que pertencem a Mameto Kaiala, para me fortalecer e poder lutar contra as kizilas do espaço escolar. A vivência com esses banhos me proporcionou uma experiência melhor, como professor/vice-diretor no CELVF, e equilibrou minha mente para participar de grupos de estudo e pesquisa. Além disso, também tive novas oportunidades de planejar e desenvolver projetos, que levaram os/as professores/as e estudantes a reconhecerem, refletirem e tomarem decisões, de forma crítica, sobre diversos tipos de racismos (kizilas), especialmente o religioso, presentes na escola.

A partir dos conhecimentos partilhados, das experiências relatadas e do meu processo de formação nesses projetos e nos grupos de pesquisa, pude refletir e perceber que existem diversos tipos de rituais com o uso das folhas, em diversos lugares ancestrais, que não se limitam apenas aos rituais do Candomblé. Entendi, também, que esses rituais de banhos e uso das folhas não têm vínculo exclusivo com religiosidade. Existem outros tipos de rituais, procedimentos e práticas em diferentes espaços.

Com esses reconhecimentos em mente, propus a pesquisa intitulada *Destrancar-tudo: a circularidade dos banhos de folhas no Colégio Estadual Luiz Viana Filho*, no Mestrado em Educação Profissional (PROMESTRE), na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). Essa pesquisa foi iniciada no primeiro semestre de 2022 e se estendeu até o primeiro semestre de 2024.

Nela, os/as aliados/as, como venho chamando os/as estudantes, do 2º ano do Ensino Médio, hoje, 3º ano, envolvidos/as neste processo, tiveram a oportunidade de construir e

ressignificar conhecimentos sobre os rituais das culturas de matiz africana, principalmente, aqueles relacionados aos banhos de folhas. Eles/as também iniciaram a elaboração de narrativas não-hegemônicas ou contra-narrativas, a partir dos estudos sobre essas manifestações culturais afro-religiosas, como um meio de luta e resistência contra as kizilas.

O produto educacional dessa pesquisa é nominado de *Sequências de Vence-demandas* e está dividido em seis *Momentos Ancestrais*, sendo eles: 1) o convite; 2) quem sou eu?; 3) a vivência no quintal de dona Edna; 4) a experiência com a benzedeira Anair; 5) a vivência com os erveiros, na Feira de São Joaquim; e 6) a vivência no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi

Vale destacar que optei em trazer os relatos dos/as aliados/as para esse momento do ritual, pois as minhas experiências foram sendo atravessadas, dia após dia, durante este estudo, pelas experiências dos/as aliados/as e dos demais participantes da pesquisa. Não podia, de forma alguma, colocar só as minhas reflexões e meu ponto de vista, de forma solitária, como se eu não tivesse influências de outros/as protagonistas que compõem o meu estudo.

Então, respaldado na autoetnografia (Silva, 2017), utilizei as minhas experiências para entender o meu processo de construção histórico-cultural e social, para, depois, compreender as outras experiências que me atravessaram durante esse processo. Por isso, nada mais justo que fazer ecoar, aqui também, não só a minha voz, mas outras vozes, através da escrita de si de cada um/a participante da pesquisa.

O primeiro Momento Ancestral foi para sensibilizar os/as estudantes e convidá-los para participarem do estudo. Nesse momento, com os/as estudantes, atualizei minha concepção de ritual, a partir do relato do aliado Espada de Ogum, como já foi mencionado. Este aliado me fez refletir sobre o conceito de ritual, porque ele entende que é todo um preparo para desenvolver uma atividade bem-sucedida. Outra aliada desmistificou o conceito que ela tinha de ritual, como uma atividade ruim e maligna. Ela completou, dizendo: “*não existe só ritual religioso, mas outros tipos de rituais. Para eu vir para a escola, professor, todos os dias, é um ritual*”.

O aliado São Gonçalinho também associou a ideia de ritual na utilização do uso de plantas, demonstrando os conhecimentos que ele já possui sobre o uso das folhas, nos diferentes grupos sociais, e afirmou a ideia de incluir, nas práticas pedagógicas do CELVF, o estudo da cultura e história afro-brasileira e indígena:

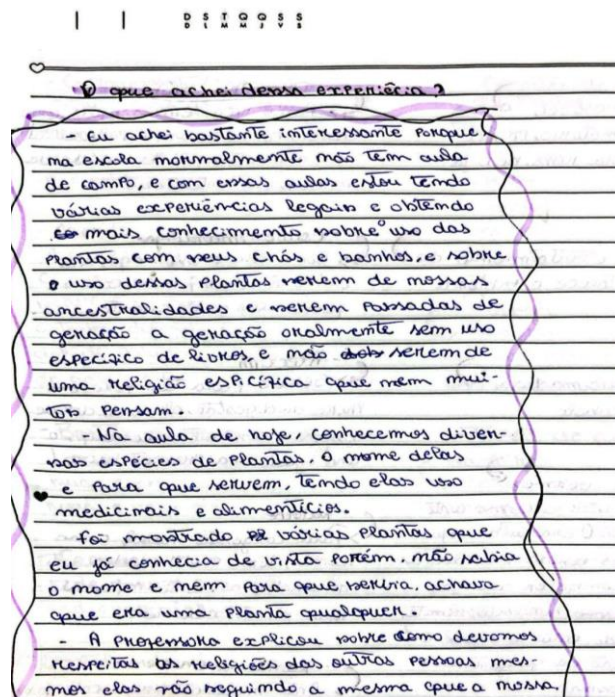
Todas as plantas têm um uso diferenciado pelo candomblé, os indígenas, os quintais, as benzedeiras e os erveiros. Os rituais, eles se diferenciam em diferentes locais, dependendo do uso da planta e de como usar. Claro que

todas às plantas podem ser benéficas, mas depende do cuidado com elas. Temos que prestar atenção como é a realidade, o ritual para utilizá-las. E voltando aqui, só queria falar que deveríamos ter essas atividades, professor Diego, todos os dias.

No Segundo Momento Ancestral, consegui conhecer e refletir sobre o contexto socio-histórico-cultural dos/as aliados/as e os/as aliados/as conheceram também o meu, através da autobiografia¹²⁹. Eu fiz a minha autobiografia, li, em voz alta, para os/as aliados/as e solicitei que eles relatassem as deles/as. A vivência e as experiências com folhas sacrais e medicinais estavam presentes nos relatos de todos/as os/as aliados/as, principalmente, em quintais e com benzedadeiras.

No terceiro Momento Ancestral, conhecemos o quintal de professora Edna. Confesso que foi a primeira aula de campo que planejei com os/as aliados/as e pude, com a presença deles/as, criar a escrita de um roteiro colaborativo. Todos/as ajudaram a escrever o plano. Dessa forma, analisando o diário de bordo de Alfazema, refleti sobre a importância da atividade de campo para a construção de conhecimentos sobre as folhas sacrais e medicinais utilizados em diversos espaços ancestrais. O relato dela mostra a importância da atividade de campo para o diálogo entre o conhecimento de mundo e escolar da mestra Edna. Segue o relato dessa aliada retirado do diário de bordo.

Figura 33 – O que Alfazema achou da experiência com dona Edna



Fonte: Diário de bordo de Alfazema, 2023.

¹²⁹ Anexo E: Autobiografias dos/as aliados/as e a do professor/pesquisador/pesquisado.

Além do destaque para a atividade de campo ser a primeira em sua vida escolar, a experiência com Dona Edna fez com que Alfazema ressignificasse conhecimentos sobre as folhas. Algumas dessas ervas passaram ter significados a partir das explicações de Dona Edna. Destaco, também, o respeito às religiões de matiz africana relatado por dona do quintal, pois a família de Alfazema não aceitava que ela participasse dos Momentos Ancestrais relacionados ao candomblé. Essa aliada participou de todos eles porque conseguiu, conversando com a sua responsável, a permissão para isso.

Essa atividade de campo, foi a primeira que orientei em todos os meus anos de professor. Esta atividade mudou todo o percurso dos Momentos Ancestrais, porque, a princípio, pensava em realizá-los apenas no espaço do CELVF, sem pensar em ultrapassar os muros do espaço escolar.

O amor e a proteção com à natureza foi outro fator que me chamou atenção na vivência com Dona Edna. O aliado Camomila relatou: “*A convivência e a história de dona Edna com a natureza se assemelha muito com a minha. No colégio, o professor Diego Argolo me fez reconhecer o amor que eu tenho pelas folhas. Esses Momentos me conectou mais com as plantas e até comigo mesmo*”. Alinhada aos pensamentos de Camomila, Dona Edna apontou:

*Eu não vivo sem a natureza, eu penso assim. Quando isso aqui acabar eu vou junto. Eu dependo da natureza para respirar, para comer e também para viver. Eu digo todo dia, se quiser me matar, me coloque em um apartamento sem planta. Eu vivo pela natureza. Se eu fosse mais jovem, eu seria naturalista. Eu não faria outra coisa a não ser viver dentro do mato.*¹³⁰

A preservação da natureza é indispensável para a manutenção de diversos rituais com o uso de folhas, tanto para Dona Edna, quando para mim, no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi. A natureza é utilizada de forma sustentável, só retira da natureza o que se deve utilizar, tanto para fins alimentícios, quanto para fins espirituais. Isso, também, é um ato político.

No quarto Momento Ancestral, os/as aliados/as e eu, fomos partilhar conhecimentos sobre o uso de folhas nos rituais de benzeduras com a mestra e benzedeira Anair. Os/as aliados/as se identificaram com ela, porque já participaram de rituais de benzimento. A maioria deles/as já se rezaram de mau-olhado. Esta doença do corpo e da alma, que a benzedeira intitulou de “quebranto”, foi a que os/as aliados/as mais se rezaram. Eu mesmo já fui rezado,

¹³⁰ Esse relato de dona Edna foi registrado por meio de gravação de áudio, na vivência em seu Quintal Ancestral. ano 2023.

várias vezes, pela benzedeira Anair, tanto no Terreiro Onzo Matondo, quanto no quintal de sua casa.

A aliada Alfazema contou sua experiência com essa benzedeira, mesmo nunca tendo participado de benzeduras. O relato dessa aliada comprova que os rituais estão presentes no nosso dia a dia:

Para mim, foi um momento e uma experiência interessante, porque já tinha ouvido falar de Benzedoiras, mas nunca tinha me encontrado de fato com uma. Então, essa foi a primeira vez e se tiver outras oportunidades de me encontrar com outras benzedoiras, não irei recusar. Porque seria mais oportunidade para construir mais conhecimentos. Foi ótimo ter um momento de bate-papo/conversa com dona Anair, porque ela traz uma sensação de paz e tranquilidade. Quando ela me benzeu e terminou oração, tive uma boa sensação de leveza, e ela me recomendou às folhas para eu tomar o banho, sendo elas, a mirra, erva-doce e canela em pau. Depois ela ensinou a gente a preparar o banho e como descartar as folhas corretamente. Enfim, só tenho a dizer que vai para a caixinha de boas memórias e experiências.¹³¹

O aliado São Gonçálinho também relatou sobre essa sensação de leveza que a aliada Alfazema sentiu. Porém, o primeiro aliado entende que essa leveza é devido à limpeza da alma, através do benzimento e dos banhos de folhas, porque essas práticas desenvolveram a sua mediunidade.

Segue o relato de São Gonçálinho sobre sua sensação em ter participado dos rituais de benzimento.

Eu senti uma sensação que jamais sentina minha vida. Sinto que estive em transe durante todo o processo de benzedura. Sentia que o meu corpo ia para frente e para trás, como se, em algum momento, eu fosse cair, mas a mão dele segurava o meu braço, parecia que colocava o meu corpo em balanço de volta para o lugar. A sensação que sentia em meu corpo era de bem-estar e um transe muito diferente do que eu acreditava. Aí no final ela fez um descarrego em mim, meus pensamentos se confundiram, finalmente pude perceber que toda aquela sensação maravilhosa era verdadeira. Após o fim, me senti tão leve e forte novamente. Eu só sei falar que é coisa do bem, é da nossa cultura afro-brasileira e indígena e todos deveriam participar.¹³²

A benzedeira Anair, depois que benzeu o aliado São Gonçálinho, explicou a todos/as sobre a sua mediunidade e prescreveu um banho de descarrego para ele tomar em casa. Dona

¹³¹ Esse relato de dona Edna foi registrado por meio da escrita no diário de bordo de Alfazema na vivência com a benzedeira. Ano 2023

¹³² Esse relato São Gonçálinho foi registrado por meio por ele, na escrita do seu diário de bordo, na vivência com a Benzedeira. Ano 2023

Anair afirmou que algumas folhas ele só encontraria na Feira de São Joaquim. Na visita à Feira, São Gonçalinho adquiriu as folhas.

Essa visita à Feira de São Joaquim foi o quinto Momento Ancestral, quando partilhamos conhecimentos com os erveiros. Os/as aliados/as não conheciam a Feira e nunca nem tinham escutado falar sobre ela. A aliada Alfazema ficou muito surpresa pela quantidade de pessoas que transitavam no espaço e, no seu diário de bordo, comentou que não conseguiu anotar muitas informações por conta do barulho e do movimento:

Não consegui anotar muitas coisas por conta do movimento na Feira e o barulho. Fora que toda hora eu me distraia com algo diferente que eu via no local a ansiedade de querer explorar mais o lugar. Achei esse lugar interessante já que nunca tinha visitado feira. Tem uma diversidade de coisas e de planta. Achei interessante que ao contrário da feira de Candeias, na Feira de São Joaquim transita carro, moto por dentro da Feira e lá possui diversos objetos religiosos, principalmente do candomblé. Lá encontramos coisas com preços muito mais em conta do que na feira de minha cidade, Candeias.¹³³

Nesse dia, na Feira de São Joaquim, os/as aliados/as aproveitaram para conhecer e comprar folhas para os banhos que a benzedeira Anair prescreveu. O aliado Aroeira, cuidadosamente, comprou as folhas cheirosas, perguntando aos erveiros a função de cada uma e como se preparava o banho:

Numa quarta-feira, à noite, às 22:00 horas, resolvi fazer o meu banho recomendado pela Benzedeira Anair, que me ensinou como fazer e como seguir o ritual. Fomos à Feira de São Joaquim e lá conheci um erveiro e ele me vendeu às folhas só que não tinha alfazema, mas ele me falou que poderia substituir ela por outra folha com a mesma energia. Então ele me indicou manjericão, para retirar o olhado. Depois que tomei o banho fiquei mais leve, tranquilo e sereno.¹³⁴

Nesse contexto, as folhas passadas para banhos, podem ser substituídas por outras que tenham a mesma energia e desenvolva resultados semelhantes. Porém, a orientação da troca das folhas tem que ser dada pelo pelas benzedeadas, erveiros, os caboclos ou jogo de búzios.

No sexto Momento Ancestral, compartilhamos conhecimentos com os adeptos do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi, principalmente com a Mameto Nkisi Nany. A aliada Capim-Santo relatou sua experiência ao visitar, presenciar e participar de rituais com as folhas

¹³³ Esse relato Alfazema foi registrado por meio por ele, na escrita do seu diário de bordo, na vivência com a com os Erveiros em São Joaquim. Ano 2023

¹³⁴ Esse relato Aroeira foi registrado por meio por ele, na escrita do seu diário de bordo, na vivência com os Erveiros. Ano 2023

e os banhos sacrais e medicinais no Terreiro: “*Minha experiência com a visita também foi maravilhosa. Amei conhecer a religião e quebrei o preconceito e o racismo que eu tinha graças a visita e a explicação. Hoje eu consigo ver a religião com os olhos do bem*”.¹³⁵

Além de Camomila, a aliada Alfazema também relatou sobre sua experiência na visita ao Terreiro:

*Foi bastante interessante e legal conhecer o espaço onde professor Diego vive e queria muito tirar às dúvidas que eu tinha sobre a religião e do Terreiro., para tirar o meu preconceito e o preconceito das pessoas sobre a religião. Essa visita quase não pude fazer, porque fui ensinada que eu já tinha religião e não tinha o porquê visitar outras. Isso foi no Catecismo. Eu amei a visita, conhecemos o espaço, a história dos orixás, jogos de búzios, a história do lugar e a função de cada adepto. Conhecemos sobre outros tipos de banhos além do de descarrego, dentre várias outras coisas. Lá, todos foram muito simpáticos ao nos receber, até a minha irmã, que foi como convidada, pôde ter esta experiência. Ela disse que gostou muito, porque não é nada de ruim como a maioria das pessoas fala. Ela achou o lugar muito organizado e gostou do conceito de que cada orixá tem o seu quarto.*¹³⁶

Nesse Momento, no Terreiro, Camomila e Alfazema conseguiram reconhecer as kizilas do preconceito e do racismo, refletir sobre elas e, logo após, desconstruí-las, através das trocas de conhecimentos da vivência com os adeptos do Onzo Matondo.

O aliado Espada de Ogum, quando Mãe Nany encaminhou os/as aliados/as na visita aos quartos dos Nkisis, observou que, em um desses quartos, tinha uma imagem de um Nkisi coberto de palha. Então, ele disse que sabia a história dele e começou a relatar:

Esse Orixá né, foi abandonado pela Mãe dele, a orixá Nanã, e foi cuidado por Iemanjá, que é a rainha das águas salgadas. Ele teve varíola e ficou com o corpo cheio de caroço e feridas. Por isso, que ele usa essas palhas. Para esconder suas chagas. Agora, depois houve o reencontro dele com a mãe e tudo ficou em paz. O amor prevaleceu. Esse orixá também traz a saúde para as pessoas.

Depois que Espada de Ogum falou, Mãe Nany o parabenizou e disse que existem várias histórias dos orixás na África e, para nós aqui do Terreiro, todas são verdadeiras. Nesse Momento, pude perceber que atividades como essas incentivam que os/as aliados/as falem da cultura e história africana e afro-brasileira e indígena, sem serem silenciados e nem sofrerem preconceitos.

¹³⁵ Esse relato Capim-santo foi registrado por meio de gravação de áudio, na vivência no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi. Ano 2023

¹³⁶ Esse relato de Alfazema foi registrado por ela, na escrita do seu diário de bordo, na vivência no Terreiro Onzo Matondo. Ano 2023

A visita dos/as aliados/as a esse espaço ancestral inspirou Mãe Nany a abrir as portas do Terreiro para outras instituições públicas e privadas de ensino. As escolas da cidade de São Sebastião do Passé-BA e região têm agendado visitas ao Terreiro. Esse Momento especial levou Mãe Nany a postar, em uma das redes sociais do Terreiro, o seguinte relato:

O Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi (Terreiro Viva Pai Deus), em nome da Mameto Nkisi Jorgiane (Mãe Nany), agradece a presença de todos e todas os/as estudantes do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, Candeias-BA, participantes da pesquisa de mestrado do nosso filho Tata Diego Argolo. Esse, com certeza, será o primeiro de muitos momentos culturais com estudantes aqui do Matondo. Vocês, estudantes, nos inspiraram promover mais e mais vivências como essas, com outras comunidades escolares. Gratidão pela troca de conhecimentos entre nós. Isso só fortalece a relação entre o binômio Terreiro-Escola. Zambi Nkuatesa (muito obrigado) (Deus lhe abençoe).¹³⁷

Essa postagem de Mãe Nany, nas redes sociais do Terreiro, foi vista pela comunidade escolar e vários/as estudantes me procuraram para saber quando teria mais visitas ao Terreiro. Eu respondi essa troca de conhecimentos que será frequente, durante o ano, no terreiro e em outros espaços ancestrais.

Por fim, destaco a percepção do aliado São Gonçalinho sobre a sua experiência e vivências com os Momentos Ancestrais:

Foi uma experiência cultural muito grande que a gente vive aqui, na Bahia, e, às vezes, a gente não tem esse contato do que é realmente baiano, a cultura baiana, o qual é a cultura brasileira, óbvio. E o que mais me marcou, de tudo, foi o contato que a gente teve, o contato mesmo, Diego, experiência, tete a tete, rosto a rosto. Todas as experiências, desde o começo do senhor falando lá na sala até a Benzedeira e até a nossa ida ao candomblé, onde o senhor fica. A nossa ida a Feira de São Joaquim. Todos os nossos contatos.¹³⁸

Este aliado ainda associou os seus conhecimentos sobre agricultura familiar e alimentação saudável com a visita à Feira de São Joaquim e escreveu uma redação¹³⁹, relatando essa experiência. Ele me informou que só conseguiu escrever o texto porque compartilhou conhecimentos nos Momentos Ancestrais, principalmente com os erveiros da Feira.

Desde que comecei a planejar e a desenvolver os Momentos Ancestrais com os/as aliados/as, percebi a mudança no ambiente do CELVF, pois os projetos que estão em

¹³⁷ Relato retirado do Instagram do Onzo Matondo. Disponível em:

<https://www.instagram.com/onzo_matondo/?locale=zh-hans&hl=bg>. Acesso em: 12 de maio de 2024.

¹³⁸ Esse relato São Gonçalinho foi registrado por ele, na escrita do seu diário de bordo, na vivência no Terreiro Onzo Matondo Ano 2023

¹³⁹ Anexo E: Redação do aliado São Gonçalinho.

desenvolvimento, sempre nos levam a refletir sobre os diversos tipos de racismos existentes na nossa sociedade, porque trazem as manifestações afro-brasileiras e indígena de forma crítica e não de uma forma folclórica.

Eu, como vice-diretor do CELVF, sugeri que, em cada mês do ano, pudssemos realizar encontros e vivências, utilizando os rituais de banhos de folhas, com mestres e mestras da cultura popular, a exemplo de Benzedeiras, Erveiros, Sacerdotes e Sacerdotisas do Candomblé, entre outras/as. Esse movimento de trocas de conhecimentos já está sendo planejado no CELVF, pois, nas reuniões com gestores, coordenação, professores/as, estudantes e outros membros da comunidade escolar, proponho sempre a inclusão do estudo dessa manifestação cultural nas práticas e no currículo do CELVF.

Nesse caso, pretendo com a coordenação, professores e estudantes, desenvolver um plano de ação anual com atividades que abordem a cultura e história africana, afro-brasileira e indígena e que professores/as de todas as áreas do conhecimento consigam desenvolver ações que discutam e levem a reflexão das kizilas presentes no nosso espaço escolar, para, também, pensarmos e propormos, no coletivo, ações estratégicas para superarmos essas kizilas e criar outras realidades, com justiça social e acolhimentos das diferenças, na comunidade escolar do CELVF.

Nesse percurso do estudo tive que enfrentar alguns desafios durante o seu planejamento e desenvolvimento. O primeiro deles foi a dificuldade de a maioria dos aliados/as em participar dos Momentos no turno oposto às aulas, pois já desenvolviam outras atividades. O segundo foi a dificuldade para encontrar erveiros/as que aceitassem participar das vivências com os/as aliados/as, pois eles/elas relataram que os resultados da pesquisa nunca voltam para eles/elas. O terceiro foi as diversas tentativas de silenciamento do estudo da cultura dos banhos de folhas afro-brasileiros de indígenas nos projetos pedagógicos, no CELVF.

Diante dos fatos mencionados, peço licença a Nzila Biola¹⁴⁰, através deste cântico feminino, que significa um novo começo. Para chegar até aqui, trilhei diversos caminhos traçados e planejados por Nzila. Nesse momento, eu poderia dizer que estaria chegando ao final de um percurso formativo, de construção e partilha de conhecimentos, porém, ao ter a força ancestral de Nzila Biola, não existe fim, há sempre um re-começo.

*Biolê, Biolê, Biolata,
N'bimbi Kakako
N'bimbi Kakako*

¹⁴⁰ Nzila Biola: Divindade feminina, se assemelhando a Exua para os Iorubás. Existe Nzila masculino.

Nzila Biola, dona dos Caminhos
Nzila Biola, é a re-invenção.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Capacitismo: Expressões Discriminatórias para quem tem deficiência.** Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-09/capacitismo-expressoes-sao-discriminatorias-com-quem-tem-deficiencia>>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

ALVES, Camila Aloisio. **Narrativas (auto)biográficas e suas contribuições: da produção do conhecimento à formação dos sujeitos.** *Revistapraxis educacional*. v.17, n.44, p.52-71, jan./mar.2021. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8015>>. Acesso em: 17 de maio de 2024.

ANDRÉ, M.E.D.A. de. **Prática Pedagógica: Etnografia da Prática Escolar.** 18ªed. São Paulo: Papirus, 2012.

ARGOLO, Diego Cruz. LÍRIO, Vinicius da Silva. **Manifestações culturais afro-religiosas: uma ação decolonial com estudantes e professores/as do Ensino Médio.** In: Actas Completas e Resumos da 8ª Jornada Virtual Internacional em Pesquisa Científica: Educação, saberes pedagógicos e práticas educativas. [recurso eletrônico] / Maria Ferreira, Thiago S. Reis (org.). – Porto: Editora: Cravo, 2024. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1x3IU7CSTw0-o-CtzCONiu9Y7tR9vxWX5/view>>. Acesso em: 14 de maio de 2024.

ARGOLO, Diego Cruz; MIRANDA, Marilene Sacramento; SILVA, Liliane Cintra Soares da. **Gestão Escolar Democrática, na prática no Colégio Estadual Luiz Viana Filho, Candeias-BA.** Cairu em Revista. Dez 2022/Jan 2023, Ano 11, nº 21, p. 142- 155, ISSN 22377719. Disponível em: <https://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/20231/11_GESTAO_ESCOLAR_DEMOCRATICA.pdf> Acesso em: 20 de julho de 2023.

ARQUITETURA: Feira de São Joaquim. YouTube, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fEp6p5zRKm0&t=1228s>>. Acesso em 03 de dezembro de 2013.

ASSIS, Relindes Dalva de. **Aplicando a lei 10.639/03 no Ensino de história, de acordo com as diretrizes Curriculares,** 2016. Disponível em <<https://www.redalyc.org/journal/5746/574660898006/html/>>. Acesso em: 01 de maio de 2023.

BOTELHO, Pedro Freire. O Segredo das Folhas e os Rituais de Cura na Tradição Afro-brasileira. In: **IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura.** Salvador. 2010. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24807.pdf>>. Acesso em: 12 de maio de 2018.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96,** de 20 de dezembro de 1996.

_____. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003. GOMES, Nilma Lino. **As práticas pedagógicas com as relações étnico-raciais nas escolas públicas: desafios e perspectivas.** In: GOMES, Nilma Lino. Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico- raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03. Ministério da Educação. Brasília,

2012. <Disponível em:<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000260516>>. Acesso em: 20 de abril de 2024.

CALVO, Daniela. MONTEIRO, Marcelo dos Santos. **A sacralidade da natureza e a sacralização do espaço no candomblé.** Revista Senso, 2020. Disponível em: <<https://revistasenso.com.br/zrs-edicao-16/a-sacralidade-da-natureza-e-a-sacralizacao-do-espaco-no-candomble/>>. Acesso em: 16 de julho de 2023

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica.** In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo Culturais e Práticas Pedagógicas. 10ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.p.15.

CARVALHO, Rosa Margarida. **A Pedagogia da Tradição: as dimensões do ensinar e do aprender no cotidiano das comunidades afro-brasileiras.** Paidéia r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum., Soc. e da Saú., Univ. Fumec Belo Horizonte Ano 8 n.11 p. 31-52 jul./dez. 2011. Disponível em: < <http://revista.fumec.br/index.php/paideia/article/view/1308>> Acesso em: 16 de julho de 2023.

CONCEIÇÃO, Sueli Santos. **O Processo de Urbanização como Imperativo da Reestruturação Espacial e Litúrgica das Religiões de Matriz Africana.** Salvador. 2008. 127 f. Dissertação - Universidade Federal da Bahia – Programa de Pós-graduação Multidisciplinar em estudos Étnicos e Africanos. Salvador. 2008.

CUNHA, Celina Gontijo. **A prática da Benzedeira: memória e tradição oral em terras mineiras.** Tese (doutorado) - Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e sociais. Programa de Pós-graduação em letras: estuda da linguagem. Mariana, Minas Gerais, 2018.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Narrativas autobiográficas de professoras/es de línguas na Universidade: Letramento Racial Crítico e Teoria Racial Crítica. Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, gênero, sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem.** Campinas, SP. Pontes. 2015.

FERREIRA, Gustavo Wada. **O uso de plantas nas curas populares: saberes e educação.** 2022. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação. Salvador-BA. 2022.

FERREIRA, Tássio. **Pedagogia da circularidade: ensinagens de Terreiro.** Rio de Janeiro: Telha, 2021.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da liberdade: uma introdução aos pensamentos de Paulo Freire;** [tradução de Kátia de Mello e Silva, revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

GALA, Ana Sofia. **Capacitismo: o que é, exemplos, consequências e como combater, 2013.** Disponível em:< <https://www.handtalk.me/br/blog/capacitismo/>>. Acesso em: 14 de maio de 2024.

GOMES, Angela Maria da Silva. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negroafricana [manuscrito]: terreiros, quilombos, quintais da Grande BH.** Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2010. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2010.

GOMES, Nilma Lino. **A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10639/03.** In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Maria Vera. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas (ogs).** 10. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.87.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Diversidade Étnico Cultural.** In: RAMOS, Marize Nogueira; ADÃO, Jorge Manoel; BARROS, Maria Nascimento. **Diversidade na Educação: reflexões e experiências.** Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnologia, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12º ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** organização Liv Sovik; Tradução Adelaide La Guardia Resende et al. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. 480 p.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. 283p

IBGE –INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Amostra das religiões.** Candeias: IBGE, 2010. Disponível em:<<https://regrasparatcc.com.br/formatacao/como-referenciar-o-ibge/#:~:text=e%20o%20ano.-,Exemplos%3A,de%20Janeiro%3A%20IBGE%2C%202012.>>. Acesso em: 20 de julho de 2023.

Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008. **Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

LÍRIO, Vinícius da silva. **Criar, performar e cartografar: poéticas, pedagogias e outras práticas indisciplinadas do teatro e da arte.** 1ª edição. Curitiba: Appris, 2020.

LÍRIO, Vinícius da Silva. **Poéticas híbridas: bando de teatro olodum + butô de Tadashi endo nos entre-lugares da criação cênica.** 2014. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação de Artes Cênicas da Escola de Teatro e Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2014.

MAGALHÃES, Célia Elisa Alves de. **Autoetnografia em contexto pedagógico: entrevista e reunião como lócus de investigação.** Veredas online - temática - 1/2018 - PPG linguística/UFJF - Juiz de Fora - ISSN: 1982-2243. Disponível em:<<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/27953>>. Acesso em: 16 de Julho de 2023.

- MATONDO, Onzo. 2023. **Instagram.2023**. Disponível em:<https://www.instagram.com/onzo_matondo/?locale=zh-hans&hl=bg>. Acesso em 12 de maio de 2024.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer pensar**. 2ª ed. São Paulo: contexto, 2017.
- MOREIRA, Adilson José. **Racismo recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019. 223 p., 16 cm. (Feminismos plurais).
- NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; pólen, 2020. 160 p
- OLIVEIRA, Marília Flores Seixas de. OLIVEIRA, Orlando José de. **Sociobiodiversidade, Cultura e Natureza no Terreiro ICIMIMÓ (Cachoeira/BA)**. XV Encult-Encontro de estudos multidisciplinares em cultura.01 a 03 de agosto de 2019. Salvador-Bahia. Disponível em:<<http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111938.pdf>>. Acesso em: 16/07/2023.
- OLOORÊ, Tom. **Entenda Tudo sobre caboclo no candomblé - live # 08**. Youtube, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WHcweDYXyU4>>. Acesso em: 03 de abril de 2024.
- OXÓSSI, Diego de. **O Poder das folhas: banhos, defumações e magias**. 2. ed. Mairiporã: Ed. Arole Cultura, 2018.
- PADILHA et al. **Enciclopédia de significados**. 2010. Disponível em:<<https://www.significados.com.br/ritual/>>. Acesso em: 12 de abril de 2024.
- PÁDUA Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: Abordagem teóricoprática**. Campinas: Papirus, 1996.
- PEREIRA, Ariovaldo Lopes; LACERDA, Simeira Silva Pereira de. **Letramento Racial Crítico: Uma Narrativa autobiográfica. Travessias**, cascavel, v.13, n.3, p.90-106, set./dez. 2019. Disponível em:<<https://www.semanticscholar.org/paper/Letramento-racial-cr%C3%ADtico%3A-uma-narrativa-Pereira-Lacerda/d76468a227351f9d0834014c3c1f9898af6a8d6d>>. Acesso em 10 de novembro de 2022.
- ROCHA, Rosa Margarida Carvalho. **A Pedagogia da Tradição: as dimensões do ensinar e do aprender no cotidiano das comunidades afro-brasileiras**. Paidéia r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum., Soc. e da Saú., Univ. Fumec Belo Horizonte Ano 8 n.11 p. 31-52 jul./dez. 2011 Disponível em:< <http://revista.fumec.br/index.php/paideia/article/view/1308> > . Acesso em: 13 de julho de 2023.
- RUFINO, LUIZ. **Pedagogia das encruzilhadas**. 1º edição. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2019.
- RUFINO, LUIZ. **Vence-demanda: educação e descolonização**. 1.ed., Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SANTOS, D. M.. LEAL, N. Melo. **A Pedagogia de Projetos e sua Relevância como Práxis Pedagógica e Instrumento de Avaliação Inovadora no Processo de Ensino Aprendizagem**. 2018. Disponível em:< <https://doi.org/10.17561/riai.v6.n1.07> >. Acesso em: 16 de maio de 2022.

SANTOS, Jair, Cardoso dos. **Histórias de Fé e Trabalho**. Salvador: Quarteto, 2020. 302p, 15cm.

SILVA, Eneida Campos de Carvalho e. **Poéticas Negras: Encruzilhadas entre a cosmovisão africana e o ensino de teatro**. 2020. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte- MG. 2020.

SILVA, Laureci Ferreira da. **Letramentos acadêmico-científicos na formação continuada de professoras de língua portuguesa**. 2017.Tese (Doutorado em educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia. Salvador-Bahia. 2017.

SILVA, Márcia Regina Farias da. SILVA, Carlos Aldemir Farias da. (org.). **Quintais agroecológicos: tradição, cultivo, conhecimento**.ISBN 978-65-5563-157-9.São Paulo: Livraria da Física, 2022. <disponível em: [https://www.uern.br/controldepaginas/ppgeo-documentos/arquivos/3652ebook_quintais_agroecola%C2%B3gicos_\(1\).pdf](https://www.uern.br/controldepaginas/ppgeo-documentos/arquivos/3652ebook_quintais_agroecola%C2%B3gicos_(1).pdf)>. Acesso em:20/04/2024.

SILVA, Natalino Neves da. **Educação Popular Negra: breves notas de um conceito**. Educ.Perspect. Viçosa, MG, v. 11, p. 1-15 e020033, 2020, eISSN2178-8359. Disponível em:<<https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/8488/6422>>. Acesso em: 17 de maio de 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis/ Tomaz Tadeu da silva (org), Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis: Editora Vozes. 2000.

TRAVALHA, Conceição Clarete Xavier. **Educação e espiritualidade na UFMG: desafios e limites de uma proposta de pesquisa e estudos**. In: SOARES, Eliana Maria do Sacramento e RECHO, Jane. Educação e Espiritualidade: Tessituras para construção de uma cultura de paz. Caxias do Sul, RS : Educs, 2016

TRAVALHA, Conceição Clarete Xavier. **Educação Matemática & conflitos sociais: perspectivas, relações sociais e práticas educativas**. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2017. 183 p.; 221cm. – (Educação, tecnologias e transdisciplinaridade).

VERGER, Pierre Fatumbi. **Ewé: O uso das plantas na sociedade de iorubá**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 766p.

ANEXOS**ANEXO A – Sequências de Vence-Demandas**

**Sakulupemba¹⁴¹ pemba lê
Sake saculupembê**

SEQUÊNCIAS DE VENCE-DEMANDAS

Para desenvolvimento dessas sequências, recurso educacional, com estudantes, que vou chamar de aliados/as, do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, situado em Candeias–BA, é preciso pedir permissão aos ancestrais, principalmente a Nzila, para que os/as outros/as participantes da pesquisa e eu possamos dialogar os conhecimentos afro-indígenas, construídos nos diversos espaços ancestrais, com os conhecimentos de mundo desses/as estudantes. Nzila, além de tudo, é o Nkisi da criação e dos caminhos.

Esse processo está dividido em Seis Momentos Ancestrais, cada um deles é semelhante a uma parte de um ritual do banho de vence-demanda.

Nessa sequência, durante os momentos, iremos reconhecer, confrontar e desenvolver estratégias para derrubar às Kizilas¹⁴² no espaço escolar.

1. PRIMEIRO MOMENTO ANCESTRAL: Convite e acolhida

OBJETIVO: Compreender o significado da palavra ritual por meio de uma atividade desenvolvida em grupo e sensibilizar os/as aliados/asa participarem da pesquisa de Mestrado e, com isso, conhecer e refletir sobre os diversos tipos de rituais presentes no nosso cotidiano, incluindo os rituais de banhos de folhas sacrais e medicinais.

¹⁴¹ Cântico entoado no ritual de limpeza e purificação do corpo com folhas.

¹⁴² Reações negativas que atingem as pessoas. Um banho de folha, por exemplo, sem a devida orientação do jogo de búzios, pode causar desconforto e processos alérgicos. Na escola, também podemos reconhecer às kizilas no ambiente escolar, a exemplo de silenciamento, preconceito, discriminação, racismo, dentre outros.

- **TEXTO:** *Imagético*¹⁴³
- **DURAÇÃO:** 2 horas
- **RECURSOS:** Exposição de plantas no centro da sala.
- **ORGANIZAÇÃO DA SALA:** formação de bancadas e semicírculo.

Primeira Parte: Conceito de Ritual

Organizar a sala com as cadeiras em semicírculo e, no centro, colocar alguns tipos de folhas para chás, banhos, benzeduras, dentre outros. Ainda, na sala, distribuir quatro bancadas, cada uma representando um tipo de atividade do nosso cotidiano: a) cerimônia religiosa; b) aniversário; c) rotina no dia-a-dia; d) preparação de chás.

Dividir a turma em quatro grupos, de 08 a 10 pessoas, a partir das afinidades dos/as estudantes. Compartilhar o passo-a-passo dos eventos que estavam presentes nas bancadas. Sugerir que usem a imaginação para planejar esses eventos. Depois que todos os grupos terminarem, solicitar que eles/as escolham uma pessoa do grupo para socializar o que produziram.

Após que as equipes apresentarem e detalharem o passo-a-passo de cada evento, fazer um questionamento para os/as integrantes: "*O que vocês entendem por ritual?*". Deixar que os/as estudantes partilhem suas respostas e desenvolver uma discussão a partir delas.

Segunda parte: Mobilização para o convite

Após discutir o significado a palavra "ritual", convidar os/as aliados/as a sentar em semicírculo para observar algumas folhas de plantas que estavam no centro. Essa atividade visa promover o diálogo sobre possíveis experiências que eles/as já vivenciaram com o uso das folhas, em diversos tipos de rituais.

Logo após os/as aliados observarem, fazer as seguintes perguntas: *Vocês conhecem alguma dessas plantas? Vocês sabem para que servem essas plantas? Alguém, aqui, já utilizou banho de folhas?*

Para reforçar a ideia de que os rituais, principalmente de banhos de folhas, estão presentes no nosso dia-a-dia e em diversos espaços, convidar uma funcionária, A.P., por ser uma pessoa

¹⁴³ Texto Imagético é aquele que, para construir sentido, utiliza os sons, as formas, as cores, e especialmente as imagens.

mais experiente que cuida, conhece e utiliza as ervas do jardim do CELVF, para relatar sua experiência com os rituais de banho de folhas.

Após a funcionária relatar as suas experiências, perguntar se os/as aliados/as já ouviram essa discussão no espaço escolar?

Depois de ouvir suas respostas, convidar os/as aliados/as para participarem do projeto, por meio de uma cartografia elaborada no quadro branco, na qual serão traçados os rastros e caminhos do percurso teórico-metodológico que os/as estudantes e eu iremos realizar, como participantes da pesquisa.

Observação: Após a realização desse primeiro Momento, surgiu a demanda de conhecer a história de vida e o contexto sociocultural dos/as aliados/as e, também, conhecer o espaço escolar. Assim, os roteiros das sequências, a seguir, foram sendo elaborados/atualizados a partir das demandas que foram surgindo nas experiências vivenciadas.

2 - SEGUNDO MOMENTO ANCESTRAL: Quem sou eu?

OBJETIVO: Contextualizar o/as participantes da pesquisa, através da sua história de vida e de seu contexto social e cultural, além de conhecer a importância das diversas folhas existentes no jardim da escola e sua utilidade para a comunidade escolar.

TEXTO: *Imagético e escrito (Autobiografia).*

DURAÇÃO: 2h

RECURSOS: lápis; caneta; caderno e o diário de bordo

ORGANIZAÇÃO DA SALA

- Organização em semicírculo
- O professor disponibilizará uma imagem dele com os/as estudantes, para cada aliado/a.

2.1 - Primeira Parte: Conhecendo o Espaço Escolar

Na biblioteca do CELVF, colocar algumas plantas na sala e retomar as ideias do encontro anterior para lembrar o que discutimos naquele dia. Em uma roda de conversa, perguntar se alguém lembra do que foi discutido no encontro passado.

Depois desse diálogo, convidar os/as aliados/a para caminharem pelo espaço escolar, principalmente pelo pátio, na área de vegetação, que possui folhas utilizadas pelas pessoas da comunidade escolar. Ao chegar ao jardim do colégio, a funcionária A.P. irá relatar a sua experiência com o jardim e como ela cultiva e utiliza as folhas.

Observação: Aqui, nessa atividade, surgiu a demanda dos/as aliados/as e eu visitarmos e partilharmos conhecimentos com um mestre ou uma mestra da cultura popular que cuidasse de um quintal ancestral, com várias plantas que servissem para fins medicinais e/ou religiosos.

2.1 - Segunda Parte: Quem sou Eu

O objetivo dessa atividade é conhecer a história de vida e o contexto socio-cultural dos/as aliados/as e eles/as conhecerem o meu. Na biblioteca, distribuir uma foto impressa em papel ofício e solicitar que eles/as observem ela. A foto tem a minha imagem e a dos/as estudantes em um projeto no CELVF. Segue a foto:



Fonte: autor, 2013.

Após isso, propor uma atividade que visa demonstrar, através da leitura dessa imagem, pelos/as aliados/as, que as pessoas têm semelhanças e diferenças em relação às histórias e experiências de vida. Utilizar principalmente, junto à foto, as vivências de cada um dos/as aliados/as com as folhas, aproveitando a discussão anterior, do primeiro Momento Ancestral e no jardim. A partir desta análise da imagem, desenvolver um diálogo, considerando perguntas como: *Onde foi*

tirada essa foto? O que vocês acham que essas pessoas estão fazendo? Normalmente quando vocês estão nesse local e estão sentados dessa forma é para quê? Neste ritual, o que a pessoa que está tirando a foto tem de diferente das outras pessoas? Existe só uma forma de realizar um ritual, nessa sociedade multicultural?

Então, considerando que a comunidade escolar é heterogênea e multicultural e reconhecendo que cada um tem uma história de vida, um sonho, um desafio, uma conquista diferente de outras pessoas, sugerir aos meus/minhas aliados/as que abrissem o caderno, que chamamos de diário de bordo, e escrevessem uma autobiografia, intitulada "Quem sou eu?".

Nessa autobiografia, os/as aliado/as deverão relatar a sua história de vida, a partir das seguintes perguntas: Qual a sua faixa etária? Onde você mora? Onde você nasceu? Como se autodeclara em relação a sua raça e cor da pele (preta, branca, amarela, parda...)? Como a sua família é constituída? Qual a sua religião e a do seu responsável? Como é a sua vivência no dia-a-dia e com projetos didáticos, aqui, no CELVF? Em relação ao uso de plantas, quais as suas experiências e de seus responsáveis com ao uso das folhas?

O professor também deve escrever a sua autobiografia, para que os/as aliados conheçam a sua história de vida e seu contexto sociocultural.

No momento seguinte, o professor deverá levar, para a sala, a sua autobiografia, utilizando imagens do percurso de sua vida, discutindo às questões que foram levantadas no momento anterior e mobilizar os/as aliados/as para que eles/as também relatem e socializem as suas autobiografias.

Observação: Nesse momento, surgiu a demanda de conhecermos os Quintais Ancestrais, pois percebi, nas rodas de conversas e nas autobiografias, que eles falavam muito nos quintais de suas casas, de seus avós, de seus familiares como um espaço de recreação, cultivo de alimento e, também, de cura. Então, sugeri o Quintal ancestral de Dona Edna para a visita de campo. Aqui, surgiu o Terceiro Momento Ancestral.

3 - TERCEIRO MOMENTO: Vivência no Quintal de Dona Edna

OBJETIVO: Compreender a importância dos quintais Ancestrais na manutenção dos rituais de chás, banhos e benzeduras.

O QUE VAMOS PARTILHAR:

Os rituais com as folhas desenvolvidos por Dona Edna em seu Quintal Ancestral.

O QUE VAMOS PRODUZIR:

-Roteiro para atividade de campo.

- Relatos escritos e orais da pesquisa de campo sobre os rituais com as folhas sacrais e medicinais no Quintal de dona Edna.

TEXTO: escrito e oral

DURAÇÃO: 3 horas.

RECURSOS: Lápis; caneta; caderno e o diário de bordo.

ORGANIZAÇÃO DA SALA: Atividade de Campo.

3.1 Primeira Parte: Escrita colaborativa do Roteiro

Para elaborar a escrita do roteiro, reunir-se com os/as aliados/as e planejar a atividade de campo coletivamente. Informar que iremos realizar uma visita ao Quintal de Dona Edna. Sugerir que cada um dos/as aliados/as elabore perguntas para dona Edna, no decorrer da vivência no quintal.

Segue o roteiro:

**ROTEIRO DA ATIVIDADE DE CAMPO NO QUINTAL DA CASA DA MESTRA
PROFESSORA EDINHA**

INTRODUÇÃO

1 - Entrega de buquê de rosas branca ou em pé de Lírio da Paz.

2 - Eu, o professor pesquisador, apresentarei os/as estudantes se apresentem para professora Edna e explicarei o porquê da visita ao quintal da casa dela?

3 - Quem é a professora Edna?

O professor pesquisador pedirá a professora Edna para se apresentar aos/as estudantes e pedirá que os/as estudantes se apresentem para professora Edinha. O professor, juntamente com a professora Edna, conduzirá os/as estudantes a Conhecerem o local.

RODA DE CONVERSA:

Depois que os/as estudantes conhecerem o local com a professora Edna, será proposto uma roda de conversa.

Questões elaboradas com os estudantes para conduzir a roda de conversa no quintal da professora Edna:

1. Qual a relação da senhora com a natureza?
2. Por que a senhora criou esse quintal com essa variedade de plantas?
- 3-Quais as folhas no seu quintal utilizadas para chás e para tomar banho?
- 5-A senhora conhece alguém que toma banho de folhas?
- 4 - A senhora sabe como se prepara algum tipo banho, (rituais)?
- 5 - A senhora pode nos contar como teve acesso a esses conhecimentos sobre os banhos de folhas?

ENCERRAMENTO:

Pedir para os/as alunos falarem como foi essa experiência para eles.

Sugerir para que a professora Edna faça o encerramento.

3.2 Segunda Parte: Visita ao quintal de D. Edna

No dia seguinte, depois da escrita do roteiro, visitar o quintal da professora Edna.

Apresentar a turma a dona Edna e explicar que estávamos no local para partilhar conhecimentos sobre os diversos tipos de plantas que ela cultiva.

O aliado Camomila irá entregar um pé de lírio da paz para dona Edna, como forma de agradecimento pela acolhida. Essa flor, segundo o aliado Camomila, traz paz ao ambiente e equilibra o nosso espírito.

Após dona Edna receber às flores, ela irá se apresentar e caminhar pelo quintal com os/as aliados/as e comigo, para conhecermos o local. Ela informará a origem das plantas, o nome popular, como e para que é utilizada.

Em seguida, após ouvirmos e trocarmos conhecimentos, acompanhando Dona Edna no seu quintal, realizar uma roda de conversa, quando todos/as poderão fazer perguntas a Dona Edna. Depois da Roda de conversa, sugerir que os/as aliados/as relatem, de forma oral e escrita, sobre sua experiência durante a visita ao quintal de professora Edna e, depois, que a mestra Edna realize o encerramento das atividades.

Observação: Dessa vivência com Dona Edna, surgiu a demanda de compartilharmos conhecimentos com as/os mestres/mestras ancestrais chamados de Benzedeadas/Benedores, pois os/as aliados/as trouxeram curiosidades e vivências sobre a relação dos seus avôs e avós benzedeadas/benedores com as folhas do quintal de casa para os diversos rituais.

4 - QUARTO MOMENTO ANCESTRAL: Mestra Benzedeadora Anair

OBJETIVO: Desconstruir estigmas sobre os rituais de benzeduras e banhos de folhas desenvolvidos pelas Benzedeadas.

O QUE VAMOS PARTILHAR:

Os rituais de benzimentos e banhos de folhas desenvolvidos pela Benzedeadora Anair.

O QUE VAMOS PRODUZIR:

- Relatos escritos e orais da vivência sobre os rituais com as folhas sacrais e medicinais utilizados pela Benzedeadora Anair

TEXTO: escrito e oral.

DURAÇÃO: 3 horas.

RECURSOS: Lápis; caneta; caderno e o diário de bordo.

ORGANIZAÇÃO DA SALA: A benzedeadora ficará a vontade para organizar a sala.

4.1 Primeira Parte: Escrita colaborativa do Roteiro

Os/as aliados/as e eu, nos reunimos na biblioteca do CELVF e sugerimos que o encontro com a Benzedeadora fosse em um local fora da unidade escolar, pois não tínhamos salas de aula disponíveis e nem uma área externa coberta para realizarmos a vivência. Então, o aliado Aroeira sugeriu no auditório da biblioteca Municipal de Candeias, pois, segundo ele, o local era amplo, arejado e ficava há dois passos de nosso Colégio.

Sugerimos que cada um dos/as aliados/as elaborassem perguntas para a benzedeadora Anair, no decorrer da vivência com ela. Segue o roteiro:

ROTEIRO DA ATIVIDADE DE CAMPO MESTRA BENZEDEIRA ANAIR

- 1- Entrega de um presente para Anair.
- 2- Eu, o professor pesquisador, solicitei que os/as aliados/as se apresentassem para a benzedeira Anair:
- 3 - Quem é a mestra e benzedeira Anair?
- 4- O professor pesquisador Solicitará que a benzedeira fique a vontade e se apresente para os/as estudantes e todas as pessoas que estão no momento.

RODA DE CONVERSA:

Dialogar com a benzedeira Anair sobre suas experiências com as folhas sacrais e medicinais. Seguem as questões elaboradas no decorrer da vivência com a Benzedeira pelos aliados/as e o professor-pesquisador:

- 1- Qual a relação da senhora com a natureza?
- 2 - Qual a importância das plantas para a senhora?
- 3- Onde a senhora colhe essas folhas que a senhora utiliza para chás, banhos e benzimentos?
- 4 - Qual o ritual para colher essas folhas?
- 5-. Quais os cuidados que devemos ter ao utilizar plantas em banho, especialmente em relação à dosagem e possíveis reações alérgicas?
- 6 - A senhora sabe como se prepara algum tipo banho, (rituais)?
- 7 - A senhora pode nos contar como teve acesso a esses conhecimentos sobre os banhos de folhas?
- 8- O que lhe motivou a benzer e a passar banhos de folhas para as pessoas?

ENCERRAMENTO:

- Pedir para os/as alunos falem como foi essa experiência nesse Momento Ancestral.
- Sugerir para que a Mestra Anair encerre o Momento.

4.2 Segunda Parte: Vivência com os rituais de Benzeduras

No dia seguinte à escrita do Roteiro, chegar ao local, com a benzedeira, e organizá-lo conforme a vontade dela.

Quando os/as aliados/as chegarem no auditório, serão recebidos pela benzedeira Anair e serão encaminhados para a roda de conversa. Os/as aliados poderão sentir o aroma de cada folha que será exposta e, também, tirar suas dúvidas sobre o uso de cada uma delas.

Após o diálogo, a benzedeira Anair poderá fazer o ritual de benzedura nos/as estudantes que assim desejarem.

Observação: Nesse Momento Ancestral surgiu a demanda de compartilharmos experiências e conhecimentos com os/as erveiros/as da Feira de São Joaquim, pois um aliado, dialogando com a mestra benzedeira Anair, perguntou onde ela encontrava as folhas para os rituais. A mestra Anair explicou que quando não achava nas matas e nos quintais, comprava na Feira de São Joaquim, na cidade de Salvador-BA. Aqui, surgiu o Quinto Momento Ancestral.

5 - QUINTO MOMENTO ANCESTRAL: Vivência com Erveiros na Feira de São Joaquim

OBJETIVO: Compreender como os conhecimentos dos erveiros sobre folhas sacrais e medicinais mantém os rituais de banhos de folhas e benzimentos em diversos espaços ancestrais.

O QUE VAMOS PARTILHAR:

Partilha dos conhecimentos sobre as folhas comercializadas pelos erveiros da Feira de São Joaquim.

O QUE VAMOS PRODUZIR:

- Relatos escritos e orais da vivência sobre os rituais com as folhas sacrais e medicinais comercializadas por Erveiros da Feira de São Joaquim.

TEXTO: escrito e oral.

DURAÇÃO: 3 horas.

RECURSOS: Lápis; caneta; caderno e o diário de bordo.

ORGANIZAÇÃO DA SALA: Atividade de campo

5.1 Primeira Parte: Visita Prévia ao local

Antes de me reunir com os/as aliados/as para a escrita do roteiro da atividade de campo, visitei um dia antes à Feira de São Joaquim para conhecer os erveiros e erveiras do local. Conversei com cada um/a deles/as, pedindo permissão a eles/elas para desenvolver a minha pesquisa de

mestrado e perguntei se eles/as compartilhariam conhecimentos com os/as aliados/as. Pedi permissão para aos erveiros para realizar a pesquisa juntamente com os/as aliados.

5.2 Segunda Parte: Escrita colaborativa do Roteiro.

A partir do momento anterior, me reuni com os/as aliados/as para a escrita colaborativa do roteiro a seguir:

ROTEIRO DA ATIVIDADE DE CAMPO FEIRA DE SÃO JOAQUIM

1 - Um dia antes à Feira de São Joaquim

Antes da visita à feira, assistir ao documentário¹⁴⁴ intitulado *Arquitetura: Feira de São Joaquim*, que trata do contexto socio-histórico-cultural dessa feira, desde a sua construção. Relatar, também, a importância dos/as erveiros para a manutenção dos rituais de benzimento, devido os processos de urbanização e desmatamento, que diminuem os quintais e a mata atlântica existente na região metropolitana de Salvador.

2 - Visita à Feira de São Joaquim

Eu, o professor pesquisador e os/as estudantes nos apresentaremos aos Erveiros.

Falar aos erveiros e o porquê estamos participando desse momento.

Buscar conhecer quem são os erveiros que estão partilhando os seus conhecimentos.

3 - Roda de conversa

Essa atividade será desenvolvida para os erveiros dialogarem com os/as aliados sobre as suas experiências com a comercialização das folhas sacrais e medicinais. Os/as aliados/as sugeriram elaborar questões para conduzir a roda de conversa com os erveiros.

Seguem as questões elaboradas no decorrer da vivência com o erveiro pelos/as aliados/as e o professor-pesquisador:

1- Como o senhor começou a vender essas ervas? De onde veio essa ideia? E com que idade?

2 - quais as folhas que o senhor mais vende?

¹⁴⁴ Documentário *Arquitetura: Feira de São Joaquim*. Youtube, 2016. Disponível em: ><https://www.youtube.com/watch?v=fEp6p5zRKm0&t=1228s>>. Acesso em 03 de dezembro de 2013.

- 3 - Para que tipo de rituais essas pessoas usam essas ervas?
- 4 - O senhor costuma indicar banhos?
- 5 - Quais tipos de banhos o senhor mais indica?
- 6 - O senhor pode falar um pouco de como são preparados esses banhos?
- 7- Quais são os benefícios que tem nessas folhas que o senhor indica para banhos?
- 8 - Como esse trabalho ajuda a sua família?
- 9- O senhor tem alguma experiência interessante com as ervas que queira compartilhar?
- 10 - Quais as mudanças que o senhor observou ao longo dos anos aqui na Feira?

Encerramento:

Pedir para os/as alunos falem como foi essa experiência nesse Momento Ancestral.

Sugerir para que os erveiros encerrem o momento.

5.3 Terceira Parte: Vivência com os erveiros da Feira de São Joaquim

Um dia depois do planejamento da atividade de campo e a elaboração do roteiro, os/as aliados, uma funcionária e eu, farei a visita à Feira de São Joaquim. Ir às barracas dos erveiros, um por vez. Eles irão se apresentar. Depois disso, os/as aliados/as poderão fazer perguntas e dialogar com os senhores que aceitaram nos receber.

Observação: Nesse Momento Ancestral surgiu a demanda de compartilharmos experiências e conhecimentos com os/as adeptos do Terreiro de Candomblé, pois esse erveiro relatou que aprendeu a cultivar, a comercializar e a prescrever folhas para benzimentos e, chás e banhos com a sua mãe biológica que era Mãe de Santo. E que a maioria das plantas que ele comercializa eram vendidas para adeptos do Candomblé.

6 - SEXTO MOMENTO ANCESTRAL: Vivência no Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi.

OBJETIVO: Identificar e desconstruir kizilas em relação aos rituais presentes no Candomblé, incluindo o uso de banhos de folhas sacrais e medicinais.

O QUE VAMOS PARTILHAR:

Partilhar com os adeptos do Candomblé conhecimentos sobre os rituais de banhos e sacudimentos de folhas sacrais e medicinais.

O QUE VAMOS PRODUZIR:

Relatos escritos e orais da vivência sobre os rituais de banhos de folhas e sacudimentos, com os adeptos do Onzo Matondo Tata Nzambi.

TEXTO: escrito e oral.

DURAÇÃO: 3 horas.

RECURSOS: Lápis; caneta; caderno e o diário de bordo.

ORGANIZAÇÃO DA SALA: Atividade de campo no Espaço Ancestral Terreiro Onzo Matondo Tatata Nzambi.

6.1 Primeira Parte: Escrita colaborativa do Roteiro

No Sexto Momento Ancestral, analisei as demandas que foram surgindo desde o desenvolvimento do Primeiro Momento, para que os/as aliados e eu pudéssemos conhecer e partilhar conhecimentos sobre o uso das folhas sacrais e medicinais em um Terreiro de Candomblé.

Então, me reuni com os/as aliados/as para a escrita colaborativa do roteiro, o qual partilho a seguir:

**ROTEIRO DA ATIVIDADE DE CAMPO TERREIRO ONZO MATONDO TATA
NZAMBI**

1 - Um dia antes à visita ao terreiro

Antes da visita, me reunir com os/as aliados/as e, em uma roda de conversa, falar sobre a dinâmica desse espaço ancestral e sua história. Depois, relatar a história de Pai Bené, fundador do Terreiro. Após o diálogo sobre a dinâmica e a história do Terreiro, pensar sobre o momento de chegada e apresentação no Terreiro.

2 - Visita ao Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi

Sugerir que Mãe Nany conduza toda a atividade. Desde a entrada dos/as estudantes até a saída do Terreiro.

3 - Roda de conversa:

Os/as aliados/as sugeriram elaborar questões para conduzir a roda de conversa. Seguem as questões elaboradas no decorrer da vivência Mãe Nany e outros/a adeptos do candomblé:

- 1 - Lá no Colégio eu vejo professor Diego falando que exu abre os caminhos, que nada acontece sem a presença dele. A senhora me explica mais sobre isso?
- 2 - Só a Mãe de Santo pode passar banhos?
- 3 -Existem dois banhos, o macerado e o fervido. Qual a diferença?
- 4 - Quais são esses elementos que estão aqui no jogo de búzios?
- 5 - Como se dá a caída do jogo de búzios para a prescrição de banhos de folha?
- 6 - Todos esses objetos são retirados da natureza?
- 7 - Esse ritual de sacudimento serve para quê? Qualquer um pode fazer?
- 8 - Para que serve esse ritual que passa a água na cabeça?

3 - Encerramento:

- Pedir para os/as alunos falem como foi essa experiência nesse Momento Ancestral.
- Os/as aliados/as sugeriram que Mãe Nany encerre as atividades.

6.2 Segunda Parte: Vivência com os/as adeptos do Terreiro Onzo Matondo Tata Nzambi

Um dia depois do planejamento da atividade de campo e a elaboração do roteiro, os/as aliados/as e uma funcionária chegarão no Terreiro, a tarde, e serão recepcionados por Mãe Nany, que fará o ritual da quartinha. Depois desse ritual, Mãe Nany explicará sobre o oráculo ancestral, o jogo de búzios, relatando que tudo do Candomblé se inicia através do jogo de búzios.

Em seguida, Mãe Nany irá convidar a todos/as que estavam presentes para se sentarem em semicírculo e as filhas de Santo irão demonstrar como se faziam rituais de banhos de folhas de descarrego e banho de cheiro.

Depois desse Momento, Mãe Nany levará a todos/as para conhecerem o terreiro, mostrando as casas dos Nkisis. Logo após, ela explicará o ritual de sacudimento e convidará um/a aliado/a para participar. Ficará a critério deles/as aceitarem o convite ou não.

Depois do ritual de sacudimento, Mãe Nany convidará a todos/as para visitar a Cabana do Caboclo, Ancestrais indígenas, e explicará que os rituais de banhos estão sempre associados, no Candomblé de Angola e caboclos.

Após os/as participantes conhecerem os caboclos, Mãe Nany convidará a todos/as para comerem um prato ancestral, o caruru e outras iguarias afro-brasileiras e indígenas.

Essas *Sequências de Vence-Demandas* que apresentei é composta por Seis Momentos Ancestrais integra e é recurso educacional, junto a essa dissertação, da minha pesquisa, composta pela minha vivência e a dos/as aliado/as, dos/as mestres/as da cultura popular e das pessoas que compõem a comunidade escolar, com os rituais que utilizam as folhas sacrais e medicinais, principalmente com os banhos, presentes em diversos espaços ancestrais.

Com estes Momentos, intento fomentar o diálogo entre as culturas escolar, dos/as aliados/as e da cultura dos banhos de folhas, do Terreiro Onzo Matondo, das Benzedeiras, dos Erveiros/as e das mestras que cultivam quintais ancestrais.

ANEXO B: Autobiografias de alguns/algumas aliados/as e a minha.

Auto biografia Pembelê Nzila.
 DST Q O S S 26 | 10 | 2023
 D L M M J V

Quem sou eu?

Meu nome é Diego Angelo. Nasci e moro em SS Sebastião do Passé - BA, área metropolitana de Salvador. Eu sou o quinto filho de Benedito (Pai Beni) e Mãe Maria. Meus pais e eu somos Condombletistas. Meu pai é pai de Sauto e minha mãe é mãe de Sauto. Eu falo do meu pai, como se ele estivesse vivo, aqui entre nós, em nome dele. Nós acreditamos que meu pai deixou esse mundo terreno. Isso aconteceu em 2014, ele teve um AVC hemorrágico. Mas, vamos para a outra parte da minha história. Minha mãe ajudou o meu pai no terreno com as rituais, por isso que ela acabou de ter um terreno para ajudá-lo.

Eu fui iniciado no Condomblê com 06 anos e permaneço até hoje. Desde esse tempo para cá, eu sofro com a intolerância religiosa e o racismo religioso, tanto na minha comunidade, quanto no ensino formal (perpassando para a escola).

Inquanto a minha auto (declaração) eu me considero pardo (negro), tenho o ensino superior completo, sou professor e tenho orgulho de ser do Condomblê. A minha experiência com as folhas e o banho é desde pequeno no condomblê. Desde novo eu via as pessoas saindo com o cabelo cheio de folhas e depois tive que tomar banho para me curar de uma febre de dor de garganta.

D S T Q S S
D I M M J V S

Minha vida

Olá, mi chamo [redacted], vou conta um pouco da minha vida pra vocês, desde pequeno eu sou muito alegre, tem 19 anos e na minha vida sempre morei na ilha de mais e lá aprendi muitas coisas legal na casa de meus avós, me desmarchada o amor e o carinho com os animais e plantas.

Tudo mais vamos a grande maioria de quem tá de indo lá na minha infância sempre tinha de costume de levar dentro de mangue e matos, meus brinquedos e amigos e os galos que eu fazia filho de fazam os filhos de minha gosto muito de ajudar a pessoas isso nasceu de mi e eu amo, mais sei se meus Tios ou Tia completaram os estudos.

Uma vez que antigamente eles iam pra escola e levanta os materiais escolares dentro do saco de compra, com essa consideração deles eu Terei curiosidade de pesquisar tudo da vida da minha vida eles sempre Tona Chás de varia padão. quando eu morei mas cambiei meu endereço de Porto de foi de Tem 19 anos de idade. Todas que me conheci para que eu fosse todo com ele, mais em Salvador no Hospital Geral João Batista Pauli - Av. Afonso Luis de S. - fica em Louto e sempre gosto de dança, mais pra parte de conto mais da minha vida.

D S T Q Q S S
D I N M J V S

Foi ai que tudo que eu descolava minha
peças por plantas, Com 5 anos criei um
jardim na frente de casa e no quintal
meu quintal eu cultivava, Bordo, Comemila,
Benzilaxil, etc.

Depois que meus pais viram que eu não
queria mudar completamente.
meus pais decidiram tudo, e tinha vez que
era brigosa, mas o tempo passou com
14 anos eu decidi ter meu próprio quarto
e minha coisa, e assim é minha vida
depois de ter meus irmãos.

Grande foi a alegria da casa então
comecei a fazer que cada ano que passava
eu não me podia no meu mundo e
até mesmo criei um amigo imaginário
que até hoje, convive com amigos e eu
fiz descolava uma prova por plantas
e livros.

Tudo me pergunta como eu me consi-
dero quem eu me considero meigo e dig
dependente de todos e isso é o que me
importa. Sou meigo como muito
orgulho.

D S T Q S S 01/11/2023
D I M J V S

Minha autobiografia

QUEM SOU EU?

Eu sou [redacted], Tenho 16 anos, nasci no dia 12 de janeiro de 2007 em Camdeias-BR no hospital Duro Negro. Atualmente moro na mesma cidade, só que em bairro diferente, moro no distrito de Passé, mas passo a maior parte do tempo na casa de minha avó no distrito de fazenda Mamão. Me considero uma pessoa negra, minha mãe era negra e meu pai é branco/pardo. Minha mãe estudou até a 9ª ano, mas depois, já adulta voltou a estudar, cursando o ensino médio, faleceu antes de concluí-lo, este ocorrido aconteceu quando ela foi dar a luz a meu 3º (último) irmão. Não sei até que ano meu pai estudou.

Hoje em dia moro com minha tia. Sou católica desde muito quando morava com minha madrinha, a maior parte da minha família - exceto obviamente a Paterna - são católicas, mas também tem assembleiários e universal ^{prém} a mãe sei a religião dos parentes distantes.

Meu pai trabalha de moto taxi e a minha tia que é minha responsável trabalha em um posto de saúde, eu ainda não trabalho mas quero muito, Para poder comprar as coisas que eu quero e poder ajudar nas despesas de casa.

Minha família tem muitas experiências com plantas, como quando uma vez eu e meus irmãos centricamos a vituvas da catapora fizemos o uso da folha de sabugueiro, tanto como o bambu dessa folha, quanto o chá - que na minha opinião é horrível -, outra experiência que eu tive foi com o chá da folha de pitanga, amava tomar ele gelado. Minha tia já teve ~~tem~~

Jandaia

D S T Q O S S
D L M W I V S

Também várias experiências com plantas que aprendeu com minha avó que já é falecida eu lembro que era com a galha de eucalipto, ela fazia o chá e molhava a toalha com ele e enrolava ela na cabeça para inalar o cheiro do chá. Porém depois não podia tomar nenhum tipo de vento, ela usava isso para amenizar a tosse.

Estou gostando muito de ter a experiência de ajudar a comunidade do Colégio Diego, em meu estudo da mentação, com o tema: Destruir tudo: a dinâmica circular dos bambus de galha no Colégio Estadual Luiz Viana Filho. Está sendo muito interessante, pois estamos obtendo mais conhecimento e aprendendo um com os outros e também conhecendo um pouco de cada um de nós, além percebendo que o Brasil é um país de diversidade onde cada um possui uma história diferente, vêm de lugares diferentes, possuem religiões e etnias diferentes. Podemos assim entender que cada um tem seu jeito diferente e devemos respeitá-los todos. Também estou aprendendo muito sobre o uso das plantas e sãas que servem.



Alcazema:

- É rica em óleos voláteis que ajudam a diminuir a ansiedade e a agitação. Ela tem ação calmante e sedativa.

Atua: prevenção, bons negócios e pessoas amigas.

Jandaia

○
○

ANEXO C: Diário de bordo de Alfazema com os registros, discussões e reflexões dos Momentos Ancestrais, incluindo o de Dona Edna.

D S T Q S S 16 | 11 | 2023
D I M M J V S

- Quinta-feira, dia 16 de novembro de 2023...

Atividade de Campo

• Visita a casa de Da Edna (Pr: Edinha)

• Pergunta para a Professora Edna:

↳ - Quais cuidados devemos ter ao utilizar plantas em banhos e chás, especialmente em relação à dosagem e possíveis reações alérgicas? R: Evite folhas verdes, use folhas mais velhas, que estão secas. Podem que não sejam secadas de qualquer forma. A preparação do chá é apenas colocar a água para ferver, depois com o fogo apagado, coloca as folhas/plantas e tampa.

• Curiosidades sobre a professora:

- Ela é da religião católica, mas possui preferência com outras religiões.

- Ela não utiliza muito as folhas para banho ou bebedeira.

- Ela possui um ritual de molhar as plantas todos os dias às 6hs da manhã e pela tarde.

- Ela vende plantas, e com o dinheiro arrecadado, distribui sextas básicas para as famílias mais carentes.

• Plantas que conhecemos no quintal da professora:

- Monte-pão grosso →
Veio da Europa, por

de para tempero, remédios em tratamentos da respiração, tosse quente, entre outros sintomas.

- Quijó/trio:

→ serve para febre, para tirar o catarro (cozinha e lava a cabeça)

3303 | 27 | 31 DSTQOSS
D L M M J V S

- Capim-santo / Capim-limão
 - ↳ serve para gripe, sistema nervoso, chá calmante, alívio de dor de estômago, abdominal e estômago de cabeça.
- Coentro de boi / Coentro da Índia
 - ↳ serve para tempero, para tratar o derrame que afetou a fala, melhora a digestão e combate gases intestinais, e para aliviar enxaqueca.
- Acenola
 - ↳ Rica em vitamina C, o chá da folha da acenola serve para prevenir e ajudar a tratar doenças como gripe, dor de garganta ou excesso de gases e para o emagrecimento.
- Pitanga
 - ↳ Rica em diversas vitaminas, boa para a pele e seu chá é o bom para a gripe.
- Bastão do Imperador
 - ↳ lindo para decoração, suas cores variam em rosa e vermelho.
- Tapete de oxala / boda da terra
 - ↳ serve para problemas respiratórios, problemas cardíacos, distúrbios intestinais, distúrbios do sistema nervoso.
- Cacau
 - ↳ pode servir para doenças cardiovasculares.
- São Gonçalinho
 - ↳ Equilibram o ambiente e chamam prosperidade, é usado em ritual católico e do candomblé.
- Costela-de-Adão
 - ↳ Atrai boas energias, pode servir para a dor no tornozelo.
- Capelô
 - ↳ serve para bronquite asmática, distúrbio alimentar, alívio dor e infecções, e no candomblé serve para a mente.
- Embaúba branca
 - ↳ serve para limpar manchas na pele, para cicatrizar e expectorante.

Jandaia

○

○

D S T Q Q S S
D I M M J V S**- Trevo**

Planta comestível, é anti-inflamatório, princípio -
Palmente para rins, bexiga
e fígado.

- Onça-pão - móbil

fonte rica em fibras, que
desempenham um papel crucial
na manutenção da saúde da
microbiota intestinal.

- Araruto

Boa para o tratamento do
câncer, fortalece o sistema
imunológico.

- Caju - manteiga

Bom para o estômago, rico
em vitaminas, fibras, cálcio e
ferro, ação antioxidante.

- Babosa

Cicatrizante queimadura,
boa para o cabelo

- Alecrim

Serve para temperar, en-
foca a digestão, alivia a dor de
cabeça e combate ao cansaço, o
chá ajuda na pressão baixa.

- Masturiz

Serve para veneno,
machucado, utiliza como anti-
inflamatório. O chá ou a im-
são das folhas ajudam a aliviar
sintomas e combater doenças
como reumatismo, sinusite, rinite,
gripe e resfriado, catarro e tosse crô-
nica, inflamação da garganta, dor
cólica e até asma.

- Nikora

Para congestão nasal, como
icenso, tem propriedades anti-
microbianas, anti-inflamató-
rias e antioxidantes.

- Lanterna-chimesa

Anti-inflamatório, cicatrizan-
te, as flores e os frutos cozidos
vender podem ser preparados
com carne.

- Fava-pimenta de cobra

Para problemas renais,
furúnculos, feridas, queimaduras,
catarro, tosse, problemas pulmonares,
problemas das artérias, coágulo e fe-
bres inflamatórias.

D S T Q S S 29 | 11 | 2023
D L M M J V S

Quarta-feira, dia 29 de novembro de 2023

Atividade de Campo

• Encontro na biblioteca da cidade com a benzedeira Arait

• Dona Arait nasceu em Salvador, mais foi criada numa chamada Alagoas, no Recôncavo, se mudou para São Sebastião em 1979, depois se mudou para Santo Antônio de Jesus. Desceendente de agricultores, foi criada inicialmente no catolicismo, seu avô eraromeiro, mas sentia-se atraída pelo candomblé, e aos 27 anos emulou-veu-se completamente em esta religião. Parou de estudar aos 14 anos, mas voltou aos 28 anos por conta do Projeto do governo, o qual, exigia o ensino médio completo.

• Plantas representadas e sua veruência:

- Folha de Pitanga, Uassu-
mirim, quião e azeite; usado para fazer ma-
-lhado; - Peço branco/roxo, água de alavante; usado para fazer maquina;

- água de alavante também usado para levantar a auto-
-estima; - Pitoco: usado para agradar o arto da guarda;

- Bambu da folha da goiaba: antibiótico natural; - folha do urubu: Para imersão (antibiótico natural).

Jandaia

306 | 22 | 19 DSTQSS
D L M M J V S

- Calim cabloco/cipó

cabloco: anti-inflamatório,
calmante, antibactericida,
digestivo, diurético e indutor
do sono.

- Umburama de cheiro:
usada no tratamento de
doenças respiratórias e
intestinais.

- Noz mescada: para disenteria,
pressão alta e diabete.

- Erva de São-Jorge
e erva de regum: para
descarrego

- Erva de Santa Maria:

A geleia da Frutinha serve
para Chikungunya.

• Como preparar os banhos das folhas:

- Macerar as folhas na água (se não for banho quente)
enquanto pode ir fazendo pedidos, deixa um pouquinho
na água e depois retira as folhas e joga em
algum lugar que tenha terra ou planta (de volta
para a natureza).
ou travete.

• É recomendável tomar o banho antes das
06/18 hrs ou depois, e antes das 12/00 hrs ou depois.

- Primeiro a pessoa toma o banho normal com sabão
e depois o banho das folhas, não deve se enxugar,
apenas vestir a roupa e

• Momento em que ela benze a pessoa para mau-olhado:

faz o sinal da cruz com as folhas específicas na pessoa,
depois começa a massar enquanto vai tocando a pessoa,
passando a folha nela, e no final reza um Pai Nosso, Ave-

Maria de 30x mulher e 1 Pai Nosso e 3 Ave-Marias de

Jandaia

o 30x homem.

o

D S T Q S S | 06 | 12 | 2023
D I M M J V S

Quarta-feira, dia 06 de dezembro de 2023

Atividade de de Campa

- Visita a feira de São Joaquim
- Conversa com os exibeis

♥ feira localizada na cidade de
Salvador - BA

Conversa com o exibeis Mário:

- Ele trabalha na feira há +/- 40 anos, começou aos 16 anos ensinado por sua mãe.

Plantas apresentadas por ele para descarte:

- | | |
|-------------------|-------------------|
| • Abre-caminho; | • Maquiagem; |
| • Venço Tudo; | • Quebra feitiço; |
| • Muxici; | • Para não; |
| • Camela de veio; | • Cerejeira. |

Obs: Não consegui amatar muitas coisas pela conta do movimento na feira e o barulho, fora que toda hora eu me distraía com algo diferente que eu vi no local e a ansiedade de querer explorar mais o lugar.

O que achei desta experiência?

♥ Achei interessante já que nunca tinha visitado a feira. Tem uma diversidade de coisas e plantas, achei interessante que ao contrário da feira de Cambeias,

Jandaia



D S T Q S S 06 | 12 | 2023
D I M M J V S

Quarta-feira, dia 06 de dezembro de 2023

Atividade de Campo

• Visita a feira de São Joaquim

Conversa com os exibeis

♥ feira localizada na cidade de
Salvador - BA

Conversa com o exibeiro Mário:

- Ele trabalha na feira há +/- 40 anos, começou aos 16 anos ensinado por sua mãe.

Plantas apresentadas por ele para descarte:

- Abre-caminho;
- Vence tudo;
- Muxí;
- Carnele de vira;
- Macaço;
- Quebra frito;
- Para nao;
- Cereste.

Obs: Não consegui anotar muitas coisas pela conta do movimento na feira e o barulho, fora que toda hora eu me distraía com algo diferente que eu vi no local e a ansiedade de que-rem explorar mais o lugar.

O que achei desta experiência?

♥ Achei interessante já que nunca tinha visitado a feira.

Tem uma diversidade de coisas e plantas, achei interessante que ao contrário da feira de Cambeias.

○
○
○

Jandaia

D T Q Q S S 14 | 12 | 2023
D T M M J V S

Quinta-feira, dia 14 de dezembro de 2023

Atividade de Campo

• Visita ao terreiro Onzo Matomdo

Tata Ngambi

Curiosidades:

• A sucessora do terreiro é a Jorgiane, tendo sido seu Orixá em 1996. Ela é chamada de: mãe de santo ou mãe mani;

• O Candembé não existe nem as Plantas;

• Cada Pessoa tem seu Orixá, seu caminho;

• No Candembé nem todos tem vidência para o fogo de buzios;

• Foi fundado em 1948;

• Para lembrar um banco, é messário consultar o fogo de buzios;

• Alguns usados no fogo de buzios:

- bola de cristal;
- copo de cristal;
- cristal;

- Trigram/adiji: para chamar Orixá;
- miúda;
- moedas;

• Orixás: precisam de uma pedra para se alimentarem através delas;

• Cada um tem sua função no terreiro, e um nome próprio dado pelo seu Orixá;

• Orixá da saúde: Obalaxê

Diferentes banhos apetrechados como: banho de cheiro, banho de amok, banho para caminhos, de sapego e pra saúde.

Jandaia

D S T Q Q S S
D I M M I V S

O que achei dessa experiência?

- Foi bastante interessante e legal conhecer o espaço onde Diego vive, e queira muito tirar as dúvidas que eu tinha sobre a religião e do terreiro, Pna. Poder tirar o preconceito que as pessoas tinham sobre a religião, tanto que quase não pude^{façê-la} visita porque fui embaraçada que: já que já decidi qual religião eu quero seguir, não tem o porque visita outras.

Conhecemos o espaço ^{um pouco sobre} dos rituais, jogos de búzios, sobre a história do lugar e a junção de algumas pessoas, conhecemos sobre outros tipos de banches além do de desencarrego, dentre várias outras coisas.

Todos foram muito simpáticos ao nos receber, até a minha irmã pôde ter essa experiência, ela disse que gostou muito porque não é tinha nada de ruim como as maioria das pessoas falam, ela achou o lugar muito organizado, e gostou do conceito de que cada orixá tem o seu quarto.

- Foi apresentado como preparar os banches pela benzedura Anair, enquanto ela explicava uma outra maneira na prática. Foi ~~em~~ também apresentado outros tipos de plantas que não consegui anotar.

Tivemos um momento da roda de conversa, ~~em~~ ~~o~~ momento onde teve o procedimento, que serve para tirar as energias negativas, visitamos os quartos/lugar de cada orixá, ao final de tudo tivemos o momento em que pudemos comer todos juntos.

Jandaia

ANEXO D: Carta em homenagem a Mãe Nany e a todos os/as filhos/as de santo

Mãe Nany e toda a sua família,

Naí, de 7^o ano Matutino, tenho um prazer de visitar a seu esposo mestral e poder compartilhar algumas raízes com todos os pessoas dessa comunidade a sua-religiosa.

Sobretudo, através do professor Diego, que a senhora é filha do grande jogador que coloca todos na mesa de todos sem distinção e discriminação. Ninguém vai sem comer.

Que Deus e pai Otavio continuem abençoando a senhora e todos os seus filhos e filhas.

O mestre muito obrigado.

7^o Ano MA.

ANEXO E: Redação elaborada pelo aliado São Gonçálio

COMENTÁRIO

Perfeito! Sua proposta de intervenção contemplou todos os cinco elementos requeridos para garantir a nota máxima na Competência 5: o agente envolvido, a ação proposta, o método empregado, os resultados esperados e um detalhamento. Continue assim, pois você está no caminho certo!

A feira de São Joaquim, localizada em Salvador, capital da Bahia, reúne diversos agricultores que vendem alimentos orgânicos e buscam, a partir de seus trabalhos, a valorização tanto da cultura, como da diversidade alimentar brasileira. Entretanto, a imposição de um padrão de alimentação e a mentalidade voltada ao lucro e não a satisfação de uma necessidade humana configura um obstáculo que deve ser combatido no Brasil.

No que diz respeito ao que foi mencionado, o renomado geógrafo Milton Santos destaca o funcionamento de um mundo globalizado, com a integração de uma aldeia global em que tanto informações, pessoas, tradições e culturas circulam pelos países de forma indiscriminada. Dessarte, o Brasil não escapa dos problemas de um mundo globalizado, uma vez que a necessidade social da alimentação vem se tornando cada vez menos diversa e abraçando muito pouco a própria cultura matriz.

Ademais, um mundo interconectado também pode trazer a falsa impressão de que todos os países irão compartilhar um pouco de sua cultura para cada nação. Entretanto, o que realmente acontece é que grandes blocos econômicos, às vezes contendo apenas dois ou três países, impõem sua própria cultura e suas próprias mercadorias para todos os outros países, tais estes que incluem o Brasil, país tal qual a necessidade de lucrar para grandes empresas internacionais ultrapassa a necessidade de abastecer a própria população com alimentação saudável e diversificada.

Em síntese, para evitar ainda mais danos ao povo brasileiro, torna-se fundamental que o Governo Federal, por meio do ministério da Agricultura, aloque fundos para a construção de cozinhas solidárias abastecidas pelos próprios agricultores brasileiros, para que desta forma, a nossa sociedade consiga abrir caminhos para a valorização da própria culinária e cultura, somente sob este olhar, o objetivo dos vendedores da feira de São Joaquim será finalmente conquistado.

👍 *Parabéns por introduzir um elemento coesivo de forma adequada no seu texto. Essa escolha contribuiu para a clareza e organização da sua escrita.*

Competência 5

👍 1 🗨️ 0 Total 1

👍 *Sua proposta de intervenção contempla todos os 5 elementos indispensáveis para alcançar uma excelente nota na Competência 5. Seu trabalho foi excepcional!*

ANEXO F: Registros de fotos durante os Momentos Ancestrais.

Observação: Fonte de todas as fotos desse anexo, Kauã Mateus, 2023.



